

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM URBANISMO,
HISTÓRIA E ARQUITETURA DA CIDADE**

Maicon Lincon Leitoles

**PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES
NO ESPAÇO PÚBLICO
O CASO DA RUA XV DE NOVEMBRO EM CURITIBA**

Dissertação submetida ao Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade – PGAU-CIDADE, da Universidade Federal de Santa Catarina para a obtenção do Grau de mestre em Urbanismo, História e Arquitetura da cidade.

Orientador: Prof. Almir Francisco Reis

Florianópolis
2016

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor,
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Leitoles, Maicon Lincon

Permanências e transformações no espaço público :
O caso da rua XV de Novembro em Curitiba / Maicon
Lincon Leitoles ; orientador, Almir Francisco Reis
Florianópolis, SC, 2016.
183 p.

- Universidade Federal de Santa Catarina, Centro
Tecnológico, Programa de Pós-Graduação em Urbanismo,
História e Arquitetura da Cidade, Florianópolis, 2016.

Inclui referências.

1. Arquitetura. 2. Morfologia urbana. 3. Espaço
público. 4. Sintaxe Espacial. 5. Rua XV de
Novembro. I. Reis, Almir Francisco. II.
Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de
Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da
Cidade. III. Título.

Maicon Lincon Leitoles

**PERMANÊNCIAS E TRANSFORMAÇÕES NO ESPAÇO
PÚBLICO - O CASO DA RUA XV DE NOVEMBRO EM
CURITIBA**

Esta Dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de “mestre”, e aprovada em sua forma final pelo Programa de Pós Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade – PGAU-Cidade.

Florianópolis, 13 de dezembro de 2016.

Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof. Almir Francisco Reis, Dr.
Orientador

Prof.^a Soraya Nórr, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Alicia Norma González de Castells, Dr.^a
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof.^a Jussara Maria Silva, Dr.^a
Universidade Positivo

Dedico este trabalho a todos os meus
colegas e à minha amada família.

AGRADECIMENTOS

À Deus, que todos os dias de minha vida, enche-me de graças.

Ao Estado e à nação Brasileira pela oportunidade de cursar uma pós-graduação e adquirir evolução intelectual e humana.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal em Nível Superior (CAPES), pelo apoio à pesquisa.

Ao Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU-Cidade).

Aos membros da banca, professoras, Soraya Nór, Alicia Norma González de Castells e Jussara Maria Silva, pela atenção e contribuições para o aprimoramento desta dissertação.

Ao professor orientador, Almir Francisco Reis, pela dedicação, objetividade, segurança, e amizade.

Aos demais mestres do Programa de Pós-Graduação em Urbanismo, História e Arquitetura da Cidade (PGAU-Cidade), pela imensurável contribuição para minha formação acadêmica, profissional e pessoal.

À Professora Jussara Maria Silva, por ter me iniciado na formação acadêmica.

À Anabelli Simões Peichó pelas contribuições na arte gráfica do trabalho.

À minha família, pais e irmãos, pelo apoio e incentivo constante nestes três anos de trabalho.

À Luciane Centenaro pelo companheirismo amável, fiel e sincero na produção final desta pesquisa.

Aos amigos do curso, pelos momentos de discussão, pelas experiências compartilhadas, pelas horas de descontração e pela amizade.

Por fim, a todos, que citados ou não, contribuíram para que esta etapa fosse concluída.

O que são ruas, senão o ponto de encontro para vários séculos? Ruas são meios de comunicação. Ruas são o resumo de um início, um meio e um recomeço. Ruas são as veias de uma cidade, são o trono onde podemos ser reis e podemos ser ninguém. Ruas são enciclopédias. Ruas, Curitiba possui quase oito mil e quinhentas que somam quatro mil quilômetros de galáxias. Ruas não devem ser somente atravessadas. Ruas devem ser lidas como se fossem frases. Ruas atropelam, ruas amedrontam, ruas encantam, ruas dividem casas e unem namorados. Toda turma tem sua rua. Ruas são o nosso desejo de buscar caminhos que nos permitam ser arquitetos de nós mesmos. Todas elas traduzem a vontade humana de buscar novos lugares. Quem as conhece sabe que não existem ruas fechadas. Quem as conhece, sabe que todas as ruas têm saída. FENIANOS (2006)

RESUMO

A pesquisa apresenta as relações entre forma física da cidade, distribuição de atividades e usos do solo e efetiva apropriação do espaço público. A investigação se desenvolve sobre um dos espaços mais simbólicos e tradicionais da cidade de Curitiba, a rua XV de Novembro. Tem como objetivo reconhecer o significado contemporâneo de um dos espaços públicos mais importantes da cidade para que se possa colher subsídios para um processo de proteção e qualificação espacial. Como base teórica e conceitual, foi utilizada a Teoria da Sintaxe Espacial para o reconhecimento e avaliação das relações entre forma e apropriação social do logradouro, durante os vários períodos históricos de crescimento e ocupação urbana da cidade. Observou-se que durante toda a história de ocupação da cidade, a rua XV de Novembro sempre esteve como um dos espaços públicos mais significativos da cidade. Foi constatado, por meio da leitura da forma da cidade como um todo que é na região central, onde se localiza a rua XV de Novembro, que se têm os espaços mais integrados e acessíveis de toda a malha urbana de Curitiba, dessa maneira, favorecendo a ocupação e a vida urbana. No nível local, foi averiguado que a rua XV de novembro se apresenta como um vazio na massa edificada, além disso, a relação entre o espaço público e privado é alimentado por diversas transições presentes nas edificações, que propiciam a existência de uma vida urbana intensa. Observou-se, porém, que há uma excessiva espacialização do uso comercial e de serviço na via, dificultando a apropriação pública intensa em todos os horários do dia. Por fim, ao longo de permanências e transformações em seu cotidiano urbano, a rua XV de Novembro apresenta-se hoje, assim como nos primórdios da ocupação urbana de Curitiba, como a conversora dos fluxos e movimentos da cidade.

Palavras-chave: Morfologia urbana. Espaço público. Sintaxe espacial. Apropriação. Rua XV de Novembro.

ABSTRACT

This research presents the conexions among the city's physical form, the distribution of activities, the uses of the soil and public space appropriation. The investigation was developed on one of the most symbolic and traditional places of the city of Curitiba: the XV de Novembro Street. Its purpose is to recognize the contemporary meaning of one of the city's most important public spaces in order to gather data for a spacial qualification and protection process. As for theoretical and conceptual basis, the Space Syntax Theory was used for the recognition and evaluation of the relations between shape and social appropriation of the referred street, during the historic years of urban growth and occupation of the city. It was observed that during all the city's occupation history, that XV de Novembro Street has always been one of the most significant places of the city. It was noticed, through the analysis of the city's form as a whole, that in the downtown area – where XV de Novembro is at - are the most integrated and accessible spaces of the urban environment, favoring the occupation and the urban life. At local level, it was verified that XV de Novembro Street is presented as a void among the buildings, moreover, the relationship between the public and the private space is fed by several transitions on the buildings, allowing the existence of an intense urban life. However, it was also observed, that there is excessive spatialization of the commercial and service use on the street, making the intense public appropriation difficult at all times of the day. Finally, through permanence and transformations in its urban routine, XV de Novembro Street is presented today, as much as in the beginning of Curitiba's urban occupation, as the city's movement and flow converter.

Key words: Urban morphology. Public space. Space syntax. Appropriation. XV de Novembro Street.

LISTA DE FIGURAS

- Figura 1- Localização da Cidade de Curitiba. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dados: IPPUC. _____ 32
- Figura 2 – Síntese do método do trabalho. Fonte: Elaborado pelo autor. _ 34
- Figura 3 - Mapas de figura-fundo. O arranjo dos edifícios evidencia espaço exterior negativo, à esquerda, o espaço exterior positivo, à direita. Fonte: ALEXANDER *et al.*, 1977, p. 518. _____ 44
- Figura 4 - Primeiro registro visual da cidade, de 1827. Obra do pintor Jean Baptiste Debret. Fonte: Duarte, 2002. _____ 60
- Figura 5 - Planta da Cidade de Curitiba em 1850, no detalhe rua XV de Novembro. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor. _____ 61
- Figura 6 - Planta da Cidade de Curitiba em 1857. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor. _____ 63
- Figura 7 - Planta da Cidade de Curitiba em 1894. _____ 65
- Figura 8 - Relação da rua XV de Novembro com o Passeio Público e Estação Ferroviária, inaugurados, no fim do século XIX. Fonte do Mapa: IPPUC, com edição do autor. Fonte das imagens: Site Curitiba Antiga. _ 66
- Figura 9 - Rua XV de Novembro em 1896. Um dos primeiros registros fotográficos da rua. Em primeiro plano trecho localizado entre as ruas Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco, vista para a praça Osório. ____ 67
- Figura 10 - Atividades desenvolvidas no pavimento térreo das edificações da rua XV de Novembro no final do século XIX. Os lotes em branco são sem ocupação. Fonte: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996. _____ 68
- Figura 11 - Registro da cidade de Curitiba em 1914. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor. _____ 69
- Figura 12 - Rua XV de Novembro, no carnaval de 1902. Fonte da imagem: IPPUC. _____ 71

Figura 13 - Desfile político em 1905, na rua XV de Novembro. No centro da imagem, esquina da rua XV com rua Monsenhor Celso, vista sentido praça Osório. Fonte da imagem: IPPUC. _____ 72

Figura 14 - Rua XV de Novembro antes e depois da substituição do calçamento dos passeios na década de 20. Fonte da imagem: DUARTE, 2002. _____ 73

Figura 15 - Com o rigor da moda, o footing feminino, na década de 1920, na rua XV de Novembro. Fonte da imagem: DUARTE, 2002. _____ 74

Figura 16 - Atividades desenvolvidas no pavimento térreo das edificações da rua XV de Novembro no período de 1910 e 1920. Os lotes em branco são sem ocupação. Fonte da imagem: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996. _____ 75

Figura 17 - Rua XV em 1924, entre as Ruas Marechal e Monsenhor Celso, no período que circulavam as linhas de bondes elétricos. Fonte: Veracidade, 2004 _____ 76

Figura 18 - Rua XV de Novembro em 1933. Fonte: IPPUC _____ 76

Figura 19 - Registro da cidade de Curitiba em 1935. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor. _____ 77

Figura 20 - Movimento diário na rua XV de Novembro em 1940. Fonte da imagem: Veracidade, 2004. _____ 78

Figura 21 - Av. João Pessoa em 1942. Fonte da imagem: DUARTE, 2002 80

Figura 22 - Rua XV de Novembro em 1948. Jovens junto às fachadas das lojas a observar o movimento. Fonte da imagem: Veracidade, 2004. ____ 80

Figura 23- Rua XV de Novembro, na então “Cinelândia”. Meados da década de 60, aos fundos, praça Osório. Fonte da imagem: Site Curitiba Antiga _____ 82

Figura 24 - Vista aérea da região central da cidade em 1950. Fonte da imagem: STOCCHERO, 2010, com edição do autor. _____ 83

Figura 25 - Atividades na rua XV de Novembro na década de 50. Na figura 1 e 2, corridas de ruas. Na figura 3, desfile da Miss Alemanha. Na figura 4, encontro para transmissões públicas de grandes eventos. Fonte das imagens: STOCCHERO, 2010. Nas Figuras 5 e 6, manifestações políticas na rua XV de Novembro na década de 60. Fonte das imagens: Duarte, 2002. _____ 84

Figura 26 - Mapa dos trechos alargados (em azul), na região central da cidade. No destaque em vermelho, rua XV de Novembro. Fonte da imagem: DUARTE, 2002, com edição do autor. _____ 85

Figura 27 - Demolição das edificações na rua XV de Novembro. Fonte da imagem: DUARTE, 2002. _____ 86

Figura 28 - Ordem das quadras da rua XV de Novembro a serem fechadas ao trânsito de veículos. Fonte mapa: Google Earth 2016, com edição do autor. _____ 88

Figura 29 - Obras de calçamento da rua XV de Novembro em 1972. Fonte: Acervo Fundação Cultural de Curitiba. _____ 90

Figura 30 - Primeiro trecho da rua XV antes de ser fechado para o trânsito de veículos em 1972. Fonte: Veracidade, 2004. _____ 91

Figura 31 - Foto aérea do “calçadão”. Torre de ingresso e sala de estar, em 1972. Primeira quadra a ser fechada para veículos. Fonte: Veracidade, 2004. _____ 91

Figura 32 - Localização dos shoppings centers na região central da cidade nas décadas de 80 e 90. No destaque, rua XV de Novembro. Na localização 1 Shopping Crystal Plaza, 2 Shopping Curitiba, 3 Shopping Estação (Antiga estação ferroviária), 4 Shopping Mueller. Fonte: Google Earth, com edição do autor. _____ 92

Figura 33 - Rua XV de Novembro, início do século XXI. Vista da rua sentido praça Osório (aos fundos). Fonte da imagem: IPPUC. _____ 97

Figura 34 - Evolução da ocupação urbana de Curitiba. Adaptação própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fontedados dados: IPPUC. 98

Figura 35 - Dois momentos da rua XV de Novembro. À esquerda em 1960 (vista aérea da primeira quadra, junto a praça Osório sentido praça Santos Andrade), e no ano de 2016 (vista aérea da quadra entre as ruas Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto). Fonte das imagens: IPPUC (1960) e Gazeta do Povo (2016). _____ 99

Figura 36 - Malha urbana atual de Curitiba, em destaque a rua XV de Novembro. Elaboração própria do Autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 100

Figura 37 - Recorte da rua XV de Novembro. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dados: IPPUC _____ 101

Figura 38 - Delimitação da rua XV de Novembro para o estudo. Fonte: Google Earth, com edição própria do autor. _____ 102

Figura 39 – Calçadão da rua XV de Novembro. Outubro 2016. Fonte: Foto do Autor. _____ 103

Figura 40 - Foto sobre a Rua XV, centro do calçadão, vista para Praça Osório. Outubro 2016. Fonte: Foto do autor. _____ 103

Figura 41 - Rua XV de Novembro. Quadra entre as ruas Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco (em primeiro plano). Outubro 2016. Fonte: Foto do autor _____ 104

Figura 42 - Rua XV de Novembro. Quadra junto à praça Santos Andrade. Outubro 2016. Fonte: Foto do autor. _____ 105

Figura 43 - "Skyline" do lado esquerdo da rua XV de Novembro. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dados: levantamento de campo, 2016. _____ 107

Figura 44 - Mapa axial de Curitiba em 1850. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 113

Figura 45 - Mapa axial de Curitiba em 1857. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 115

Figura 46 - Mapa axial de Curitiba em 1894. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC _____ 117

- Figura 47 - Mapa axial de Curitiba em 1914. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC _____ 121
- Figura 48 - Mapa axial de Curitiba em 1935. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 123
- Figura 49 - Mapa axial de Curitiba em 1962. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 127
- Figura 50 - Mapa axial de Curitiba em 1971. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC _____ 129
- Figura 51 - Mapa axial de Curitiba em 2013. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 133
- Figura 52 - Evolução sintática de Curitiba. De 1850 a 1914. Elaboração própria do Autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 136
- Figura 53 - Evolução sintática de Curitiba. De 1935 a 2013. Elaboração própria do Autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC. _____ 137
- Figura 54 - Cheios e vazios. Rua XV de Novembro e entorno. Elaboração própria do autor, a partir do levantamento feito por meio de foto aérea, 2016. _____ 141
- Figura 55 - Constituições. Rua XV de Novembro e entorno. Elaboração própria do autor, a partir do levantamento de campo, 2016. _____ 145
- Figura 56 – Relação entre espaço público e as edificações em diferentes períodos. Figura A, período da tarde durante a semana, figura B, período da tarde em um domingo. Foto de Novembro de 2016. Fonte: Fotos do autor. _____ 147
- Figura 57 - Usos do solo. Rua XV de Novembro e entorno _____ 151
- Figura 58 - "Skyline" da Rua XV de Novembro, com a distribuição de atividades impressas no lado esquerdo da via. Elaboração própria do autor, a partir de levantamento de campo. _____ 153

Figura 59 - Fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro em horário comercial (a e b). Foto a: na esquina da Rua Ébano Pereira com rua XV, sentido rua Praça Santos Andrade. Foto b: quadra entre as ruas Marechal F. Peixoto e Monsenhor Celso, também sentido praça Santos Andrade. Fotos do autor, fevereiro de 2016. _____ 155

Figura 60 - Fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro. (a) Sábado à tarde, (b) período da noite. Foto a: quadra entre as ruas Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco (sentido Praça Santos Andrade), foto b: quadra entre as ruas Dr. Muricy e Ébano Pereira (sentido praça Osório). Fotos do autor, fevereiro de 2016. _____ 155

Figura 61 - Fluxo de pedestres da rua XV de Novembro, esquina com rua Marechal Floriano Peixoto. Foto a: durante o horário comercial, dia de semana, foto b: fora do horário comercial, dia de semana. Novembro, 2016. Fonte: Foto do autor. _____ 156

Figura 62 – Os Bares Mignon e Triângulo na rua XV de Novembro. Fonte Imagem: Site Babilonia.net _____ 158

Figura 63 - Mesas e cobertura acrílico roxo, espaço atemporal da rua XV de Novembro. Fonte: Site Circulando por Curitiba, foto de Washington Cesar Takeuchi, 2014. _____ 158

Figura 64 - Bares Triângulo e Mignon. Novembro de 2016. Importante uso comercial nos mais diversos períodos do dia na rua XV de Novembro. Fonte: Foto do autor. _____ 159

Figura 65 - Confeitaria das Famílias, desde 1945 na rua XV de Novembro. Fonte: Foto do autor, novembro de 2016. _____ 160

Figura 66 - Rua XV de Novembro aos fins de semana, fora de horário comercial. Novembro de 2016. Fonte: Foto do Autor. _____ 162

Figura 67 - Pontos de registro de pedestres. Elaboração própria do autor a partir do levantamento de campo, 2016. _____ 163

Figura 68 - Movimentação diária na rua XV de Novembro. Fotos realizadas do 8º pavimento de um edifício comercial, localizado na quadra entre as ruas Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto. Fotos próprias do autor. _ 165

Figura 69 - Artista debruçado sobre seu trabalho na rua XV de Novembro. Fonte: Washington Cesar Takeuchi, 2016. _____	166
Figura 70 - Artista faz apresentação musical na rua XV de Novembro. Novembro de 2016. Fonte: Foto do autor. _____	167
Figura 71 - Posto de vacinação na rua XV de Novembro. Fonte: Gazeta do Povo, 2014. _____	168
Figura 72 - Promoção de evento esportivo na rua XV de Novembro. Fonte: Gazeta do Povo, 2016. _____	168
Figura 73 - "Bondinho" da Rua XV de Novembro. Fonte: Foto do autor, 2016. _____	169
Figura 74 - Corrente Cultural de 2013, show na Rua XV de Novembro. Fonte: Washington Cesar Takauchi, 2013. _____	170
Figura 75 - Corrente Cultural de 2015, show na Rua XV de Novembro. Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2015. _____	171
Figura 76 - Aglomeração popular no período do carnaval 2016. Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2016. _____	171
Figura 77 - Concerto de Natal 2015 no Palácio Avenida. Rua XV de Novembro com Travessa Oliveira Belo. Fonte: Washington Cesar Takauchi, 2015. _____	172
Figura 78 - Evento de Natal na rua XV de Novembro. Público assistindo à apresentação. Dezembro de 2015. Foto do autor. _____	173
Figura 79 - Evento de Natal na rua XV de Novembro. Público assistindo à apresentação. Dezembro de 2015. Foto do autor. _____	173
Figura 80 - Galeria de Luz, Rua XV de Novembro, 2012. Fonte: Site Matraqueando. _____	174
Figura 81 - Galeria de Luz, rua XV de Novembro, 2012. Fonte: Gazeta do Povo, 2013. _____	175

Figura 82 - Manifestação política na rua XV de Novembro. Gazeta do Povo, 2016. _____ 176

Figura 83 - Manifestação política na rua XV de Novembro. Gazeta do Povo, 2016. _____ 176

LISTA DE QUADROS

Quadro 1- Registro número de pedestres. Elaboração própria a partir do levantamento de campo, maio de 2016. _____ 161

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

COMEC - Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

IPARDES - Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social.

IPPUC - Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba

PMC - Prefeitura Municipal de Curitiba

RMC - Região Metropolitana de Curitiba

SE - Sintaxe Espacial

TSE - Teoria da Sintaxe Espacial

URBS - Empresa de Urbanização de Curitiba

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO	29
Objetivos	33
Método	34
Estrutura do trabalho	35
<u>1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS: A ARQUITETURA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS</u>	<u>36</u>
1.1 ESTUDIOSOS DA CONFIGURAÇÃO E DA URBANIDADE	36
1.1.1 CAMILLO SITTE	36
1.1.2 JANE JACOBS	38
1.1.3 CHRISTOPHER ALEXANDER	43
1.1.4 BILL HILLIER E JULIENNE HANSON	46
1.1.5 JOHN PEONIS	47
1.1.6 FREDERICO DE HOLANDA	49
1.1.7 JAN GEHL	50
1.2 CONSOLIDANDO REFERÊNCIAS: CONSTRUÇÃO DO MÉTODO	52
1.2.1 CRESCIMENTO URBANO – A EVOLUÇÃO DA OCUPAÇÃO DA CIDADE	53
1.2.2 MORFOLOGIA URBANA – CARACTERÍSTICAS DA FORMA DA CIDADE	54
<u>2 A RUA XV DE NOVEMBRO E SEU CONTEXTO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ESTRUTURA ESPACIAL DA CIDADE DE CURITIBA</u>	<u>57</u>
2.1 A CURITIBA COLONIAL	58
2.1.1 SÉCULO XVII – INÍCIO DA POVOAÇÃO	58
2.1.2 SÉCULO XVIII – CONSTITUIÇÃO DA VILA E DA SOCIEDADE	58
2.1.3 INÍCIO DO SÉCULO XIX – DE VILA À CIDADE	60
2.1.4 1850-1900 – EXPANSÃO DO NÚCLEO CENTRAL	61
2.2 1900 A 1950 - O DESENVOLVIMENTO DA MALHA URBANA. O INÍCIO DO SÉCULO XX.	69
2.3 1950-1970 - INSERÇÃO DOS ELEMENTOS DO PLANO AGACHE À ESTRUTURA URBANA	81

2.4	1970-1990 - IMPLANTAÇÃO DO PLANO WILHEIN	87
2.5	1990 AO INÍCIO DO SÉCULO XXI	92

**3 A RUA XV DE NOVEMBRO E SEU CONTEXTO:
ESTRUTURA CONFIGURACIONAL DA CIDADE DE
CURITIBA** **99**

3.1	ANÁLISE DA FORMA – O PAPEL DA RUA XV DE NOVEMBRO NO CONTEXTO ESPACIAL DE CURITIBA	109
3.1.1	ANÁLISE DO TODO DA ESTRUTURA URBANA	109
3.1.2	ANÁLISE DA ESTRUTURA LOCAL	138
3.1.2.1	Cheios e vazios	138
3.1.2.2	Constituições	143
3.2	A DISTRIBUIÇÃO DE ATIVIDADES	148
3.2.1	ATIVIDADES REMANESCENTES DA RUA XV DE NOVEMBRO	157
3.3	O COTIDIANO DA RUA XV DE NOVEMBRO: A VIDA SOCIAL	161
3.3.1	OS EVENTOS DA RUA XV DE NOVEMBRO	170
	CONSIDERAÇÕES FINAIS	177

INTRODUÇÃO

As sociedades contemporâneas têm vivido momentos de grandes transformações nos últimos anos. Estas transformações vêm afetando diretamente as características das cidades e também a relação entre as pessoas e o uso do espaço público. Com o rápido avanço das redes de comunicação e da maneira individualizada de viver, o espaço público tem perdido o seu papel como local de convivência e interação social, tem sido trocado, muitas vezes, por equipamentos de uso privado, lugares normalmente com controle de acesso e frequência pouco diversificada.

A história das cidades sempre esteve relacionada diretamente com os seus espaços públicos, pois eles refletem a evolução e o desenvolvimento das sociedades. Ao estudarmos os espaços de uso público das cidades estamos estudando a própria história da sociedade e sua relação com o espaço. Além disso, os espaços públicos estruturam e dão continuidade à cidade como um todo.

Este trabalho considera o espaço de uso público das cidades elemento fundamental da configuração urbana, pois é nele que se desenvolvem as atividades ao ar livre, as relações interpessoais e as interfaces espontâneas entre grupos e agentes sociais diferenciados. O espaço público aqui é entendido como:

[...] *lôcus* de uma cultura urbana compartilhada, fundada em valores coletivos; uma cultura que envolve o convívio entre os opostos, envolve diversidade, troca e, mais que tudo, o desfrute de uma cidade que tenha o espaço urbano como fundo ativo. (AGUIAR, 2012, p.61)

Os autores John Peponis (Peponis, 1992) e Richard Sennet (Sennet, 1993) revelam duas das principais funções do espaço público: a apropriação por diferentes categorias definidas pela estrutura social (classe, raça, ocupação) e a relação entre ideias, discursos e identidades culturais. Os espaços de uso públicos são, portanto, o local que permite o reconhecimento mútuo entre os diversos usuários que constituem a sociedade ao mesmo tempo em que são a base do modo de vida destes diferentes grupos.

A pesquisa concentra-se na configuração espacial da cidade, considerada, para efeitos do trabalho, além do resultado de concepções estéticas, ideológicas e culturais, como um sistema que pode favorecer ou restringir os movimentos, colocando limites e possibilidades no processo de utilização social dos espaços públicos. Assume-se, aqui, a relação dialética entre arquitetura e sociedade onde, a todo o momento, uma influencia a outra, tendo a configuração urbana grande importância na vida social. “Acredita-se que a configuração urbana tem implicações no funcionamento das sociedades. Ela nunca é gratuita. Ela evidencia uma cultura, uma ordem, um posicionamento, uma escolha”. (TENÓRIO, 2012, p.30)

O conjunto de barreiras e permeabilidades aos deslocamentos pessoais, organizados pela forma dos assentamentos, organiza padrões de presença ou ausência de pessoas nos lugares de uso público. Esses padrões formados ao longo do tempo, no dia-a-dia das pessoas, constitui a qualidade de vida urbana, pois pode implicar nas formas de relacionamento entre os diversos agentes que estão presentes na vida da cidade.

Esta pesquisa se debruça sobre os mesmos questionamentos de Holanda (2010) a respeito da configuração espacial.

A configuração arquitetônica (vazios, cheios e suas relações) implica maneiras desejáveis de indivíduos e grupos (classes sociais, gênero, gerações etc.) localizarem-se nos lugares, de se moverem por eles e conseqüentemente condições desejadas para encontros e esquivanças interpessoais e para visibilidade do outro? O tipo, a quantidade e a localização relativa das atividades implicam desejáveis padrões de utilização dos lugares no espaço e no tempo? (HOLANDA, 2010, p. 27)

A forma urbana é tanto o resultado das estruturas sociais, como condicionadora dos processos de produção e reprodução social. Esse entendimento coloca o traçado, a sua estrutura física, como elemento de grande importância, visto que é um dos componentes de maior permanência da cidade. Condicionado por questões geográficas e pela história, intervém no modo de vida da sociedade, afetando os processos sociais. Segundo Solá-Morales (1997) o traçado é o elemento que compreende e resume a organização conjunta do solo, retratando uma imagem duradoura e memorável da cidade.

O recorte analítico do trabalho concentra-se na ideia de urbanidade, entendida como atributo do meio urbano e da vida coletiva que propicia diferentes interações sociais, tendo por base estruturas da configuração da cidade. Buscaram-se os ecos do conceito de urbanidade nos escritos de Jane Jacobs, em sua obra “Morte e vida de grandes cidades” (Jacobs, 2009)¹, sobre vitalidade e diversidade do espaço público, em Bill Hillier e Julianne Hanson (Hillier & Hanson, 1984) sobre o modo como a urbanidade pode ser manifestada por meio da forma urbana e ainda nos escritos de Douglas Aguiar (Aguiar, 2012), que descreve o conceito de urbanidade como:

Algo que vem da cidade, da rua, do edifício e que é apropriado, em maior ou menor grau, elo corpo, individual e coletivo. A urbanidade, assim entendida, estaria precisamente nesse modo de apropriação da situação pelas pessoas, seja na escala do edifício, seja na escala da cidade. A urbanidade está no modo como essa relação espaço/corpo se materializa. (AGUIAR, 2012, p. 63)

A estrutura da cidade, marcada pelo seu traçado, tem na rua um dos seus principais elementos. A rua apresenta-se como componente de grande importância na estruturação das cidades, nos mais diferentes períodos históricos e nas mais diferentes sociedades. Neste sentido, o trabalho tem como objeto de estudo um dos mais simbólicos e tradicionais espaços públicos da capital do estado do Paraná, a rua XV de Novembro, situada na região central da cidade de Curitiba.

¹ O trabalho original de Jane Jacobs é de 1961, esta pesquisa utilizou a segunda versão traduzida do texto de 2009.

Curitiba, capital do estado no Paraná, se encontra na região sul do Brasil e é a oitava maior capital brasileira com 1.751.907 habitantes. Seu território está contido em uma área de 435,036 km². Juntamente com sua região metropolitana (RMC) que conta com 29 municípios e a população é de 3.223.836 habitantes². A cidade tem o setor de serviços, correspondendo a mais de 80% da sua economia. Curitiba apresenta um território 100% urbanizado. Na figura abaixo é identificada a localização da rua XV de Novembro na cidade de Curitiba, no destaque, a cidade com seus municípios limítrofes, que constituem a região metropolitana de Curitiba.

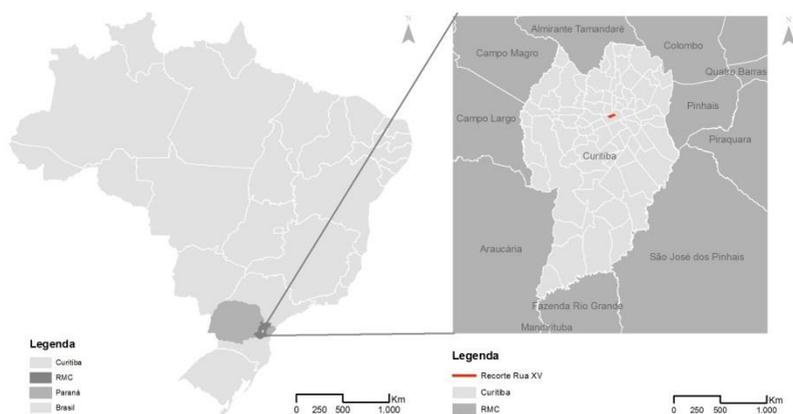


Figura 1- Localização da Cidade de Curitiba. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dados: IPPUC.

A investigação identificou as principais alterações sofridas pela Rua XV de Novembro ao longo do tempo, tanto em sua configuração local quanto no modo em que se insere junto ao tecido urbano da cidade de Curitiba como um todo. O estudo das relações entre forma física da cidade, atividades distribuídas no espaço e a apropriação do espaço público tem o propósito de reconhecer o significado contemporâneo da Rua XV de Novembro, como componente singular dentro da rede de espaços públicos da cidade.

² Dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE (2010), do Instituto Paranaense de Desenvolvimento Econômico e Social - IPARDES (2016) e da Coordenação da Região Metropolitana de Curitiba – COMEC.

Objetivos

O objetivo principal da pesquisa é estudar as relações entre a forma física da cidade, as atividades distribuídas no espaço e a apropriação do espaço público. O propósito é reconhecer o significado da rua XV de Novembro como componente da rede de espaços públicos da cidade de Curitiba.

Com o estudo foi possível avaliar o comportamento da rua ao longo de sua história, identificando as principais alterações sofridas durante o tempo e os diferentes significados que o espaço hoje possui, no sentido de recolher subsídios para um processo de proteção e qualificação espacial.

Constituem objetivos específicos do trabalho:

- A. Realizar análise histórica do desenvolvimento do traçado da cidade de Curitiba, resgatando a história de sua configuração espacial, focando explicitamente no papel da rua XV de Novembro no contexto do tecido urbano que lhe dá sentido.
- B. Avaliar a configuração do espaço da rua XV de Novembro, identificando seus atributos formais, indutores ou restritivos ao uso e à apropriação do espaço público.
- C. Identificar a atual forma de apropriação do espaço público da rua XV de Novembro.

Método

A pesquisa foi desenvolvida a partir de diversas leituras, tendo por base teorias específicas e envolveu representações gráficas para análise dos dados obtidos. As informações reunidas estão reproduzidas em mapas, gráficos e imagens interpretadas e apresentadas no texto.

O método de trabalho se baseia em duas principais vertentes: a leitura histórica e a análise morfológica (leitura configuracional). Dentro destes aspectos serão consideradas três características: forma, atividades e apropriação (co-presença), conforme esquema abaixo.

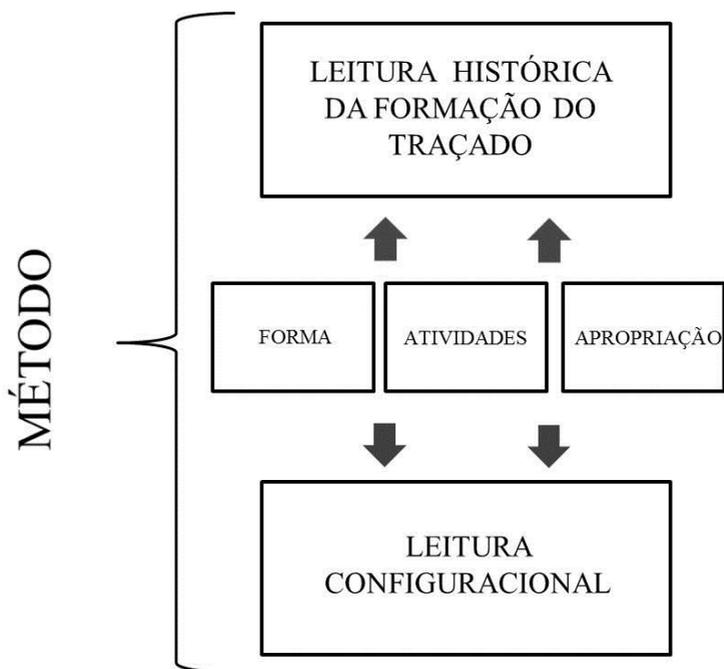


Figura 2 – Síntese do método do trabalho. Fonte: Elaborado pelo autor.

Inicialmente foi realizada a leitura histórica – no período de 1850 a 2013 - do desenvolvimento do traçado da cidade de Curitiba, resgatando a trajetória de sua configuração espacial, focando explicitamente o papel da rua XV de Novembro como eixo organizador e espaço público fundamental da cidade. Foram utilizados diferentes recortes temporais – 1850, 1894, 1914, 1935, 1962, 1971 e 2013 - os quais apresentaram ações e acontecimentos relevantes no processo de crescimento urbano da cidade.

Em um segundo momento, se deu a realização da análise morfológica. Dentro deste campo, foi analisada a relação da rua XV de Novembro, como forma, perante o contexto da cidade como um todo, e também em nível local, a relação da rua com a distribuição de atividades e também a relação da rua XV de Novembro com a apropriação do seu espaço público.

Estrutura do trabalho

O trabalho organiza-se em três principais capítulos, precedido de uma introdução e concluído com as considerações finais.

No primeiro capítulo são apresentados os estudiosos com trabalhos relevantes à temática desta pesquisa, abordando o campo analítico no qual foi desenvolvida. É apresentado também, detalhadamente, o método de trabalho, consolidado após as referências teórico-conceituais.

O segundo capítulo traz a leitura histórica da cidade de Curitiba, tendo como objeto principal de análise a rua XV de Novembro, no processo de crescimento urbano da cidade. A leitura inicia nos primórdios da ocupação do território, passando pelos principais períodos do crescimento, até os dias atuais.

No Terceiro capítulo é apresentada a leitura configuracional do trabalho. São desenvolvidas as três principais ações da vertente morfológica: forma, usos e atividades e apropriação. O capítulo inicia com a análise da forma urbana como um todo, nos diferentes períodos históricos, e da forma local da rua XV. Posteriormente, foi feita a análise da distribuição de atividades de uso do solo, por fim fez-se a análise da efetiva apropriação do espaço público da rua.

1 APROXIMAÇÕES TEÓRICAS E METODOLÓGICAS: A ARQUITETURA DOS ESPAÇOS PÚBLICOS

1.1 Estudiosos da configuração e da urbanidade

Este capítulo apresenta uma revisão conceitual dos pensamentos e temas que permeiam esta pesquisa. Basicamente, os autores apresentados discutem as implicações da constituição espacial da cidade nas relações sociais. São autores que se interessam no entendimento da forma urbana e nos efeitos das atividades e usos do solo, na geração de diversidade urbana. O levantamento desses estudos auxiliou na construção da metodologia de trabalho que será apresentada, logo após esta coletânea de referências.

1.1.1 Camillo Sitte

Arquiteto e historiador de arte, Camillo Sitte viveu em Viena – Áustria (1843-1903) e foi autor da obra: “A construção das cidades segundo seus princípios artísticos”, publicado originalmente em 1889³.

Camillo Sitte traz um trabalho revolucionário ao analisar os espaços públicos de diversas cidades europeias em diferentes períodos. O autor vê a praça com o principal espaço público da cidade – no verdadeiro sentido da palavra. A peculiaridade de Sitte (1992) é a abordagem da concepção artística dos espaços públicos, relacionando a estética à efetiva apropriação dos espaços. Destaca a influência do ambiente exterior sobre o sentimento humano: para o autor o urbanismo não deve ser pensado somente como técnica, mas também, e principalmente, como arte.

³ Este trabalho utilizou a edição de 1992 da obra, traduzido da quarta edição alemã, de 1909.

Sitte (1992), foi um dos primeiros autores a denunciar a inversão formal, ocorrida em algumas cidades do século XIX, onde os vazios se sobressaíram aos cheios. O autor é enfático no que diz respeito à constituição do espaço público que deve acontecer a partir da massa edificada.

Crítico do modo de caracterizar as praças pelo movimento moderno, o autor expressa:

Hoje, é designado por praça qualquer espaço vazio entre quatro ruas. Esta circunstância é suficiente em termos de higiene ou de outras considerações técnicas, mas, sob o ponto de vista artístico, um terreno vazio não é uma praça. (SITTE, 1992, p.47)

O autor destaca, também, o processo de inversão que estava acontecendo com a praça como espaço verdadeiramente público.

Nas cidades antigas, as praças principais eram uma necessidade vital de primeira grandeza, na medida em que ali tinha lugar uma grande parte da vida pública, que hoje ocupa espaços fechados, em vez das praças abertas. (SITTE, 1992, p.17)

A abordagem morfológica apresentada por Camillo Sitte está ligada à escala local das praças, sem analisar a inserção delas no tecido urbano. O autor apresentou estudos na escala local do espaço urbano, contribuindo, desta maneira, com a discussão dos atributos responsáveis pela qualidade dos espaços urbanos sem, contudo, problematizar o modo em que se encontram integrados com o todo da cidade.

A respeito da rua como espaço público, Sitte (1992) revela que as propostas na antiguidade enriqueciam as perspectivas, com as suas formas estreitas, sinuosas, definidas a partir das edificações, sem o compromisso do alinhamento e adaptadas à topografia do lugar. Segundo o autor a configuração dessas ruas é facilmente apreendida pelo olhar, e prioriza a apropriação para a circulação, convivência de pessoas e a realização de espetáculos públicos.

1.1.2 Jane Jacobs

Escritora e jornalista, Jane Jacobs (1916-2006) nasceu na Pensilvânia, Estados Unidos. A autora norte-americana tem algumas publicações, entre as quais se destaca “Morte e vida de grandes cidades”, lançado em 1961.

A obra de Jane Jacobs caracteriza-se fundamentalmente por uma crítica ao urbanismo modernista. Foi uma das primeiras autoras a alertar os efeitos negativos do movimento moderno para a vitalidade urbana. De suas argumentações podem-se retirar preocupações coerentes e práticas a respeito da forma urbana, cabíveis no contexto deste trabalho.

Jacobs (2009) valoriza a multifuncionalidade e a diversidade urbana, além de valorizar a rua como o lugar da vida pública. Para ela, os espaços públicos têm que ser palco das atividades, o que os torna seguros e interessantes, e favorece a vida pública.

A autora defende que a distribuição funcional e a configuração do espaço refletem no modo em que a sociedade se comporta. Apresenta um trabalho pautado na defesa da rua tradicional, na acessibilidade, na diversidade de funções e na alta densidade de usos.

Jacobs (2009) critica o movimento moderno pelas suas características espaciais, que incluem o isolamento dos edifícios, o predomínio de vazios sobre os cheios, a segregação de usos e funções (zoneamento), e a segregação dos espaços de pedestres daqueles destinados aos veículos. Para a autora, a rua é o elemento vital para a cidade. Defende que elas devem ser intensamente utilizadas, acessíveis e bem conectadas, com diversidades de funções e alta densidade de pessoas.

As ruas e suas calçadas, principais locais públicos de uma cidade, são seus órgãos mais vitais. Ao pensar na cidade o que lhe vem à cabeça? Suas ruas. Se as ruas de uma cidade parecem interessantes, a cidade parecerá interessante; se elas forem monótonas, a cidade parecerá monótona [...] se as ruas da cidade estão livres da violência e do medo, a cidade está, portanto, razoavelmente livre da violência e do medo. (JACOBS, 2009, p.29)

A autora evidencia a relação entre atributos espaciais e determinados comportamentos, e oferece sugestões morfológicas concretas, que podem favorecer a diversidade urbana. Destaca dois principais fatores para a vida pública que pode ser atingido por meio do desenho da cidade: a segurança e a diversidade. A segurança como requisito básico para o uso do espaço público pelas pessoas; a diversidade para garantir uma cidade que não seja um agrupamento de espaços homogêneos. Segundo Tenório (2012), o objetivo de Jane Jacobs é que haja vida urbana diversa e vibrante em todas as ruas da cidade.

Segundo a autora, a segurança está baseada na grande quantidade de pessoas nas ruas, das quais muitas devem ser desconhecidas. "É uma coisa que todos já sabem: uma rua movimentada consegue garantir a segurança; uma rua deserta, não" (JACOBS, 2009, p.35). Um espaço público que só tenha pessoas conhecidas tende a ser homogêneo e fechado, para um grupo de pessoas específico. Assim, espaços públicos que acolhem tanto pessoas antigas e conhecidas, como novas e eventuais, são bons e seguros.

Jacobs (2009) afirma que uma rua com infraestrutura capaz de receber pessoas estranhas e ter a segurança como vantagem devido à presença destas pessoas, necessita ser/ter, três características:

1) "Nítida [...] separação entre o espaço público e o espaço privado" (JACOBS, 2009, p.35). Jane Jacobs expõe seu desejo para que as pessoas exerçam uma "vigilância informal" sobre o espaço, e que devem estar claros os limites e de quem pertence o direito de gerenciar/cuidar da área.

2) "Olhos para a rua, os olhos daqueles que podemos chamar de proprietários naturais da rua. Os edifícios de uma rua preparada para receber estranhos e garantir a segurança tanto deles quanto dos moradores devem estar voltados para ela. Eles não podem estar com os fundos ou um lado morto para a rua e deixá-la cega" (JACOBS, 2009, p.35-36). O uso de portas e janelas voltadas para o espaço público pode ajudar a perceber o que ocorre no espaço ao seu redor.

3) "A calçada deve ter usuários transitando ininterruptamente, tanto para aumentar na rua o número de olhos atentos quanto para induzir um número suficiente de pessoas de dentro dos edifícios da rua a observar as calçadas" (JACOBS, 2009, p.36).

A autora percebe que pessoas se interessam em observar a movimentação de pessoas. Se não houver movimento nas ruas e calçadas, mesmo com a existência de portas e janelas para o espaço público, ninguém se interessaria em observá-las.

Para que haja pessoas no espaço público como ressaltado por Jacobs (2009), no entanto, é preciso que as pessoas queiram estar/passar por determinados lugares. Para isto a autora sugere:

Um número substancial de estabelecimentos e outros locais públicos dispostos ao longo das calçadas do distrito; deve haver entre eles sobretudo estabelecimentos e espaços públicos que sejam utilizados de noite. Lojas, bares e restaurantes, os exemplos principais, atuam de forma bem variada e complexa para aumentar a segurança nas calçadas. (JACOBS, 2009, p.37)

Segundo a autora, primeiramente, isto dá às pessoas motivos concretos para que usem os espaços (calçadas) onde estes usos estejam presentes. Em segundo lugar, faz com que as pessoas percorram os espaços públicos para chegar ao local de interesse. Por último a movimentação de pessoas a trabalho e a procura de lugares para comer e beber estabelece em si mesmo, atrativo para mais frequentadores. Ainda sobre isso, Jacobs (2009) afirma:

Este último item, de que a presença de pessoas atrai outras pessoas, é uma coisa que os planejadores têm dificuldade em compreender. Eles partem do princípio de que os habitantes das cidades preferem contemplar o vazio, a ordem e o sossego palpáveis. [...] Uma rua viva sempre tem tanto usuários quanto meros espectadores. (JACOBS, 2009, p.38)

Com relação à diversidade, Jane Jacobs enumera quatro aspectos que a gerariam: a necessidade de usos principais combinados; a necessidade de quadras curtas; a necessidade de prédios antigos; a necessidade de concentração.

A primeira condição para a diversidade está ligada a aspectos funcionais da forma urbana. Jacobs acredita ser muito importante o estabelecimento de usos combinados nas regiões, tendo como partido principal a distinção dos usos principais e dos secundários. Para a autora os usos principais são aqueles que funcionam como âncoras, que por si só atraem as pessoas e conseqüentemente geram vida urbana ao seu redor. A partir da identificação dos usos principais, Jacobs prega a combinação de usos: “qualquer uso principal isolado é um gerador de diversidade urbana ineficiente” (JACOBS, 2009, p.177). Essa combinação é entendida como complementariedade de funções e não como justaposição.

A respeito do segundo aspecto, Jacobs preocupa-se com a acessibilidade. Defende que as pessoas devem ter possibilidades e oportunidades de escolha de trajetos a realizar. Isso oferece à pessoa oportunidade de apropriar-se da cidade como um todo, conhecendo mais espaços e mais pessoas. Quadras curtas são mais voltadas às atividades de passagem, que ajudam na existência de uma quantidade razoável de estranhos (necessária para um espaço público diverso e seguro), favorecendo a diversidade.

Sobre o terceiro item, Jane Jacobs defende a necessidade de prédios de diferentes idades. “Se uma área da cidade tiver apenas prédios novos, as empresas que venham a existir aí estarão automaticamente limitadas àquelas que podem arcar com os custos dos novos edifícios” (JACOBS, 2009, p.207). A afirmação se encaixa também para o uso residencial. A autora valoriza todos os tipos de comércio e serviço oferecidos na cidade, dos mais simples aos mais sofisticados, desde aqueles que podem se instalar em edificações novas até aqueles que só podem pagar aluguéis ou compra de edifícios antigos. A soma desta oferta variada gera diversidade no espaço urbano.

Uma região que oferece somente o mesmo tipo de espaço para os estabelecimentos de comércio e serviços é muito pobre, pois não permite a diversidade de estabelecimentos. A mesma lógica pode ser aplicada com relação à habitação: é importante considerar a extensa diversidade de pessoas, famílias, modos de vida e faixas de renda na oferta de tipos edilícios e unidades habitacionais.

As combinações de prédios antigos, e as conseqüentes combinações de custos de vida e de gostos, são essenciais para obter diversidade e estabilidade nas áreas residenciais, assim como a diversidade de empresas. (JACOBS, 2009, p.215)

Por fim, Jacobs afirma que o espaço precisa de uma quantidade grande de pessoas, sejam quais forem os seus propósitos, inclusive o de moradia, e continua:

Grandes concentrações de pessoas são uma das condições necessárias para o florescimento da diversidade urbana. [...] Os outros fatores que influenciam a quantidade de diversidade gerada e os locais onde ela é gerada não terão muito que influenciar se não houver pessoas em número suficiente. (JACOBS, 2009, p.226)

Se o uso habitacional não estiver presente em determinadas regiões, não há como se obter o uso diverso e intenso do espaço público.

Para Tenório (2012), Jacobs era uma observadora atenta e sagaz do comportamento humano e da dinâmica da cidade. As suas observações no livro “Morte e vida de grandes cidades” explicitam sua vontade em entender e explicar a relação espaço/sociedade. Apesar de não oferecer método para levantamento da vida pública, nos apresenta muitos subsídios para decifrar os motivos que induzem à vitalidade de ruas e espaços públicos das cidades. Estes subsídios são utilizados na avaliação da rua XV de novembro apresentados no terceiro capítulo deste trabalho.

1.1.3 Christopher Alexander

Arquiteto e matemático nascido em 1936 na Áustria. Sua principal publicação é o artigo “*The city is not a tree*” (A cidade não é uma árvore), de 1965.

Na mesma linha de Jacobs (2009), Alexander aborda de maneira crítica o zoneamento monofuncional das cidades planejadas. Segundo o autor essa característica da cidade promove a fragmentação da vida e a decomposição da sociedade. Para Alexander a formação espontânea das cidades permite a sobreposição de áreas de influência de diferentes equipamentos e consequentemente a sobreposição de diferentes relações e interações sociais. As cidades planejadas constituídas por pequenas partes desconectadas entre si não permitiriam tal diversificação, pois só compartilham equipamentos de maior centralidade, que, por sua vez, encontram-se também separados delas.

A crítica está no modo como os modernistas viam as relações entre os elementos da cidade. Segundo Alexander (1965), o movimento moderno delimitava uma hierarquia rígida, onde determinado elemento sempre estava contido em outro mais amplo, propriamente como se fosse uma árvore. Para o autor, o esquema em árvore diminui a possibilidade de arranjos entre os elementos da cidade, reduzindo as possibilidades de interações e relações na cidade.

Assim como Jacobs (2009), o autor não chegou a uma descrição formal do tecido urbano aparentemente desordenado apresentado pelos princípios que diagnosticou. Mas seus conceitos servem como subsídios para a avaliação da rua XV de Novembro, objeto da pesquisa.

No trabalho de 1977, escrito juntamente com outros pesquisadores, intitulado “*A Patter Language: Town, Buildings, Construction*” (Uma linguagem de padrões: cidade, edifícios, construção), os autores fazem diversas recomendações para produzir cidades e edifícios mais vivos, em uma divisão de categorias conforme o título da obra.

A respeito da configuração dos espaços públicos, dentre diversos padrões abordados, Alexander *et al* descrevem um deles denominado: [106 - *Positive outdoor space* - Espaço exterior positivo], com a premissa que “Espaços exteriores que são meramente sobras entre edifícios geralmente não serão usados”. (Alexander *et al.*, 1977, p.518) Com isso apresentam dois tipos de espaço exterior: o positivo e o negativo.

Se você olhar para o plano de um ambiente onde os espaços exteriores são negativos, você vê os edifícios como figura, e os espaços ao ar livre como fundo. Não há reversão. É impossível ver o espaço exterior como figura, e os edifícios como fundo. Se você olhar para o plano de um ambiente onde os espaços exteriores são positivos, você pode ver os edifícios como figura e os espaços exteriores como fundo – e, você *também* pode ver os espaços exteriores como figuras contra o fundo dos edifícios. O plano tem reversão de figura-fundo. (ALEXANDER, ISHIKAWA e SILVERSTEIN, 1977, p.518-519 – grifos no original)

O mapa figura-fundo e a geometrização do espaço exterior servem como forma de representar uma realidade para compreender a sua relação com a percepção e comportamento das pessoas. A diretriz recomenda tornar positivos todos os espaços exteriores aos edifícios, dando-lhes certo grau de delimitação para favorecer sua definição e identificação como lugar.

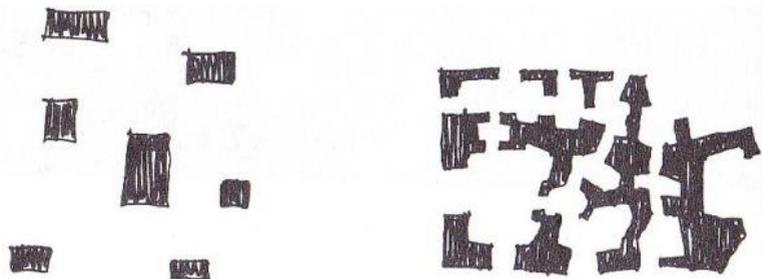


Figura 3 - Mapas de figura-fundo. O arranjo dos edifícios evidencia espaço exterior negativo, à esquerda, o espaço exterior positivo, à direita. Fonte: ALEXANDER *et al.*, 1977, p. 518.

Na configuração negativa, o espaço resultante das edificações é residual. Já na configuração positiva, a forma é distinta e coerente, importante assim como os edifícios que a rodeiam.

A respeito das ruas, os autores, no padrão [121 - *Path shape* - Forma do trajeto], trazem a rua não apenas como local de circulação. Enfatizam ser necessário que o espaço da rua mantenha as pessoas por mais tempo, contribuindo para a vida pública.

No que diz respeito aos edifícios e sua relação com o espaço público, no padrão [122 - *Building fronts* - Frentes dos edifícios], argumentam o que os recuos frontais prejudicam a relação direta entre público e privado – elemento favorável à vida pública - destruindo a rua como espaço de socialização. Pregam, portanto, que as fachadas dos edifícios não só sejam posicionadas nos limites do logradouro público, mas que tenham ângulos tais que as façam acompanhar completamente a forma das ruas. Apesar disso, sugerem também que haja um espaço de transição entre público e privado – fronteiras suaves – como jardins por exemplo. Para isso, sugerem que ele não seja tão grande, a ponto de bloquear a interação.

Já sobre as atividades nos espaços públicos, os autores demonstram a preocupação em criar espaços públicos acessíveis e que possam ser percorridos a pé, com diferentes atividades distribuídas nestes espaços.

No padrão [31 - *Promenade* - Passeio], Alexander *et al* (1977) propõem um passeio público que reúna os principais nós de atividades. Este espaço deve ter elevada quantidade de pedestres, possuir espaços de alimentação, lojas e além de ser propriamente uma atração, este espaço deve conectar lugares, deve ser rota para outros destinos. No item [88 - *Street cafe* - Café de rua] os autores reconhecem que cidades com cafés nas ruas, são cidades mais humanas, pois estes estabelecimentos favorecem a permanência das pessoas no espaço público por horas.

Sobre a vida noturna na cidade, os pesquisadores salientam a vontade das pessoas em realizar atividades no período noturno na cidade. Segundo eles, neste período, vivenciar a cidade é uma atividade especial. No item [33 - *Night life* - Vida noturna], colocam que os usos noturnos devem ser agrupados, para que um complemente o outro, assim atraiam número suficiente de pessoas.

Os autores preocupam-se com proposições que deem suporte às atividades no espaço público.

1.1.4 Bill Hillier e Julienne Hanson

Os autores Bill Hillier e Julienne Hanson foram os primeiros estudiosos da configuração e da urbanidade a fazer abstrações do espaço e da sociedade, para evidenciar e estudar a dialética entre estas duas realidades (TENÓRIO, 2012). Para estes autores, o espaço é encarado como sistema de permeabilidade e barreiras e a sociedade como sistema de encontros e esquivanças interpessoais.

A Teoria da Sintaxe Espacial (TSE), estabelecida pelos autores, se fundamenta na verificação da existência de uma lógica social do espaço, assim como também de uma lógica espacial da sociedade. A configuração de um lugar, sintetizada em um sistema de barreiras e permeabilidades, cria um campo de possibilidades ou restrições à circulação de pessoas (conteúdo social do espaço), e um sistema de opacidades e transparências ao campo da visão, que possui forte relação com o modo como os encontros entre as pessoas são gerados (conteúdo espacial da sociedade). A Teoria apresenta a questão de como e porque diferentes formações sociais encontram a sua materialização em diferentes formações espaciais.

Bill Hillier e Julienne Hanson, em sua publicação de 1984, intitulada “*The Social Logic of Space*” (A lógica social do Espaço, sem tradução para o português), revelam a indissociável relação entre a forma física de determinado assentamento urbano e a sociedade que ali vive e que o produz continuamente.

A ordem espacial é um dos meios mais evidentes pelos quais reconhecemos a existência de diferenças culturais entre uma formação social e outra, ou seja, diferenças na maneira pela qual membros destas sociedades vivenciam e reproduzem sua existência social. (HILLIER & HANSON, 1984, p.27)

O principal avanço trazido pela Teoria da Sintaxe Espacial é a consideração que a capacidade de determinados lugares serem mais ou menos favoráveis a utilização social depende não apenas de suas características locais, mas sim de suas características em um contexto maior, da cidade como um todo.

"Do ponto de vista da SE [Sintaxe Espacial], 'a cidade faz os lugares'. O atributo dos lugares é determinado pelo modo de sua inserção no todo" (HOLANDA, 2010, p.37). É a partir disso que progride a ideia de integração e segregação, já identificadas por Jacobs (2009) e Gehl (2006) com relação à localização de atividades e grupos sociais. A Teoria da Sintaxe Espacial tem papel importante na avaliação da forma da rua XV de Novembro dentro da cidade como um todo.

1.1.5 John Peponis

Peponis (1992) apresenta um debate teórico morfológico, elencando as abordagens que procuram relacionar forma urbana e apropriação do espaço público. O autor tem como ponto de partida a Teoria da Sintaxe Espacial apresentada por Hillier e Hanson (1984).

Para Peponis (1992), a Sintaxe Espacial é uma das poucas formas que possibilita entender como a cultura e a sociedade estão incorporadas nos específicos padrões relacionais que constituem a arquitetura.

O autor apresenta uma leitura das teorias urbanísticas pós-modernas, que segundo ele, apesar de apresentarem pesadas críticas aos princípios modernos, pouco mostraram para a evolução do conhecimento sobre a cidade e sua dinâmica sócio espacial. Basicamente, a crítica de Peponis (1992) às teorias pós-modernas está na superficialidade do estudo da forma, que se concentra somente na configuração local dos espaços em detrimento de uma análise no nível do todo, e por fim, à apresentação de trabalhos especulativos, sem estudos empíricos para sustentação.

Por meio da Sintaxe Espacial, o autor aponta a importância de enxergar o sistema urbano como partes que se relacionam entre si, tendo integração como seu conceito chave. A partir do "núcleo integrador", parte mais integrada e mais acessível de uma determinada estrutura urbana, e da forma da malha, é possível caracterizar o sistema urbano. Segundo o autor, pesquisas têm demonstrado que o grau de integração de um espaço está fortemente correlacionado com o número de pessoas que se locomovem nele.

Essa correlação, para Peponis (1992), sugere uma "lógica espacial probabilística".

As pessoas escolhem livremente sobre percursos independentes. Sem outra coordenação, a estrutura do espaço parece gerar padrões de difusão, modulação e convergência, que assimilam os percursos individuais a uma estrutura global. (PEPONIS, 1992, p.82)

Isto tem implicações sociais notáveis, com outras variáveis associadas a este padrão de movimentos, como por exemplo, o uso do solo. Para Peponis (1992), a correlação entre movimento e integração tem ainda como produto outro efeito, o padrão de co-presença no espaço urbano. Assim, como a integração pode captar padrões de movimento, pode captar locais em que há maior ou menor número de pessoas caminhando.

É claro que as pessoas interagem, partilham ou trocam experiências entre si, ou mesmo se notam mutuamente. A configuração determina apenas no notar potencial de outros, como o pano de fundo para uma sociedade ativa. (PEPONIS, 1992, p.82)

Com a ideia de “lógica espacial do movimento” e da “comunidade virtual⁴” como subprodutos do arranjo espacial, é possível compreender o papel do espaço como recurso cultural. Apesar do espaço não determinar as diferenças sociais, este:

[...] tem um papel muito mais importante a jogar, relacionado à decisão de como as identidades diferenciadas coexistem, expõem-se as comparações mútuas e formal parte da consciência cívica cotidiana. A nossa experiência espacialmente sustentada no meio ambiente urbano diz respeito ao encontro, mas não necessariamente à interação com pessoas reconhecidamente diferentes. Diz respeito também à exploração do inusitado e ao contato com outros modos de vida [...] (PEPONIS, 1992, p.82)

Segundo o autor a convivência com o outro, aquele que é diferente, é importante para todos tenham, no mínimo, a ciência de realidades diversas.

⁴ O conceito de comunidade virtual é expresso por Hillier (1986) na hipótese de que certos padrões espaciais correspondem a certos padrões de co-presença. O autor argumenta que a forma espacial cria um campo de encontros e co-presença possíveis, ainda que nem sempre realizáveis.

1.1.6 Frederico de Holanda

Arquiteto e pesquisador brasileiro, professor da Universidade de Brasília, o autor contribuiu com a Teoria da Sintaxe Especial (TSE) ao identificar duas tendências socioespaciais na história das sociedades. Holanda as caracteriza como o “paradigma da formalidade” e o “paradigma da urbanidade”. O paradigma da formalidade está ligado aos princípios da solidariedade mecânica, que é o encontro das pessoas nos espaços públicos de forma programada, em grupos homogêneos, organizados por meio de hierarquização, dispersão, especialização e segregação, com suas partes possuindo fronteiras bem definidas e controladas. Já o paradigma da urbanidade é ligado à ideia da solidariedade orgânica, com encontros de forma aleatória, em grupos variados, para o qual a cidade deve apresentar baixa hierarquização de suas partes, que devem ser complementares, interdependentes, integradas. A felicidade destas denominações vem da adequação de ambas tanto no que diz respeito a aspectos físicos quanto comportamentais.

Segundo Holanda (2002), a Sintaxe ocupa "lugar de honra" no estudo dos aspectos sociológicos da arquitetura, que são a motivação maior de suas pesquisas. Ele utiliza seus "conceitos basilares", ainda que em algumas, não lance mão de quantificações ou das saídas gráficas dos programas de computador que a apoiam, afirmando: "muitas variáveis analíticas da SE têm-se mostrado refratárias à quantificação" (HOLANDA, 2010 p.35).

Frederico de Holanda em sua publicação “*O espaço de exceção*” (HOLANDA, 2002), apresenta três níveis analíticos da sintaxe espacial: padrões espaciais, vida espacial e vida social. Nesta pesquisa trabalhar-se-á as categorias e atributos apenas dos dois primeiros níveis, identificando características para a busca da vida social baseada nos encontros espontâneos e diversos grupos no espaço público. Dentro dos padrões espaciais, com a representação de permeabilidades e barreiras, a constitutividade e a axialidade. Já dentro do nível vida espacial, a abordagem visará os “rótulos”, aqui identificadas como atividades e usos do solo no ambiente urbano.

1.1.7 Jan Gehl

Arquiteto, nascido em 1936 em Copenhague, Dinamarca. Jan Gehl lança, em 1971⁵, “*Life between buildings – Using public spaces*” (Vida entre os edifícios – usando espaços públicos, sem tradução para o português). Jan Gehl reforça as discussões a respeito da cidade tradicional, caracterizada pela continuidade, densidade elevada, multifuncionalidade e diversidade.

Para Gehl (2006), o espaço público é aquele resultante da massa construída, o vazio entre edifícios. O autor destaca a importância de determinadas decisões em diferentes escalas, evidenciando a necessidade de uma boa distribuição de atividades pelo espaço urbano. Dentro de uma escala urbana, o autor salienta que as atividades como habitação, comércio e serviço devem estar dispostas juntas e não separadas em grandes terrenos individuais. Dentro de uma escala setorial, aponta a necessidade das atividades estarem próximas uma das outras, resultando um espaço público compacto com pequenas distâncias a serem percorridas pelo pedestre. Já dentro da escala local, considera os espaços públicos com características humanas, como por exemplo, fachadas ao nível do pedestre com unidades estreitas e com muitas aberturas, evitar vazios no tecido urbano, e considerar as atividades ao nível do solo, evitando áreas elevadas ou rebaixadas.

O autor trabalha com as decisões configuracionais na escala local, que possuem influência direta na qualidade dos espaços públicos capazes de se tornarem “atratores” e fixadores de pessoas.

Jan Gehl concentra-se na observação das pessoas no espaço público e como se dão suas atividades de passagem e permanência. Deste modo, apresenta dimensões e atributos adequados do ambiente externo que permitem audição, visão, olfato e comunicação, elementos fundamentais na fruição do espaço público.

⁵ Este trabalho utiliza a edição de 2006 da obra.

Gehl (2006) compreende a importância da configuração do espaço para o surgimento de cidades com melhores ou piores condições para atividades ao ar livre. Apresenta diversas possibilidades para isso, e identifica dois extremos de cidades com diferentes configurações. Por um viés, estão as cidades com grandes avenidas para tráfego de veículos, edifícios altos, separados e distantes um dos outros, com poucas pessoas nas ruas e com espaços abertos, grandes e impessoais. Do outro viés estão as cidades com edifícios mais baixos, locais para pedestres, relação dos espaços livres com as edificações.

1.2 Consolidando referências: construção do método

As fontes bibliográficas que se observou estão concentradas na área de abordagem principal deste estudo: a morfologia urbana. São pesquisas e trabalhos que relacionam a forma urbana e a apropriação pública. Sabe-se que o estudo da forma urbana é uma abordagem de abrangência multidisciplinar, podendo incorporar na análise especificamente espacial, aspectos sociais, econômicos, históricos, antropológicos, filosóficos ou psicológicos. Buscaram-se, portanto, autores que estudam o espaço público, principalmente quanto a seu papel nas relações sociais.

Os estudos de morfologia urbana permitiram, especialmente, a quebra definitiva da orientação funcionalista que reconduzia sempre aos sistemas de movimento ou ao zoneamento das atividades [...] o estudo renovado e insistente da forma construída nas cidades permitiu comprovar a eficácia do método Morfológico, voltado a apresentar as partes da cidade como peças de um quebra-cabeça de múltiplas faces. (SOLÁ-MORALES, 1986, p.9 e 10)

Camillo Sitte (1992), ainda no século XIX, com preocupações mais voltadas à estética, abordava questões relativas à apropriação do espaço público, tendo como base ruas e praças como locais de passagem e de encontros. Já o entendimento do espaço público como um sistema que favorece ou dificulta o movimento e a interação entre os usuários pôde ser visto nas abordagens de Jacobs (2009), Alexander (1965), Alexander *et al* (1977), Hillier e Hanson (1984), Peponis (1991), Holanda (2002) e Gehl (2006). Alguns de maneira direta, outros no contexto de preocupações mais amplas, mas todos tratando da influência da forma urbana nas práticas sociais.

A base metodológica e conceitual para o estudo dos espaços públicos de Curitiba, e principalmente da rua XV de Novembro, provém destes autores que abordam as implicações da configuração espacial da cidade nas relações sociais. Tendo como parâmetro este referencial, foi possível a aplicação da Sintaxe Espacial, que se caracteriza com um instrumento para o estudo da relação entre sociedade e espaço em termos locais e em termos de estruturação do todo que é a cidade.

Além disso, foram incorporados também estudos a respeito do crescimento urbano a fim de entender o modo como a forma urbana se relaciona no tempo, identificando as características espaço-temporal do tecido urbano da cidade e sua consequente história.

1.2.1 Crescimento urbano – a evolução da ocupação da cidade

Diversos autores abordam o processo de crescimento urbano das cidades. Lobato (1989), avalia a ação de diferentes agentes no modo de produção e ordenação do espaço. Segundo o autor, se o espaço é urbano é tanto reflexo como condicionante da sociedade que o produz continuamente. Como reflexo, o espaço urbano é um produto social, pois é o resultado das diversas formas de atuação da sociedade sobre si, no tempo. É condicionante também, na medida em que, a locação de atividade e grupos é primordial para a produção e reprodução social.

O contexto urbano é um meio dinâmico, sempre em alteração, ligado intimamente com o seu processo histórico de formação e também articulado com o futuro. Da mesma maneira é parte de um todo. Milton Santos (1980), expressa que, para o entendimento de qualquer questão é preciso um enfoque mais abrangente com relação ao espaço e ao tempo.

[...] tudo o que existe articula o presente e o passado, pelo fato de sua própria existência. Por essa mesma razão, articula igualmente o presente e o futuro. Desse modo, um enfoque espacial isolado ou um enfoque temporal isolado são ambos insuficientes. Para compreender qualquer questão necessitamos um enfoque espaço-temporal. (SANTOS, 1980, p.205)

Este trabalho, estruturado numa análise morfológica do espaço urbano da cidade de Curitiba, tem preocupações específicas a respeito do traçado da cidade. Por isso reconstitui a construção espacial da rede de ruas de Curitiba ao longo da história, avaliando o seu papel no presente como elemento estruturador da rede de espaços públicos.

A importância do estudo da história da ocupação urbana, tendo no traçado seu principal componente, se dá pelo fato de este ser a estrutura de maior permanência no contexto das cidades. Os usos do solo, as edificações e as redes de infraestrutura possuem uma velocidade maior de transformação.

A cidade de Curitiba, cuja construção urbana ocorre há mais de três séculos, possui um traçado urbano hoje consolidado, portanto o seu resgate histórico constitui uma etapa muito importante no processo de conhecimento da forma da cidade. Para a compreensão do processo de construção do traçado urbano de Curitiba exigiu-se a verificação de obras já escritas a respeito da história da cidade, bem como a pesquisa em arquivos municipais na busca de fotos, mapas e reportagens históricas de diferentes períodos do processo de crescimento urbano.

1.2.2 Morfologia urbana – características da forma da cidade

Os estudos morfológicos desenvolvidos adotam a metodologia consolidada por Frederico de Holanda (HOLANDA, 1988, 2002). O autor avança na pesquisa de Hillier (1984), ao propor análises que extrapolam o limite da forma. Em um nível, envolve a espacialização das atividades e usos do solo, uma vez que esta localização gera efeitos próprios de co-presença. Em outro nível, na análise envolvendo a própria sociedade, busca uma congruência entre a sintaxe da forma e a distribuição das atividades, com a efetiva apropriação cotidiana do espaço público.

Desta maneira, na leitura morfológica - estrutura configuracional - a análise se divide em três níveis: a análise da forma, as atividades e a apropriação.

Na análise da forma urbana, foram considerados duas escalas de avaliação: a escala do todo da cidade, levando em consideração os diversos períodos históricos de crescimento urbano e a escala local, com identificação dos atributos relacionados diretamente à rua XV de Novembro.

Na escala da cidade como um todo, foi utilizada como base referencial metodológica a Teoria da Sintaxe Espacial, a qual permitiu a leitura do tecido urbano da cidade como um campo de possibilidades para a utilização social do espaço. Segundo Hillier (1984), o tecido urbano pode ser um aspecto definidor de fluxos e movimentos, podendo concentrá-los ou restringi-los, estabelecendo assim, hierarquias nas mais diversas vias que compõe o sistema urbano.

Já na escala local, foram avaliados os atributos relacionados à forma urbana que implicam diretamente na apropriação social do espaço da rua XV de Novembro. Nesta escala, foi considerada a forma dos vazios e também a relação entre o espaço público e privado, verificando-se as interfaces entre a massa construída e o espaço de uso público da cidade.

O segundo nível de análise relaciona-se diretamente à distribuição das pessoas pela forma física da cidade através da verificação das atividades e funções localizadas nas margens dos espaços públicos. Valorizando a multifuncionalidade, Jacobs (2009) defende que as distribuições funcionais se refletem em determinados arranjos sociais. Espaços diversificados com relação às suas funções atraem uma grande variedade de pessoas. Em relação às atividades e usos impressos nas edificações, Holanda (2003) completa:

Às barreiras e às permeabilidades físicas sobre o chão (sintaxe) se superpõem regras de utilização (semântica) que acrescentam significado simbólico à sintaxe do lugar e contribuem para constituir – produzir e reproduzir – padrões de interação social (HOLANDA, 2003, p.25).

Neste nível de análise são utilizadas ainda as contribuições de Alexander (1965,1977) e Gehl (1971) a respeito das relações entre as características da forma e a apropriação pública.

Neste contexto, de que os arranjos funcionais geram diferentes padrões de relacionamento entre as pessoas, observou-se como as diversas atividades localizadas no espaço público da rua XV de Novembro se relacionam com a estrutura da forma física da cidade. A análise se deu com o levantamento de campo, e consequente mapeamento da distribuição de usos do solo existentes na rua e no seu entorno imediato.

No terceiro nível de análise, verificou-se a efetiva apropriação do espaço público da rua XV de Novembro. Após a análise da forma, do contexto geral e da escala local, e da distribuição de atividades, aferiu-se como efetivamente se dá a apropriação social da rua. Para a realização deste estudo, foi feita a contagem de pessoas - em determinados pontos da rua e por um determinado período de tempo - que de alguma forma apropriam-se do espaço, em diferentes horários e dias da semana.

As categorias analíticas utilizadas nas análises empíricas realizadas são aprofundadas no terceiro capítulo, juntamente com os dados levantados.

2 A RUA XV DE NOVEMBRO E SEU CONTEXTO: EVOLUÇÃO HISTÓRICA DA ESTRUTURA ESPACIAL DA CIDADE DE CURITIBA

Este capítulo apresenta um breve histórico da formação do espaço urbano da cidade de Curitiba, com o propósito de entender como se deu a constituição da cidade e o avanço da urbanização, tendo como principal referência o papel da rua XV de Novembro na estruturação e desenvolvimento da cidade.

Estudar a cidade vinculada à sua história, com todas as transformações ocorridas durante o tempo, permite entender também a sociedade que a compõe, pois é, em cada espaço físico de determinado lapso de tempo que a sociedade se materializa. A forma da cidade é sempre a forma de um período da cidade, e existem muitos tempos na forma da cidade (ROSSI, 2001). Esse tempo pode ser registrado de muitas maneiras e pode ser analisado através da cartografia histórica.

Começar a análise de uma cidade pelo estudo de seu crescimento é um dos meios de apreendê-la em sua globalidade, a fim de determinar o sentido a dar a estudos ulteriores mais detalhados. (PANERAI, 2006, p.55)

A história da cidade de Curitiba possui um grande acervo de informações. Sob a ótica da cartografia possui dezenas de mapas registrados em diferentes períodos. A delimitação dos períodos utilizados neste trabalho levou em consideração critérios de completude e clareza de informações, e de acordo com eventos de maior relevância para a formação do espaço urbano da cidade. Segundo Pilotto (2010), a divisão de fases / tempos serve para facilitar a leitura, organizar a análise e referenciar os processos que serão identificados. Com base nesse contexto, os períodos desta análise foram assim delimitados:

1. A Curitiba Colonial: início da povoação durante o século XVII, a constituição da vila e sociedade durante o século XVIII e o estabelecimento da cidade no início do século XIX;

2. O desenvolvimento da cidade na primeira metade do século XX;

3. Início da segunda metade do Século XX, com a inserção dos elementos no primeiro plano urbanístico da cidade – Plano Agache - ao contexto urbano;

4. Fim da segunda metade do século XX, com a implantação do principal plano urbanístico da cidade – Plano Wilhelm;

5. Início do século XXI, o contexto atual da cidade;

2.1 A Curitiba Colonial

2.1.1 Século XVII – início da povoação

A primeira ocupação da cidade se deu no século XVII, mais precisamente, em 1649, quando Eleodoro Ébano Pereira, do Rio de Janeiro, organizou uma expedição aos “*Campos de Queritiba*”, para encontrar, sertão adentro, novas minas de ouro, já que as minas do litoral estavam escassas (FENIANOS, 2012). Em 1650 registra-se a criação de uma pequena povoação, chamada “Vilinha”, às margens dos Rios “Atuba e Bacacheri”. A data oficial de fundação da cidade é 29 de março de 1693, com a instalação da Vila Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, tempo depois chamada de Curitiba (FENIANOS, 2012). Até o final do século XVII os habitantes viviam com base na agricultura e da criação de gado.

2.1.2 Século XVIII – constituição da vila e da sociedade

É a partir do ano de 1721 que Curitiba, com uma população de aproximadamente 1400 habitantes, definiu as primeiras posturas para a cidade. Dentre elas estava a delimitação de áreas para corte de árvores e a exigência de construção de residências com autorização da Câmara. Outro provimento criado foi que as novas edificações residenciais deveriam dar continuidade às ruas, para que a cidade crescesse uniformemente e que os habitantes tivessem vizinhos (FENIANOS, 2006). Além disso, exigia-se que a população limpasse todos os anos o rio Belém, para evitar o banhado que se formava próximo a Igreja Matriz (atual Praça Tiradentes). Apesar de todos esses primeiros “cuidados urbanos” a Vila ainda era simples demais, sem comércio e até a metade do século XVIII continuaria a viver da agricultura e do gado (FENIANOS, 2012).

Foi somente com a política portuguesa de desbravar novas fronteiras que Curitiba ganhou maior importância e maior progresso e durante o Tropeirismo que a Vila se desenvolveu como um importante ponto de comércio para os tropeiros que viajavam com o gado de Viamão, no Rio Grande do Sul, a São Paulo e Minas Gerais.⁶ “Curitiba está ao lado do caminho e é frequentada pelos tropeiros, recebendo benefícios indiretos do Tropeirismo” (DUARTE, 2002, p.21). Foi, portanto, com esta prática que o comércio da então vila evoluiu. “As mudanças acontecem lentamente. A população cresce na vila e nos povoados do Distrito. Em 1792 já são 7.796 pessoas” (DUARTE, 2002, p.21).

A rua XV de Novembro nasce cortando de leste a oeste a urbe “nascidoura”. Do Largo da matriz, a importância foi descendo, aos poucos, em direção à “Rua das Flores”⁷ (VERACIDADE, 2004). A rua XV de Novembro tinha início sobre as barrancas de um córrego e em cujas margens floresciam campânulas brancas e lilases além de fartas macegas de “rosa louca”. A grande quantidade de flores silvestres localizadas as margens do córrego (Rio Ivo) e também a grande quantidade de flores que cobriam as tábuas da cerca de uma esquina da rua fizeram com que o curitibano de então chamasse aquela via de “Rua das Flores” (VERACIDADE, 2004). Percebe-se no relato a proximidade espacial e histórica da rua XV de Novembro com o marco inicial da cidade, o largo na Matriz, atual Praça Tiradentes. Já nos primeiros anos de existência da então Vila Nossa Senhora da Luz e Bom Jesus dos Pinhais, a rua XV de Novembro (na época rua das Flores) eclode como principal componente da urbe.

⁶ Este trajeto era conhecido como Caminho do Viamão. Nesta época os fazendeiros deixavam suas fazendas, alugando-as para os tropeiros durante as invernações e se mudavam para Curitiba, onde abriam diversos comércios para atender os viajantes tropeiros.

⁷ A atual rua XV de Novembro já foi chamada de Rua das Flores. Nome pelo qual ainda é conhecida por muitas pessoas.

2.1.3 Início do século XIX – de vila à cidade

O século XIX tem início com um grande avanço da cidade. O comércio de gado era grande e uma nova atividade surgia no contexto econômico, a exploração da erva-mate. Esse desenvolvimento das atividades econômicas trouxe muita riqueza e apoio político. Em 1812 a sede da 5ª Comarca de São Paulo passa de Paranaguá, litoral paranaense, para Curitiba. Somente a partir de 1830 a configuração do povoado adquire caráter mais urbano devido, principalmente à produção de erva mate. Em 1842 a vila é elevada à categoria de cidade. Durante todo esse período a cidade de Curitiba ainda fazia parte da província de São Paulo. Somente em 19 de dezembro de 1853 o Paraná se emancipou e a cidade se tornou a capital da Província do Paraná.

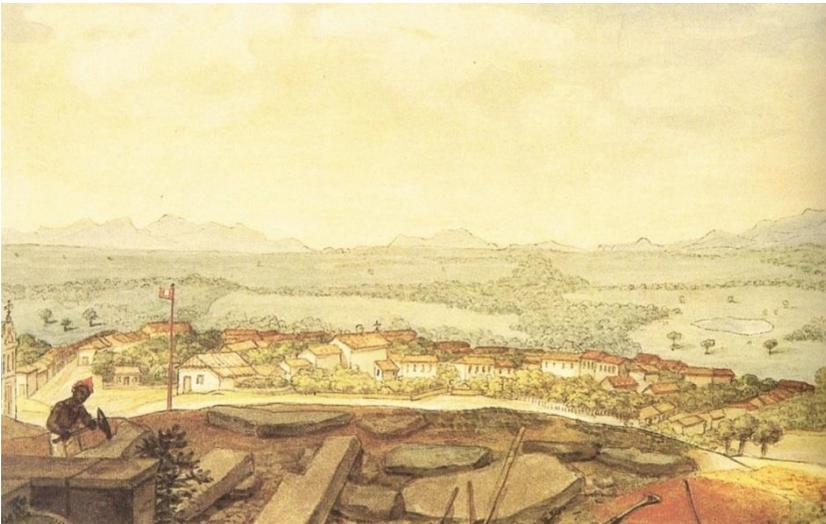


Figura 4 - Primeiro registro visual da cidade, de 1827. Obra do pintor Jean Baptiste Debret. Fonte: Duarte, 2002.

Na imagem pode-se observar o primeiro registro visual da cidade, do pintor francês Jean Baptiste Debret, que percorre o país fazendo esboços para o seu álbum “*Viagem Pitoresca e Histórica do Brasil*”. Debret retrata a pequena comunidade no entorno imediato da igreja do Rosário, (atual centro histórico) e o entorno geral, com campos e ao fundo a serra do mar.

É, portanto, a partir de 1830 e durante toda a segunda metade do século XIX, que se dá o período de formação e crescimento, além do núcleo central, da malha urbana da cidade de Curitiba.

Apesar de passar a ser a capital da Província do Paraná, Curitiba ainda sofria com problemas de infraestrutura, como lama, pouco calçamento, falta de água, saneamento básico e iluminação. Somente em 1855 houve algumas mudanças, com intervenções que determinaram uma cidade mais regular, quadrilátera, com cruzamentos em ângulos retos e bem definidos, demonstrando preocupação com uma boa circulação. Estas propostas podem ser caracterizadas como uma das primeiras atitudes de planejamento urbano da cidade.

Neste período, início da segunda metade do século XIX, o acesso ao núcleo principal da cidade se dava por duas únicas vias, uma a nordeste e outra a oeste. A nordeste, a Estrada da Graciosa, ligava Curitiba ao litoral, já a oeste, era a Estrada do Mato Grosso, caminho que ligava Curitiba ao interior, como se observa no mapa da cidade, datado em 1857. Observa-se ainda a configuração da rua XV de Novembro (em vermelho), continua delimitada pelas ruas Da Assembleia (hoje Rua Dr. Muricy) e Barão do Rio Branco.

Na comparação dos mapas de 1850 e 1857, verifica-se ainda que o crescimento da cidade se dá na direção dos dois principais acessos da cidade, mas com maior força em direção à estrada da Graciosa e, mesmo assim, crescimento urbano é um processo lento.

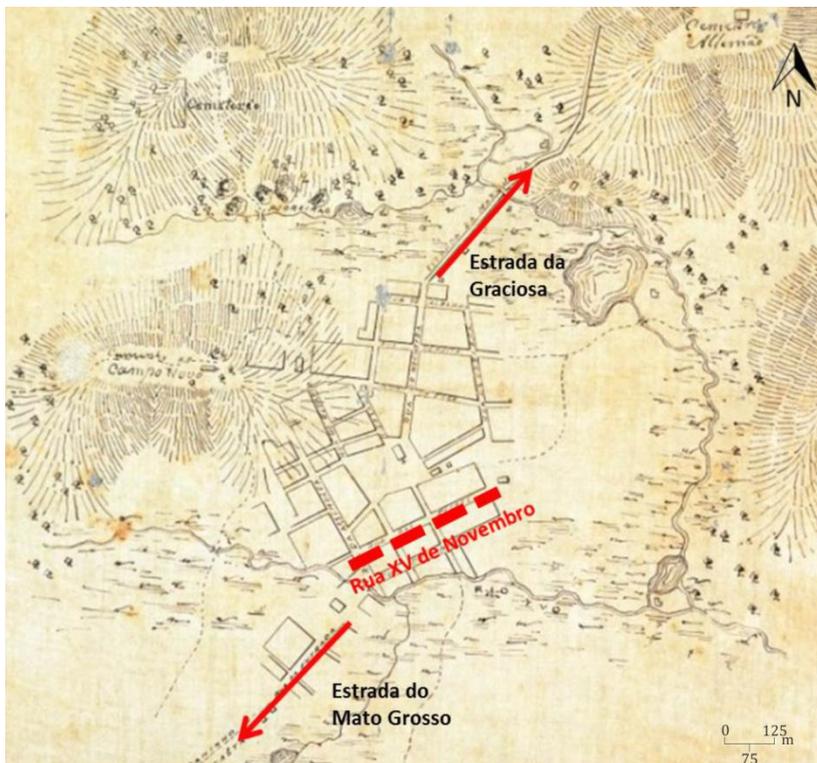


Figura 6 - Planta da Cidade de Curitiba em 1857. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor.

Curitiba crescia de maneira livre, sujeita a conveniências circunstanciais. Ruas eram abertas sobre picadas ou veredas. De ruas definidas abriam-se transversais. Algumas cortavam ruas já assentadas e outras, em desarmonia, apenas saiam delas, assimetricamente, buscando pontos incertos. Curitiba foi assim, “inchando”. (HOERNER, 2002). Em 1858 inicia-se um projeto de expansão, respeitando os edificios públicos e a praça do quartel. Segundo Duarte (2002):

Em 1863, já é grande o avanço. A cidade tem 282 casas – sendo 10 sobrados – e mais 101 residências em construção. A praça da matriz é a área mais urbanizada e onde fica a cadeia. É na rua das Flores que se levanta o maior número de prédios. Lá estão as repartições da polícia e das terras, e existe até hotel com lampião na porta. (DUARTE, 2002, p.29)

A identidade da rua XV de Novembro (neste momento ainda denominada de “Rua das Flores”) pode ser observada nas descrições de Duarte (2002). “Local onde se concentrava o maior número de construções e também as edificações de maior relevância no contexto da época”. (DUARTE, 2002, p.29)

Neste período ocorre, também, a transferência dos engenhos do litoral para Curitiba e formação de elites da erva mate nas entradas da cidade, na estrada da Graciosa e na estrada do Mato Grosso. Em 1863, observa-se o crescimento da rua XV de Novembro, atingindo novas configurações à medida que a cidade também crescia. Algumas obras impulsionaram mudanças na cidade a partir de 1860, como a construção da estrada de ferro em 1885, que ligou Curitiba a Paranaguá, e em 1895 seguiu também sentido interior. Surge então, no contexto urbano, a estação ferroviária, como pode ser observada no registro de 1894.

Vencidas todas as dificuldades, a Estrada de Ferro fica pronta e é inaugurada com grande festa em dois de fevereiro de 1885, numa viagem de Paranaguá para Curitiba. A partir de então, torna-se a porta principal de entrada da capital. É pela estação que chegam os passageiros, as mercadorias, as máquinas que vão servir à incipiente indústria. Muitas empresas, como engenhos de mate, madeiras e uma fábrica de fósforos, vão se instalar nas imediações. (DUARTE, 2002, p.36)

Em 1886, Curitiba ganha duas grandes obras importantes que se mantêm, até os dias atuais, dentro do seu contexto urbano. Surge o primeiro parque urbano e a primeira grande obra de saneamento: o Passeio Público⁸ que se instala próximo ao marco zero da cidade (Praça Tiradentes) e junto à entrada de acesso a cidade a nordeste conforme observa-se no mapa de 1894. “Se a Estação Ferroviária dá a cidade um ponto central de referência, Curitiba passa a desfrutar no ano seguinte de outra sensacional inovação: o Passeio Público.” (DUARTE, 2002, p.38)

Com a criação do Passeio Público no final do século XIX, e a proximidade dele com a rua XV de Novembro, houve uma interação muito grande entre a principal rua da época (rua XV) com o principal parque da cidade. Eram os principais espaços para lazer e interação social da cidade.

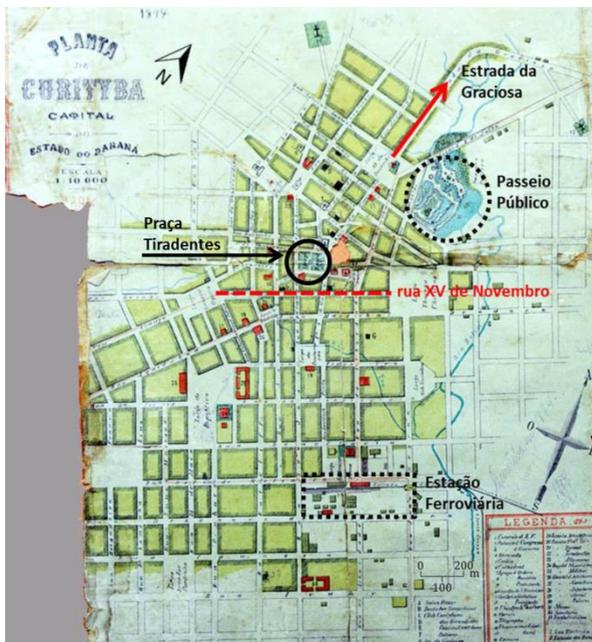


Figura 7 - Planta da Cidade de Curitiba em 1894.
Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor.

⁸ O Passeio Público conta com 48.000m² de área de lazer. Foi o primeiro parque criado e juntamente com a primeira obra de saneamento, pois houve a canalização do Rio Belém.

Durante o dia de semana, a já principal rua de Curitiba canalizava o movimento comercial e de passageiros que emanava da estrada de ferro, via Barão do Rio Branco. Aos domingos e feriados, era o *footing* que predominava. O movimento do Passeio Público e também o da estação ferroviária desembocavam na principal artéria da cidade. Um arguto observador registrou que a Rua XV de Curitiba se parecia, na oportunidade, com a Rua do Ouvidor do Rio de Janeiro. (WACHOWICZ, 2014, p.10)

Na imagem a seguir observa-se a forte relação entre os dois principais pontos de concentração de pessoas deste período, o Passeio Público ao norte, e a estação ferroviária, ao sul, com a rua XV de Novembro ao centro. A ligação entre a estação e a rua XV se dava pela rua da Liberdade (atual Barão do Rio Branco) onde se instalaram diversos edifícios administrativos como o palácio da Assembleia Legislativa e o do Governo.

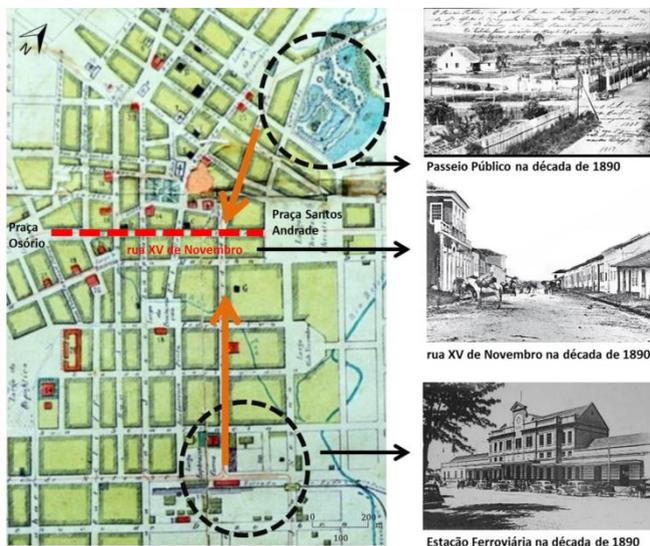


Figura 8 - Relação da rua XV de Novembro com o Passeio Público e Estação Ferroviária, inaugurados, no fim do século XIX. Fonte do Mapa: IPPUC, com edição do autor. Fonte das imagens: Site Curitiba Antiga.

No final do século a cidade já contabilizava 40 mil habitantes. O comércio da erva mate e a exploração da madeira enriquece a cada dia a então pacata cidade.

No final do século XIX, as famílias da elite curitibana costumavam, invariavelmente, assistir à missa dominical na nova matriz (atual catedral) [...] Após o almoço, virou costume irem as jovens passear no Passeio Público. O retorno obrigatoriamente passava pela já então Rua XV de Novembro. As charretes e aranhas paravam para que as famílias pudessem degustar doces, chás ou outras guloseimas, nas confeitarias e bares que começavam a surgir na XV. (WACHOWICZ, 2014, p.10)

Foi durante a década de 1880 que a rua XV de Novembro passou pela sua primeira mudança de nome. Com a visita de Dom Pedro II e sua esposa, a rua passou a se chamar rua da Imperatriz, e a atual Marechal Deodoro, naquela época passou a chamar rua do Imperador (Antiga rua do Comércio). Foi com a proclamação da República, em 1889, que recebeu o nome de rua XV de Novembro.



Figura 9 - Rua XV de Novembro em 1896. Um dos primeiros registros fotográficos da rua. Em primeiro plano trecho localizado entre as ruas Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco, vista para a praça Osório.

No registro a seguir, observam-se os usos presentes nas edificações de frente para a rua XV de Novembro no final do século XIX. Percebe-se a grande variedade de atividades desenvolvidas nas diversas edificações. A denominação “outros”, em sua maioria, correspondia aos usos residenciais.



Figura 10 - Atividades desenvolvidas no pavimento térreo das edificações da rua XV de Novembro no final do século XIX. Os lotes em branco são sem ocupação. Fonte: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996.

Ao fim do século XIX, a rua XV de Novembro, apresentava-se como um espaço de muita importância. Como se observou nos registros de 1850, 1857 e 1894 o logradouro se desenvolveu juntamente com todo o tecido da cidade, tornando-se elemento significativo no contexto urbano. Além disso, começa a despontar como espaço com diversos usos impressos em suas edificações. Como abordado por Jacobs (2009), a rua XV de Novembro deste período trazia com si um espaço diverso e vibrante, favorecendo a intensa apropriação pública.

2.2 1900 a 1950 - O desenvolvimento da malha urbana. O início do século XX.

No registro espacial de 1914, observa-se a configuração da rua XV de Novembro entre as duas praças da região central da cidade - a praça Osório e praça Santos Andrade. Configuração esta que dura até os dias atuais. Percebe-se uma posição extremamente centralizada no contexto da malha urbana existente. O desenvolvimento do tecido urbano continua em direção às duas antigas linhas / eixos de entrada na cidade (Estrada da Graciosa e Estrada do Mato Grosso). Há um avanço do tecido urbano também na direção sul-sudoeste, ocupando a região com terrenos não tão acidentados como ao norte e ao mesmo tempo evitando o cruzamento com a ferrovia recém-construída que se localizava à sudeste do núcleo inicial.

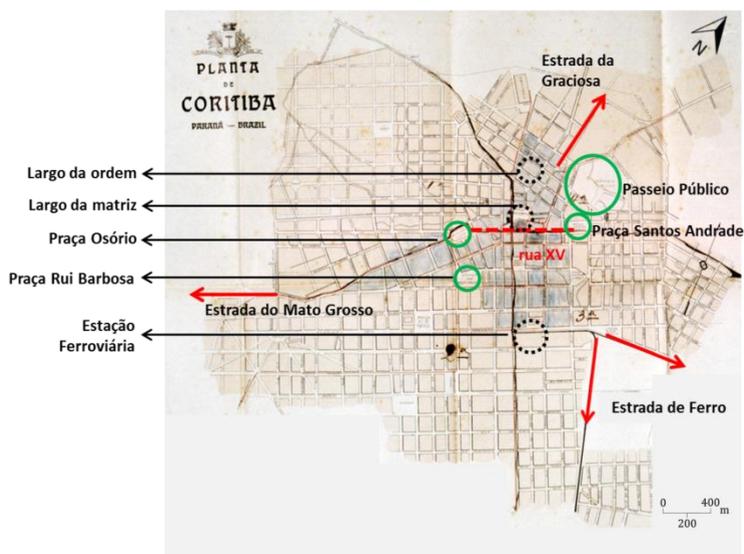


Figura 11 - Registro da cidade de Curitiba em 1914. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor.

No começo do século as ruas estavam sendo pavimentadas [...] As obras públicas estenderam o núcleo central ao sul até próximo da Praça da República (atual Praça Rui Barbosa) e à estação ferroviária e ao norte até atrás do Largo da Ordem e disponibilizaram redes de água e telefone, além de iluminação pública. No restante da cidade, linhas de ocupação urbana seguiam as antigas estradas onde se implantavam muitos dos 12 engenhos de erva-mate. O recém concluído boulevard que se iniciava no passeio público abrigava residências de luxo, a capela da Glória e até um teatro particular. Do outro lado da cidade, na direção oeste, em 1912, o Batel era um arrabalde dividido entre palacetes, fábricas, casas de madeira e grandes descampados. Rumo ao sul, próximo da estação ferroviária, estruturava-se uma zona industrial e ali se localizaram as usinas elétricas, engenhos de erva-mate [...] começava a funcionar uma fábrica de cerveja, uma de beneficiamento de madeiras, configurando um bairro que se estendia até a Rua Marechal Floriano, onde se instalaram diversas repartições públicas [...]. (GARCEZ, 2006, p.64)

Conforme descreve Garcez (2006), é no entorno da porção central que se dá a localização das residências das camadas de mais alta renda da cidade. Ao sul da porção central se dá a formação de uma área industrial nas proximidades da estação ferroviária, construída no final do século. Segundo Pilotto (2010) o fator acessibilidade ao centro foi determinante para explicar a localização inicial das áreas residenciais das camadas de alta renda, bem como o crescimento dessas áreas ao redor dos núcleos iniciais. No início de século XX, a população da cidade é de 55 mil habitantes.

A rua XV de Novembro tem, portanto, sua posição confirmada entre as duas regiões de concentração das camadas de alta renda, Batel e Alto da Glória, entre duas das principais praças no núcleo central, próximo ao largo da Matriz, ponto inicial da cidade e também próximo ao primeiro parque urbano, o passeio público.

O comércio, no início de século, antes concentrado no entorno da igreja Matriz (atual Catedral Metropolitana), ruas Treze de Maio e Riachuelo, passa a expandir-se para toda a rua XV de Novembro. Diversos jornais da época mostram a rua XV como o logradouro das lojas de vestuários, além das alfaiatarias, livrarias, cafés, restaurantes e confeitarias. Além de local favorito para a fixação de agências bancárias e lojas elegantes que atraíam diversos consumidores, a via era também a preferida para realização de todo e qualquer evento público. Eram comuns procissões, desfiles cívicos e de blocos carnavalescos. Pelos principais veículos de comunicação também estarem locados na rua XV de Novembro nesse período, o lugar ganhara ênfase para manifestações políticas e sociais, visitas ilustres e concentrações diversas, como é possível observar nas imagens a seguir.



Figura 12 - Rua XV de Novembro, no carnaval de 1902. Fonte da imagem: IPPUC.



Figura 13 - Desfile político em 1905, na rua XV de Novembro. No centro da imagem, esquina da rua XV com rua Monsenhor Celso, vista sentido praça Osório. Fonte da imagem: IPPUC.

Com o destaque que o local havia adquirido, o Poder Público também agiu para seu melhoramento. Em 1912, a gestão municipal estabelece normas para o calçamento das ruas e manda substituir o pavimento dos passeios laterais da rua XV de Novembro.

A nossa rua XV foi, e sempre será nossa artéria principal. Para ela converge todo o movimento de pedestres e, se atendermos que o progresso de Curitiba é cada vez maior e, portanto, sempre maior a sua população vemos a necessidade palpável, que havia de ser respeitado o movimento atual e futuro de pedestres, isto é, de serem alargados os seus passeios, na medida do razoável e tanto quanto permitisse a sua pequena largura. (CURITIBA, 1912)

A porção central foi concentrando cada vez mais estabelecimentos de comércio e de serviços, além de instituições públicas. A partir de 1915, com a intensificação da atividade de extração de madeira, as atividades comerciais se desenvolveram mais na cidade. Em 1920, apesar do crescimento do comércio a maioria das edificações ainda era residencial. A rua XV de Novembro foi se consolidando cada vez mais como a rua mais importante da cidade, com diversos espaços de comércio e lazer.

A pavimentação e manutenção de ruas foi preocupação frequente neste período, conforme se pode observar no relato do então prefeito Moreira Garcez.

A nossa principal artéria, a rua de maior trânsito, onde se acham as principais casas de comércio e de diversões, continua com os mesmos paralelepípedos de vinte e oito anos antes. O progresso atual de Curitiba já exige sua substituição por outra que mais se harmonize com a estética da cidade e melhor satisfaça a comunidade.⁹ (GARCEZ, 1920, p.29)

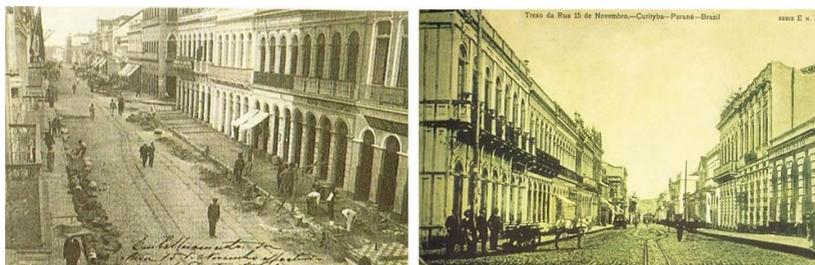


Figura 14 - Rua XV de Novembro antes e depois da substituição do calçamento dos passeios na década de 20. Fonte da imagem: DUARTE, 2002.

⁹ GARCEZ, João Moreira. Mensagem dirigida à Câmara Municipal de Curitiba ao instala-se a primeira Sessão ordinária da 8ª Legislatura em 1º de dezembro de 1920. Curitiba. Typografia da República, p.29.

Durante as décadas de 1920, 1930 e 1940 a “rua XV” foi caracterizada pelo “*footing*” dos cinemas e dos cafês.

A Rua 15, com a Cinelândia, era a típica rua republicana ausente as edificações religiosas, povoada com alternativas profanas como cafês, bares, restaurantes, magazines, jornais, bilhares ou desfiles militares por ocasião das festas de independência e os desfiles escolares diante do palanque instalado na Avenida João Pessoa [Av. Luis Xavier], onde ficavam as autoridades. (GARCEZ, 2006, p.67)

Neste período, diversos cinemas se instalaram nas primeiras quadras da rua XV de Novembro (Av. Luiz Xavier). Por conta disso a avenida recebeu o título de “Cinelândia”, que perdurou até o desaparecimento completo dessas atividades na rua no final do século XX.



Figura 15 - Com o rigor da moda, o footing feminino, na década de 1920, na rua XV de Novembro. Fonte da imagem: DUARTE, 2002.

No registro a seguir, observam-se os usos desenvolvidos nas edificações de frente para a rua XV de Novembro no período de 1910 a 1920. Percebe-se a variedade de usos, porém comparado ao registro do final do século XIX, nota-se uma diminuição do uso residencial, e aumento do uso comercial.



Figura 16 - Atividades desenvolvidas no pavimento térreo das edificações da rua XV de Novembro no período de 1910 e 1920. Os lotes em branco são sem ocupação. Fonte da imagem: Boletim Informativo da Casa Romário Martins, 1996.

Nestas décadas iniciais do século XX, o centro político de Curitiba e do Paraná não era a rua XV de Novembro. As instituições públicas estavam localizadas na rua Barão do Rio Branco (antiga Rua da Liberdade). Lá estavam o palácio do Governo estadual e a Câmara Municipal de Curitiba. (DUARTE, 2002)

Na década de 30, a Universidade Federal do Paraná passa a ter sua sede na praça Santos Andrade, praça que configura, à leste, uma das delimitações da rua XV de Novembro. Em 1940 a população era de 140 mil habitantes (DUARTE, 2002).

Nas imagens a seguir observa-se a rua XV de Novembro em dois períodos, 1924 e 1933. Na primeira imagem ainda circulavam os bondes elétricos na via, já na segunda eram os automóveis que ocupavam o leito da principal artéria curitibana.



Figura 17 - Rua XV em 1924, entre as Ruas Marechal e Monsenhor Celso, no período que circulavam as linhas de bondes elétricos. Fonte: Veracidade, 2004



Figura 18 - Rua XV de Novembro em 1933. Fonte: IPPUC

No registro espacial de 1935 observa-se o contexto urbano da cidade antes do primeiro grande plano urbanístico de Curitiba, o Plano Agache de 1943. Nota-se um grande avanço da mancha urbana no sentido sul do território, ultrapassando os limites da estação ferroviária, que por muito tempo, acabou sendo uma barreira para o crescimento. Na imagem observa-se a movimentação de pessoas na rua XV de Novembro neste período.

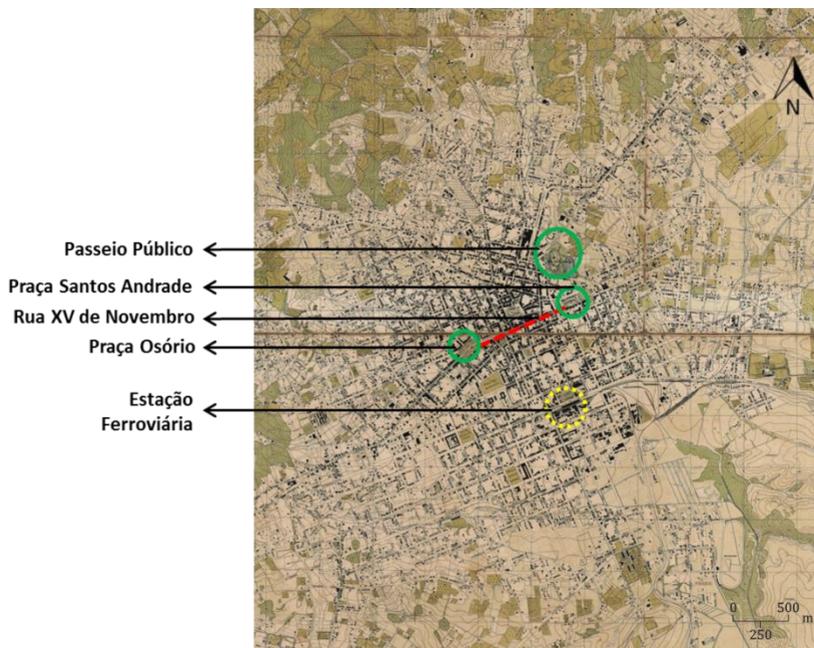


Figura 19 - Registro da cidade de Curitiba em 1935. Fonte da imagem: IPPUC, com edição do autor.



Figura 20 - Movimento diário na rua XV de Novembro em 1940. Fonte da imagem: Veracidade, 2004.

Com o “Plano Agache”, em 1943, do arquiteto francês *Alfred Agache*, ocorre a intervenção em diversos pontos da cidade. Com obras de infraestrutura de saneamento define-se a localização de determinadas áreas como, a industrial, a cívica, a politécnica e para o mercado municipal. O Plano Agache propunha principalmente descongestionar, sanear e embelezar Curitiba.

O Plano Agache tinha como preocupação conter a área urbana de Curitiba, em um perímetro com diversas avenidas que uniriam o centro às bordas da cidade, resolvendo um dos grandes problemas da época, o trânsito. O plano previa avenidas radiais (raios), avenida diametral (diâmetro) e avenidas perimetrais (perímetros). Segundo o plano, as grandes avenidas demarcariam quatro grandes zonas, que teriam diversas características próprias, como valor de imposto e altura de edifícios (DUDEQUE, 2010).

“As avenidas e o zoneamento compunham a parte mais importante do Plano Agache” (DUDEQUE, 2010, p.48). O plano previa a concentração de diversas funções em determinados espaços específicos, denominados “centros funcionais”. Previu-se a construção de centro cívico, centro esportivo, militar, de abastecimento, universitário, comercial e social, hípico e de exposições, centro administrativo municipal, centro industrial, entre outros.

Por desconsiderar as relações sociais, o Plano Agache não era nem municipal nem regional, mas federal: um conjunto de propostas enérgicas, aplicáveis em qualquer capital do Brasil. Os urbanistas pressupunham a harmonia presente e futura de Curitiba, cidade pacificada, contente, com cada classe em seu lugar, como deviam ser a pátria e todas as outras cidades do país. (DUDEQUE, 2010, p.53)

Um dos “centros funcionais” do Plano Agache, o Centro Cívico, seria uma das principais intervenções a serem realizadas no contexto urbano da cidade. Pensado para acolher a sede do governo estadual e demais órgãos governamentais, foi previsto ao norte da cidade, para compensar o crescimento da cidade ao sul da porção central, fato observado das décadas anteriores ao plano.

Com relação à rua XV de Novembro, o Plano Agache definia que a mesma seria delimitada por “paredões” de edifícios, rentes às calçadas, em ambos os lados, encostados nas divisas dos lotes, proporcionando galerias cobertas ao nível da rua. A coerência de Alfred Agache para essas definições seguia as propostas defendidas por ele mesmo no centro do Rio de Janeiro. Mas antes mesmo da construção dos edifícios, o plano urbanístico condenava os futuros apartamentos à insolação insuficiente.

Ao final da primeira metade do século XX, a mancha urbana da cidade de Curitiba cresceu além da porção central, atingindo as regiões sul e sudoeste. O centro se consolidou cada vez mais abrigando as diversas atividades necessárias à vida urbana.

Na imagem a seguir, registro do final da primeira metade do século XX, observa-se a concentração de automóveis na Av. João Pessoa (primeira quadra da rua XV de novembro), vista sentido Praça Santos Andrade.



Figura 21 - Av. João Pessoa em 1942. Fonte da imagem: DUARTE, 2002

Já na figura a seguir, observa-se a concentração de populares em frente ao comércio disponível na rua XV de Novembro.

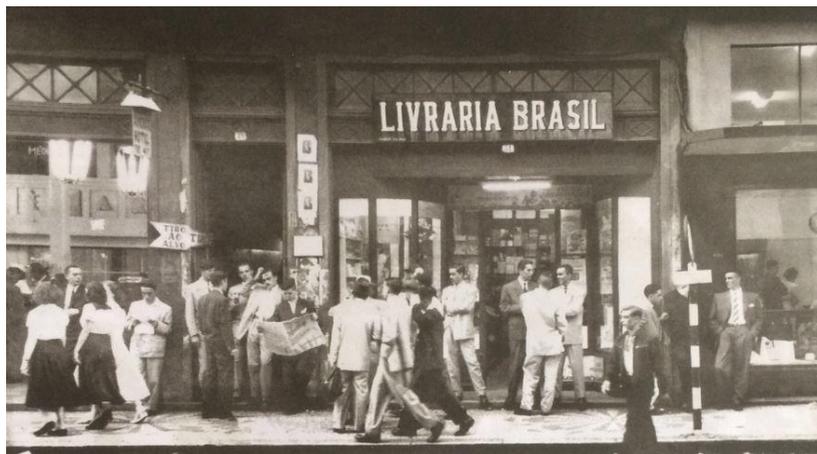


Figura 22 - Rua XV de Novembro em 1948. Jovens junto às fachadas das lojas a observar o movimento. Fonte da imagem: Veracidade, 2004.

Conforme constatado, nos primeiros 50 anos do século XX, a rua XV de Novembro adquiriu cada vez mais importância no contexto urbano da cidade devido a sua localização extremamente central, pela proximidade com os demais elementos urbanos como parque, praças e estação ferroviária, e também por abrigar as mais diversas atividades essenciais à vida urbana. A rua XV era, portanto, o espaço da vida cidadina, com uma variedade imensa de funções. Conforme elencado por Sitte (1992) e Jacobs (2009) a via servia de circulação, convivência de pessoas e a realização de espetáculos públicos.

2.3 1950-1970 - Inserção dos elementos do Plano Agache à estrutura urbana

A partir de 1950, o espaço urbano de Curitiba começa a sofrer diversas alterações principalmente na região central. A atividade imobiliária e a verticalização das edificações ganham maior destaque assim como a construção do Centro Cívico, em 1953, no espaço definido no Plano Agache. Ao longo dos anos seguintes, há uma remodelação na localização dos edifícios públicos mais relevantes. A sede do governo estadual, a sede da prefeitura municipal, e os poderes legislativo e judiciário estadual são transferidos para a nova região.

Ao mesmo tempo em que era construída a nova sede dos poderes, no centro cívico, era a Cinelândia, na rua XV de Novembro, que se constituía como verdadeiro espaço político e social dos cidadãos. Além de ser o espaço com verdadeira vocação de centro cívico, abrigava também a diversidade cidadina. A Cinelândia é hoje conhecida como Boca Maldita¹⁰, início da rua XV de Novembro na congruência com a Praça Osório. Na imagem a seguir observa-se o espaço conhecido como “Cinelândia” em meados da década de 60, com intensa movimentação de pessoas.

¹⁰ A Boca Maldita é um espaço da Avenida Luis Xavier, primeira quadra da rua XV de Novembro, junto à Praça Osório. Fundada em 13 de dezembro de 1956, espaço a céu aberto dedicado a conversação e convívio dos populares.



Figura 23- Rua XV de Novembro, na então “Cinelândia”. Meados da década de 60, aos fundos, praça Osório. Fonte da imagem: Site Curitiba Antiga

Com o deslocamento dos principais órgãos governamentais para o Centro Cívico, o crescimento da cidade se volta para a porção norte do território, contrapondo-se ao crescimento visto nas décadas anteriores para sul e sudoeste. A construção do novo centro administrativo, tira da região central, principalmente da rua Barão do Rio Branco os edifícios administrativos, fazendo com que a via perdesse sua principal característica. Esse deslocamento das edificações do centro tradicional para o centro cívico se dá no momento de crescimento e transformação desse. Nesse contexto, diversas residências e edificações baixas são demolidas para dar lugar ao novo processo de verticalização que se instaurava.

Na imagem a seguir observa-se foto aérea da região central na metade do século XX, em primeiro plano, a praça Santos Andrade. A partir dela, a rua XV de Novembro, que se segue até a praça Osório (aos fundos). Na figura observa-se, ainda, o marco zero da cidade, atual praça Tiradentes.

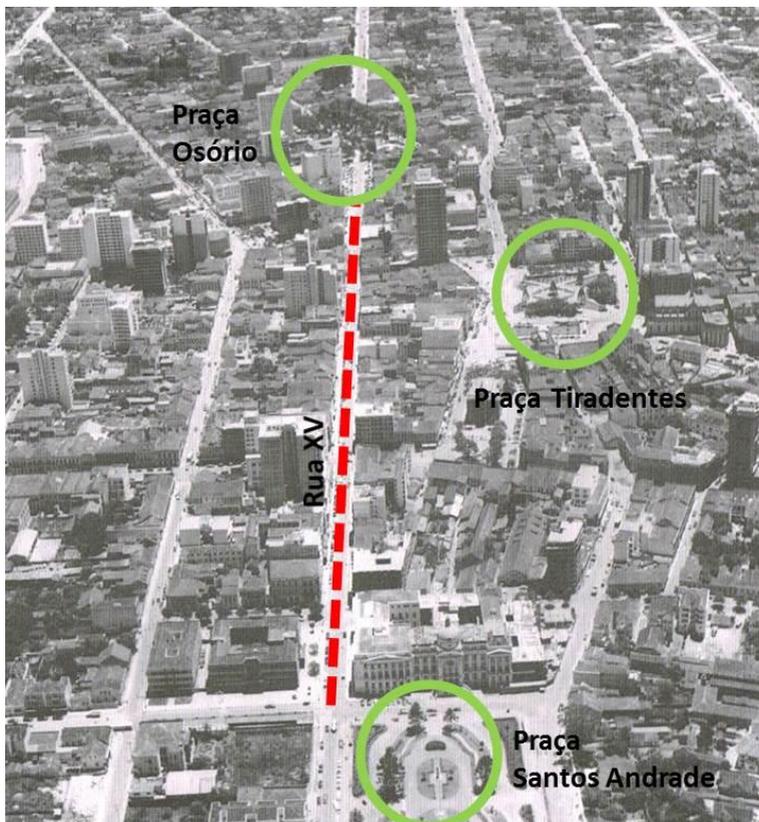


Figura 24 - Vista aérea da região central da cidade em 1950. Fonte da imagem: STOCCHERO, 2010, com edição do autor.

A rua XV de Novembro, nas décadas de 50 e 60, vive um grande momento. A população tem no local, uma referência para a realização de diversas atividades: encontros e conversas com os amigos, compras, lazer, esportes. As diversas quadras da principal artéria da capital tinham seus espaços tomados pela população. Seja de carro, a pé, bicicleta ou ônibus. Era na rua XV de Novembro que a vida pública da cidade acontecia. Ali estavam pessoas pelas mais diversas atividades que iriam exercer, desde ver a saída ou chegada da corrida de rua, desfiles de “misses” ou, simplesmente, “encontrar” os outros.



Figura 25 - Atividades na rua XV de Novembro na década de 50. Na figura 1 e 2, corridas de ruas. Na figura 3, desfile da Miss Alemanha. Na figura 4, encontro para transmissões públicas de grandes eventos. Fonte das imagens: STOCCHERO, 2010. Nas Figuras 5 e 6, manifestações políticas na rua XV de Novembro na década de 60. Fonte das imagens: Duarte, 2002.

Por ser um dos espaços mais representativos da cidade no contexto temporal, a Prefeitura Municipal teve cuidados e projetos especiais para a rua XV de Novembro. Sob a orientação do departamento de urbanismo, a prefeitura realizou diversas intervenções, como por exemplo, a demolição de edificações com o intuito de alargar a via. A operação ocorreu nas edificações que estavam “avançando” sobre o alinhamento predial proposto - localizadas nas quadras entre as ruas Ébano Pereira e Marechal Floriano Peixoto. Além das edificações da rua XV, o poder público interviu também na rua Marechal Deodoro e em outros trechos próximo à praça Tiradentes. No mapa abaixo, observa-se todas as áreas desapropriadas e demolidas.

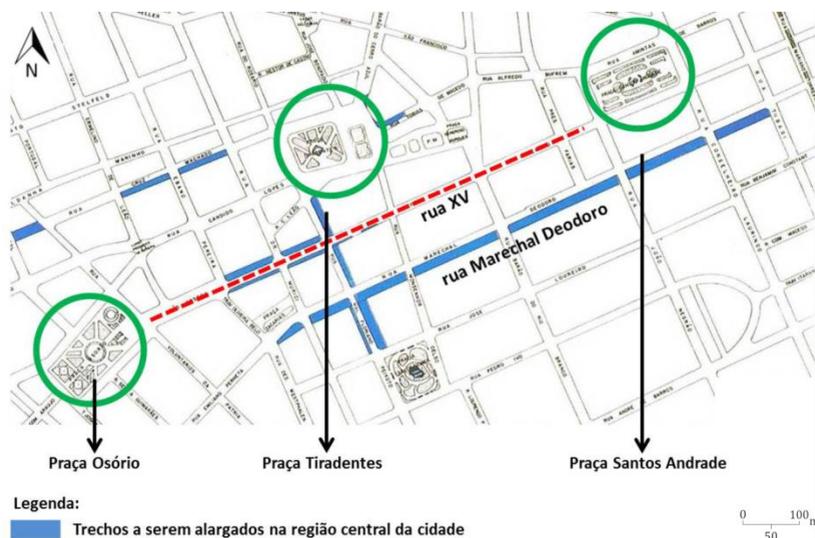


Figura 26 - Mapa dos trechos alargados (em azul), na região central da cidade. No destaque em vermelho, rua XV de Novembro. Fonte da imagem: DUARTE, 2002, com edição do autor.



Figura 27 - Demolição das edificações na rua XV de Novembro. Fonte da imagem: DUARTE, 2002.

Ainda na década de 60, a empresa paulistana Serete é contratada para elaborar um novo projeto de planejamento urbano para a cidade, pois o Plano Agache, segundo os administradores, já estava ultrapassado. Sob a direção de Jorge Wilhelm e de uma equipe técnica da prefeitura o plano é desenvolvido, sendo caracterizado pelo direcionamento da expansão urbana, integrando transporte coletivo, uso do solo e sistema viário. Juntamente com o desenvolvimento do plano, a assessoria técnica da prefeitura, se torna oficialmente o IPPUC, Instituto de Pesquisa e Planejamento Urbano de Curitiba. Em 1965 surge o plano diretor da cidade, a partir do plano preliminar de urbanismo da empresa Serete e de Jorge Wilhelm.

2.4 1970-1990 - Implantação do Plano Wilhelm

É a partir da década de 1970 que a cidade de Curitiba inicia o processo de mudança em seu perfil. Além do processo de verticalização do bairro Centro, os edifícios atingiram também bairros como Batel e Bigorrião (oeste), Alto da XV (leste) e Centro Cívico (Norte). A verticalização em Curitiba teve como base a localização dos bairros de maior renda, que se encontravam ao redor do centro, e também a implantação dos eixos estruturais definidos pelo Plano Wilhelm em 1966. O plano consistia na “linearidade de expansão do centro ao longo de linhas estruturais” (CURITIBA, 1966). O Plano tinha como essência principal prever o crescimento da região central ordenadamente pelo território, através de faixas estruturais com maior adensamento e, que tivessem junto, a mobilidade necessária para se deslocar pelo território. Foram previstas tanto a mobilidade pública, por meio do sistema de faixas exclusivas ao transporte coletivo como a mobilidade através do transporte individual, por meio de vias rápidas em dois sentidos, bairro-centro e centro-bairro. Foram pensados, portanto, dois principais eixos, que abrigavam essas características, um norte/sul e outro leste/oeste. Estes eixos cruzaram as zonas residenciais já existentes, principalmente as de alta renda, o que fez com que muito dos novos edifícios destas regiões se localizassem nesses eixos. Ao longo da década de 1970 e 1980 ocorreu a construção destes eixos estruturais.

Com relação especificamente ao centro da cidade, o Plano Wilhelm previa a criação de um anel de tráfego, isolando a região, e obrigando os grandes fluxos a tangencia-la (DUDEQUE, 2010). A ideia seria liberar o centro da cidade mais para o pedestre, mais espaço para o lazer urbano, além de mais uma vez, dentro da história da cidade, tentar resolver o problema do congestionamento (DUDEQUE, 2010).

Durante a década de 70, dá-se ao mesmo tempo, início a um processo de deslocamento do centro principal, com a criação de um “novo centro” na região do Bairro Batel, oeste da cidade. Nas duas décadas subsequentes este novo centro se fortalece.

O período da década de 70 é marcado pela administração municipal do arquiteto Jaime Lerner. Junto com o colega, Abrão Assad, colocaram em prática a revitalização da rua XV de Novembro, com base no plano diretor da cidade que previa dar mais espaço público aos pedestres. Para o arquiteto Abrão Assad, apesar da rua XV ser a mais movimentada da cidade, apresentava uma falha, não tinha uma fisionomia. São Paulo, por exemplo, era reconhecida como a cidade Cosmopolita, o Rio, pela sua natureza exuberante, mas Curitiba não tinha nada a oferecer. Assim nasceu a “Rua das Flores” (voltou a ser chamada pelo nome original), um grande calçadão para servir como sala de visita do curitibano. Um local que preencheria todas as funções que um centro da cidade deve ter: funções sociais, econômicas, políticas e culturais. O calçadão serviria ainda para unir as duas das principais praças do centro da cidade. As praças Osório e Santos Andrade.

Em 18 de maio de 1972, a prefeitura municipal inicia o processo de transformação da rua XV de Novembro no primeiro calçadão do país, conforme previa o Plano Wilhelm, sobre a destinação de mais área no centro da cidade para os pedestres. O primeiro trecho fechado para o trânsito de veículos foi entre as ruas Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto. Meses depois o fechamento se prolongou até a Rua Barão do Rio Branco e, no ano seguinte, até a Rua Presidente Faria.



Figura 28 - Ordem das quadras da rua XV de Novembro a serem fechadas ao trânsito de veículos. Fonte mapa: Google Earth 2016, com edição do autor.

Neste período, não era comum no Brasil, “ruas calçadas”, mas os arquitetos de Curitiba, segundo Dudeque (2010), apelaram a referências internacionais com exemplos de Essen (Alemanha) e de Copenhague (Dinamarca). A partir da experiência curitibana, a ideia logo se espalhou pelas cidades brasileiras.

Jaime Lerner expressa como conduziu a remodelação para a rua XV de Novembro:

Ainda me lembro de que, ao divulgar o projeto, a reação dos comerciantes foi contrária e muito forte. Sabíamos que a ideia era de difícil execução, pois a obra poderia ser interrompida por demandas judiciais. Era imperioso que o trabalho fosse rápido, muito rápido. [...] consegui um acordo para um prazo de 72 horas. Começávamos numa sexta-feira à noite e entregaríamos a obra à população na segunda-feira à noite. Caso o povo não aprovasse a mudança, sempre poderíamos restabelecer o que havia antes. Mas era necessário que a população visse a obra completa. E assim foi feito. No dia seguinte à inauguração, um dos comerciantes que encabeçavam um abaixo-assinado contra o projeto apresentou-me um novo pedido: que as obras continuassem e abrangessem mais regiões. (LERNER, 2005, p.104).

E mais recentemente, quando entrevistado a respeito da importância da revitalização da rua XV de Novembro, transformando-a de via para veículos em via prioritariamente para pedestres, na década de 70, diz:

Ela ocorre no momento em que outras cidades investiam em obras para o automóvel. Nós trabalhamos no contra fluxo disso. Porém o mais importante não foi a obra física do calçadão, mas a revitalização urbana, estimulando atividade que reunia gente. (GAZETA DO POVO, 2015)

Apesar do Plano Agache da década de 40 ter delimitado o bairro e o conjunto arquitetônico denominado Centro Cívico, com a intenção de que se tornasse também local da vida cívica, foi com o calçamento da rua XV de Novembro que se propiciou a transformação do espaço para ser o principal local de manifestações cívicas da cidade. A “Boca Maldita” (antiga Cinelândia), a Ágora curitibana, o local de encontros e a tribuna livre, era o ponto de encontro da cidade.

Foi, portanto, durante a década de 70, que o espaço ganhou mais força como espaço cívico, de discussões e manifestações políticas. A constituição do espaço mais democrático da cidade se consolidaria no ápice da ditadura militar no país.

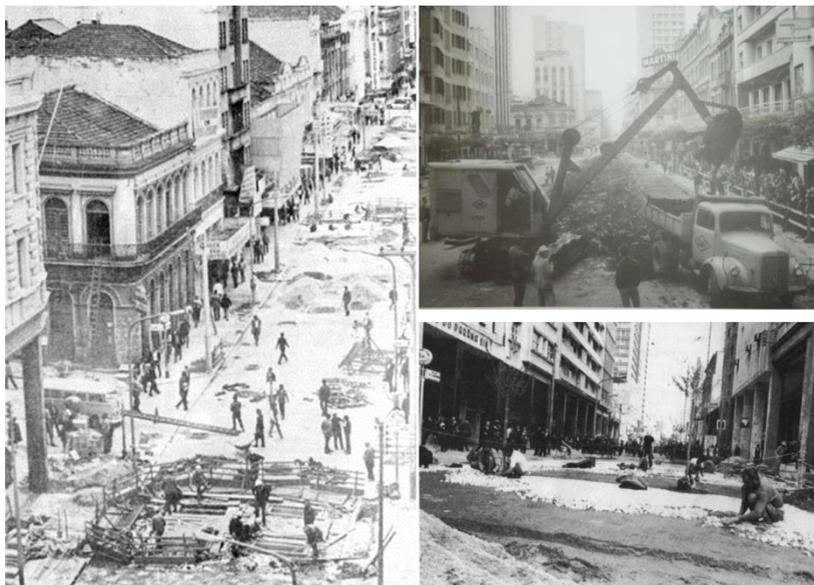


Figura 29 - Obras de calçamento da rua XV de Novembro em 1972. Fonte: Acervo Fundação Cultural de Curitiba.

As obras de remodelação da rua XV de Novembro neste período levaram em conta quatro principais funções que a via sempre teve. A função social partia da ideia de lazer, ponto de encontro, troca de ideias. A função econômica onde tramitam os negócios, e as operações comerciais e financeiras. A função política, que segundo o arquiteto Abrão Assad, proporcionaria verdadeiras assembleias públicas de opinião. E a função cultural, englobando festivais e reuniões de grupos artísticos, científicos e esportivos (O Estado do Paraná, 1973).

Em março de 1974, o Departamento do Patrimônio Histórico e Artístico do Paraná tombou a fachada de todas as casas localizadas na rua XV de Novembro, entre as Praças General Osório e Santos Andrade (Diário do Paraná, 1974).

Segundo reportagem do Jornal Jotabê, (01/12/1978) com o título de “Memória da cidade. Rua das Flores, Imperatriz, 15 de Novembro”: A Rua das Flores é hoje ponto de encontro, é boca maldita, é fofoca, é política, é futebol em papo aberto, possui atrações infantis, marca hora e temperatura, é movimento.



Figura 30 - Primeiro trecho da rua XV antes de ser fechado para o trânsito de veículos em 1972. Fonte: Veracidade, 2004.



Figura 31 - Foto aérea do “calçadão”. Torre de ingresso e sala de estar, em 1972. Primeira quadra a ser fechada para veículos. Fonte: Veracidade, 2004.

2.5 1990 ao início do século XXI

A partir da década de 90, houve uma consolidação ainda maior do “novo centro” no bairro Batel. Neste período houve também a construção de diversos empreendimentos do tipo “*shoppings centers*” tanto na região central como nos bairros mais afastados. Dentre alguns desses empreendimentos estão, em 1996, o shopping Curitiba, no bairro centro, limite com o bairro Batel. Ainda em 1996 o shopping Crystal Plaza no bairro batel, em 1997, o Estação Plaza show, no bairro Rebouças (no local da estação ferroviária – neste período já desativada). Todos estes empreendimentos passaram a competir com espaços públicos da região central, por estarem localizados dentro de um raio muito próximo do núcleo central da cidade.

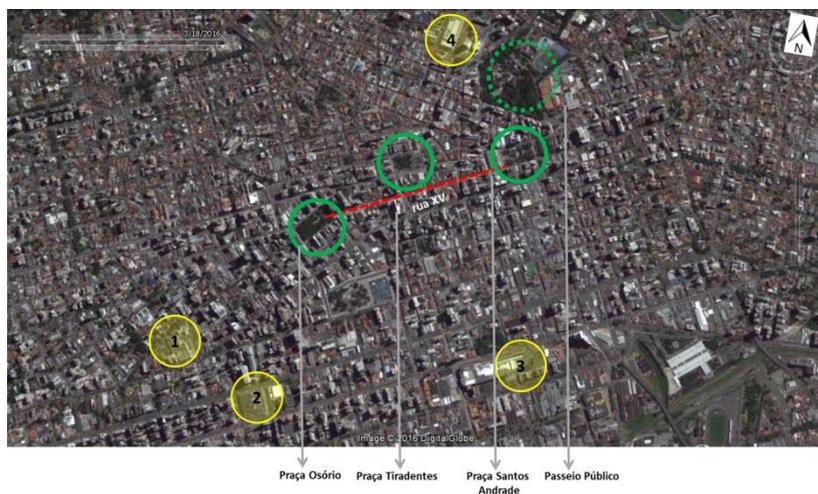


Figura 32 - Localização dos shoppings centers na região central da cidade nas décadas de 80 e 90. No destaque, rua XV de Novembro. Na localização 1 Shopping Crystal Plaza, 2 Shopping Curitiba, 3 Shopping Estação (Antiga estação ferroviária), 4 Shopping Mueller. Fonte: Google Earth, com edição do autor.

Durante a década de 90, o poder público cria a descentralização do poder, comércio e serviço através das “Ruas da Cidadania”¹¹, que ficariam distribuídas em todo o território, a fim de levar os serviços públicos para mais perto da população. Construídas nos bairros Boqueirão, Fazendinha, Santa Felicidade e Pinheirinho, elas são pensadas para facilitar o acesso aos serviços básicos da prefeitura e servir como polos agregadores, com lojas, canchas de esportes e outras atividades. Mais tarde são construídas as Ruas da Cidadania da região central, na praça Rui Barbosa, do Bairro Novo e Boa Vista.

Juntamente aos serviços municipais, a prefeitura da cidade cria diversos equipamentos públicos, como a Rua 24 horas, Pedreira Paulo Leminski, Ópera de Arame, Parques Tingui e Tanguá, Bosque do Fazendinha, Memorial Ucrâniano e Bosque Alemão, que de certa forma tiram de foco elementos tradicionais de lazer e cultura como a rua XV de Novembro e o Passeio Público.

O bairro Centro, na região central de Curitiba, até a década de 70 era o bairro mais populoso da cidade, com 37.086¹² habitantes. Na década de 80 apesar do aumento da população, outros bairros cresceram mais e o Centro passou a ser o quarto maior bairro da cidade. Nas décadas de 90 e início dos anos 2000 a população residente do entorno da rua XV de Novembro cai, passando a ter aproximadamente 37.283¹³ habitantes, sendo o 13º bairro com mais habitantes da cidade. Os números mostram a evasão das áreas residências do centro da cidade.

Segundo Schussel (2006), alguns fatores impactaram a região central de Curitiba, entre eles: o deslocamento de atividades de lazer, restaurantes e bares de classe média (renda) da área central para os bairros Seminário, Batel e Água Verde, a mudança de hábito da classe média e alta (renda) para compras a lazer, com o surgimento dos *shoppings centers*, e também, a partir da década de 80 e 90, a diminuição do uso residencial no centro da cidade.

¹¹ As Ruas da Cidadania funcionam como braço da Prefeitura nos bairros, oferecendo à população serviços municipais, estaduais e também a nível federal. As Ruas da Cidadania são sedes das Administrações Regionais.

¹² População segundo os bairros de Curitiba – IPPUC/Banco de dados

¹³ Censo de 2010 - População segundo os bairros de Curitiba – IPPUC/Banco de dados

Verifica-se na cidade de Curitiba, assim como em outras cidades brasileiras a identificação de outras centralidades para a população, sejam eles para serviços, negócios, habitação ou lazer, como a proliferação de *shoppings* e condomínios residenciais. A região central da cidade sofre uma situação de vulnerabilidade, principalmente com relação ao uso cotidiano do seu espaço público, devido às mudanças atribuídas à cidade contemporânea. Um dos principais espaços da cidade, objeto deste estudo, a rua XV de Novembro, foi uma das áreas que sofreu uma mudança profunda em seu perfil pelos processos urbanos e sociais ocorridos no final do século XX e início do século XXI.

Durante muito tempo, a rua XV de Novembro, foi o ponto mais conhecido da cidade por seus charmosos cafés, variadas e glamorosas vitrines e os passeios familiares do final do domingo. Hoje a Rua XV é definida principalmente pelos comerciantes, como ponto de passagem de pessoas. Estas nem sempre tem paciência o suficiente para entrar nas lojas procurando algo para comprar. (GAZETA DO POVO, 1998)

Com o incremento populacional e a descentralização das atividades, o centro histórico da cidade de Curitiba perdeu muita relevância com relação a sua importância cotidiana para a população. A rua XV de Novembro tem seu significado alterado para boa parte da população ao longo de todo o processo histórico da cidade.

Nos anos 2000, para o aniversário da cidade, a prefeitura municipal, realizou a primeira grande reforma do calçadão da rua XV de Novembro. A revitalização do calçadão era uma antiga aspiração dos comerciantes do centro da cidade afim de que pudessem competir com os lojistas de *shoppings centers*. A reforma incluiu obras subterrâneas de água, energia elétrica, esgoto, telefonia e fibra ótica, instalação de equipamentos urbanos como floreiras, bancos, lixeiras, bancas de revistas e postes de iluminação. Por fim, houve também a revitalização da praça General Osório, com módulo policial, quadras e instalações sanitárias públicas. (Folha de Londrina, 2000).

José Ghignone, proprietário da livraria homônima que funcionou na rua por 74 anos, se manifesta da seguinte maneira sobre a rua XV:

Era uma rua vivencial e comercial da melhor qualidade. As joalherias eram excelentes”. [...] Foram construídos edifícios grandes e o perfil dos estabelecimentos mudou. Pontos nobres fecharam, para a ascensão do comércio popular, com atacados de R\$1,99, com peças vendidas diretamente da fábrica. “Depois vieram as administrações mais recentes e, aí, a coisa começou a definir” Os critérios de liberação de alvarás passaram a atrair lojas e público oposto àquele que costumava frequentar a calçada. (GAZETA DO POVO, 2005)

Sobre o novo contexto da rua XV de Novembro, Vandir Franquetato, gerente da única confeitaria que sobreviveu na rua XV de Novembro ainda exprime: “Agora as pessoas passam correndo, com pressa, e nem se olham direito. Entram nas lojas, compram alguma coisa, saem e pegam o ônibus. De vez em quando fazem um lanche”. (GAZETA DO POVO, 2006).

Em entrevista ao jornal Gazeta do Povo, na rua XV de Novembro em junho de 2006, Elói Tranbosi diz: “Eu fui ao cine Ópera quando tinha 9 anos, com minha mãe”. Na época a sala pertencia à região que os curitibanos chamavam de Cinelândia. Era uma concentração de cinemas localizados na Av. Luiz Xavier. Deles, hoje sobraram apenas algumas lojas e sobrados. Elói continua: “A rua está passando por uma mudança. Ficou mais comercial e menos divertida. Quando você tinha os cinemas, restaurantes e confeitarias o ambiente era diferente”. (GAZETA DO POVO, 2006).

Percebe-se que muitas foram as mudanças no contexto da rua XV de Novembro nos últimos anos. Por diversos motivos, a relação dos cidadãos com a principal via da cidade não é a mesma. Mesmo assim o espaço continua a mostrar relevância e importância para a cidade.

O Jornal Gazeta do Povo expõe a mudança ocorrida com a rua XV no decorrer dos anos, desde a construção do calçadão até alguns anos pretéritos.

Aos sábados e domingos, famílias inteiras se dirigiam à rua XV para passear, comprar ou comer. E os jovens saíam à caça do parceiro ideal, fazendo com que o calçadão desempenhasse função semelhante a dos shoppings na atualidade. Na década de 1970, a rua XV era soberana e, hoje, sofre com a concorrência de pelo menos 6 grandes shoppings. (GAZETA DO POVO, 2009)

A rua XV de Novembro guarda ainda, uma série de prédios e atividades que contam parte da sua história, e conseqüentemente a história da cidade. No início da via, na confluência com a praça Osório, está o Edifício Moreira Garcez, de 1929, que foi o primeiro arranha-céu da cidade e por algum tempo esteve entre os três prédios mais altos do Brasil. Na esquina da rua Barão do Rio Branco, há a antiga sede do Clube Curitibano. Ao final do trecho principal da rua XV de Novembro, no cruzamento com a Rua Presidente Faria está localizado o prédio Universidade Federal do Paraná e ao seu lado, a agência dos Correios, primeira agência oficial de correios e telégrafos de Curitiba, construído em 1934.

Na figura a seguir, observa-se a rua XV no início do século XXI, com a intensa movimentação de pessoas diariamente.



Figura 33 - Rua XV de Novembro, início do século XXI. Vista da rua sentido praça Osório (aos fundos). Fonte da imagem: IPPUC.

Por fim, no mapa a seguir, observa-se a evolução completa da ocupação urbana da cidade de Curitiba, com a evolução do traçado e a constituição do seu espaço urbano, com destaque para a relação da evolução da ocupação com a rua XV de Novembro.

Percebe-se que a grande dispersão urbana se deu na segunda metade do século XX. Até o ano de 1935, a mancha urbana se concentrava bem próximo ao núcleo original da cidade. Entre as décadas de 60 e 70, a ocupação urbana atingiu quase todo o território da cidade.

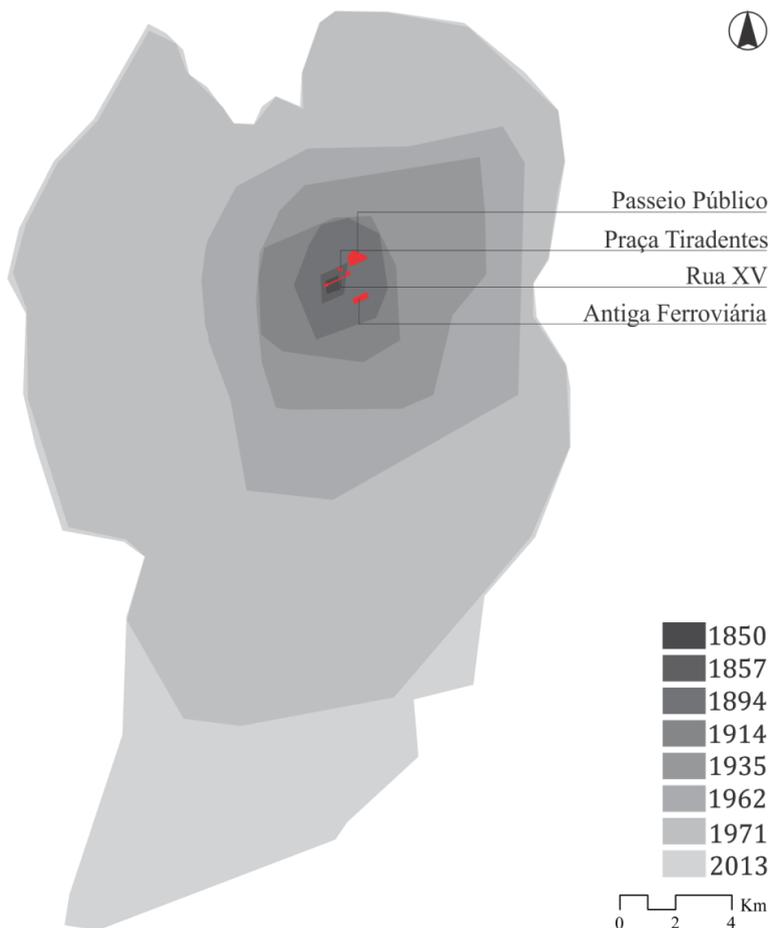


Figura 34 - Evolução da ocupação urbana de Curitiba. Adaptação própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fontes dados: IPPUC.

3 A RUA XV DE NOVEMBRO E SEU CONTEXTO: ESTRUTURA CONFIGURACIONAL DA CIDADE DE CURITIBA

As necessidades do presente têm modificado consideravelmente os espaços de uso público da cidade e seu significado social. No caso da rua XV de Novembro, as diversas transformações pela qual a cidade passou, provocaram a mudança de significado que a rua possui com a população. A análise destas transformações, tanto na configuração local como na estruturação do tecido urbano como um todo serão avaliadas neste capítulo.

Nas figuras a seguir, apresenta-se o recorte da rua XV de Novembro, no qual este trabalho se debruça. Com o crescimento da cidade hoje a rua XV é mais extensa que o calçadão. Além do centro, ela se articula até outro bairro da cidade, o “Alto da XV”. Porém a delimitação de estudo que nos interessa, é somente o espaço destinado exclusivamente ao pedestre, na região central da cidade, e que ainda compreende o trecho mais antigo existente. O trecho da rua selecionado é conformado pelas praças Osório e Santos Andrade, denominado como o “calçadão” da rua XV de Novembro.



Figura 35 - Dois momentos da rua XV de Novembro. À esquerda em 1960 (vista aérea da primeira quadra, junto a praça Osório sentido praça Santos Andrade), e no ano de 2016 (vista aérea da quadra entre as ruas Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto). Fonte das imagens: IPPUC (1960) e Gazeta do Povo (2016).

No mapa a seguir, observa-se a rua XV de Novembro inserida no contexto geral do tecido urbano da cidade. Percebe-se o caráter central da localização da rua XV de Novembro, e a forte ligação do tecido urbano em todo o entorno da rua XV.



Figura 36 - Malha urbana atual de Curitiba, em destaque a rua XV de Novembro. Elaboração própria do Autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC.

A seguir apresenta-se o recorte específico da rua XV de Novembro, considerado para este estudo. Delimitada em suas duas extremidades, pelas praças Osório e Santos Andrade, o recorte da rua XV escolhido se estende ao longo de sete quadras no centro de Curitiba, trecho delimitado pelo “calçadão” construído na década de 70.

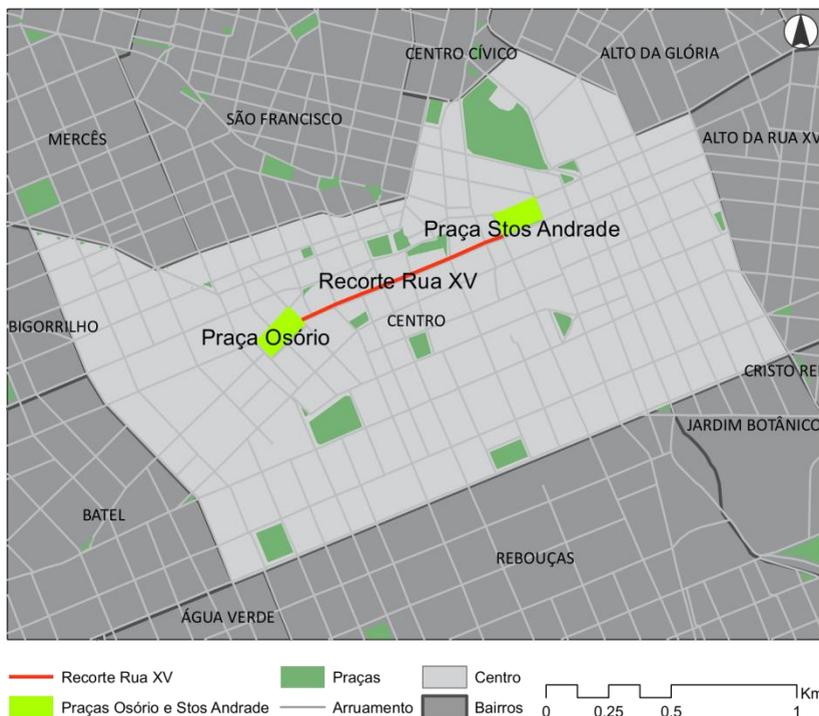


Figura 37 - Recorte da rua XV de Novembro. Elaboração própria do autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dados: IPPUC

A seguir exibe-se a constituição da rua XV de Novembro ao longo de suas quadras e ruas perpendiculares. No primeiro trecho do calçadão, à esquerda, denominado Av. Luis Xavier, entre as ruas Ébano Pereira e Desembargador Ermelino de Leão, há uma quadra com uma via local e lateral, junto ao calçadão, com trânsito de veículos. Outra peculiaridade é a rua Monsenhor Celso, que nas duas quadras que se torna perpendicular a rua XV de Novembro, seu espaço também foi deixado exclusivamente para pedestres, sendo continuação do “Calçadão da rua XV” no sentido perpendicular.



Figura 38 - Delimitação da rua XV de Novembro para o estudo. Fonte: Google Earth, com edição própria do autor.

Nas imagens que se seguem, é apresentado um panorama aéreo da rua XV de Novembro, bem como do seu contexto com a região central da cidade. Na figura 39 é possível observar a rua XV de Novembro a partir da praça Osório (em primeiro plano) sentido Praça Santos Andrade (aos fundos). Na primeira quadra do calçadão, trecho denominado avenida Luis Xavier, é possível observar a única rua lateral que existe em toda a extensão do calçadão. Na imagem é possível ainda, observar a diferença de gabarito das edificações que estão na rua XV, fruto das mais diversas intervenções que a o local já vivenciou em sua história.

Na figura 40 observa-se a rua XV de Novembro a partir da quadra entre as ruas Marechal Floriano Peixoto e Monsenhor Celso. A vista é voltada para praça Osório (aos fundos) e percebe-se também parte da praça Tiradentes (lado direito) marco zero da cidade. A figura apresenta todo o contexto urbano do entorno da rua XV e do centro da cidade.



Figura 39 – Calçada da rua XV de Novembro. Outubro 2016. Fonte: Foto do Autor.



Figura 40 - Foto sobre a Rua XV, centro do calçada, vista para Praça Osório. Outubro 2016. Fonte: Foto do autor.

A figura 41 apresenta em primeiro plano, a rua XV de Novembro em sua quadra delimitada pelas ruas perpendiculares Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco. Na imagem pode-se observar uma característica um pouco diferente neste trecho do calçadão, uma área com maior arborização, e nota-se também um gabarito bem mais baixo das edificações. Esta quadra possui uma grande quantidade de edificações antigas, que não sofreram tanto a ação da verticalização vista na segunda metade do século XX.

A figura 42 retrata o último trecho do “calçadão”, na quadra mais próximas à praça Santos Andrade. A imagem permite visualizar a praça Osório aos fundos. Novamente percebe-se a grande variação nas alturas das edificações.

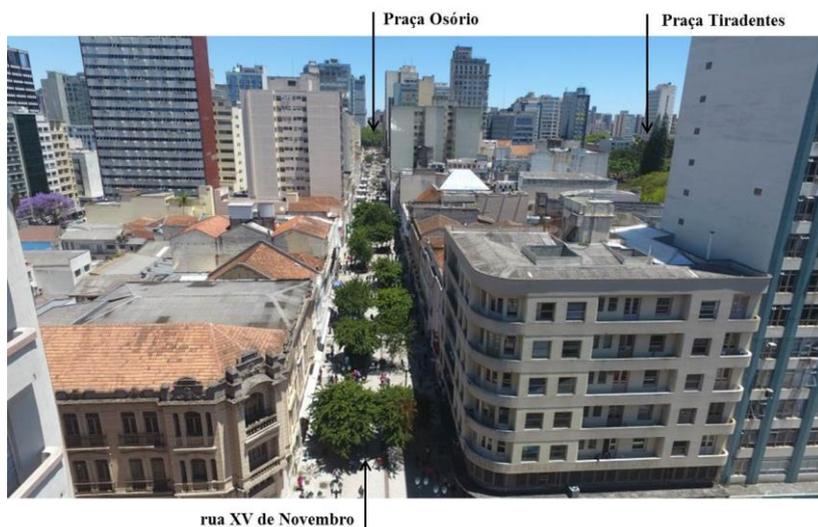


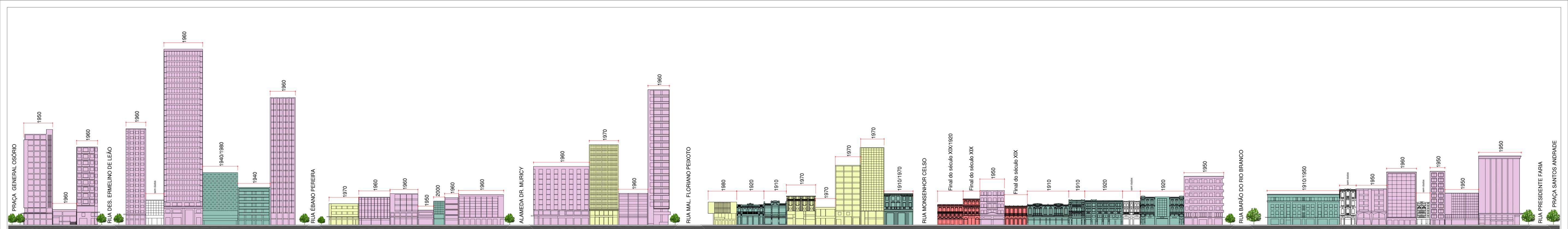
Figura 41 - Rua XV de Novembro. Quadra entre as ruas Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco (em primeiro plano). Outubro 2016. Fonte: Foto do autor



Figura 42 - Rua XV de Novembro. Quadra junto à praça Santos Andrade. Outubro 2016. Fonte: Foto do autor.

A fim de caracterizar com maior plenitude o recorte da rua XV de Novembro, objeto deste estudo, apresenta-se a seguir o “*skyline*” do lado esquerdo da via, da praça Osório sentido à praça Santos Andrade.

Na representação é possível verificar a relação da altura e interfaces das edificações com o espaço público. Observa-se a grande diferença de gabarito das edificações, fato relacionado principalmente pelos diferentes períodos de construção de cada edificação. Estas características da via, demonstram algumas permanências e transformações na rua XV de Novembro ao longo destes 150 anos de estudo (1850- 2016).



SKYLINE RUA XV DE NOVEMBRO/DATA CONSTRUÇÃO EDIFICAÇÕES
 LADO ESQUERDO DA RUA - DA PRAÇA OSÓRIO SENTIDO PRAÇA SANTOS ANDRADE
 ELABORADO PELO AUTOR COM AUXÍLIO DE ANABELLI SIMÕES PEIÇHO
 ESCALA: 1/750

FORNTE DAS DATAS: "RUA DAS FLORES: LEVANTAMENTO E DIAGNÓSTICO" - FUNDAÇÃO CULTURAL DE CURITIBA
 VOLUME 1/4 ANO 2004
 REALIZAÇÃO: ARQBRASIL ARQUITETURA E RESTAURAÇÃO
 REGISTRO 186-488MAD - 12/12/2006

LEGENDA DATAS:
 ■ INÍCIO DA POVOAÇÃO ATÉ O FIM DO SÉCULO XIX
 ■ PRIMEIRA METADE DO SÉCULO XX
 ■ INÍCIO DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX (DÉCADAS DE 1950/1960)
 ■ FIM DA SEGUNDA METADE DO SÉCULO XX
 ■ SÉCULO XXI

* AS EDIFICAÇÕES COM DUAS DATAS SÃO: DATA DE CONSTRUÇÃO/DATA DE REFORMA RELEVANTE
 ** AS EDIFICAÇÕES SEM COLORAÇÃO NÃO POSSUEM DADOS CERTOS SOBRE ANO DE CONSTRUÇÃO

3.1 Análise da Forma – o papel da Rua XV de Novembro no contexto espacial de Curitiba

3.1.1 Análise do todo da estrutura urbana

O primeiro nível de análise morfológica, utiliza a Teoria da Sintaxe Espacial (TSE) como base principal. A Teoria se caracteriza principalmente pela busca em analisar elementos espaciais através de suas relações com os outros componentes do sistema urbano, por isso a denominação “configuracional”. Segundo Hillier (1984), cada espaço de uma cidade, só se caracteriza como tal, pelo seu desempenho no contexto como um todo, pelas relações que estabelece com os demais espaços, pela sua posição e pela “ligação” com os outros lugares. Na TSE, a construção sintática se refere à localização de determinada unidade (rua/prça) ou um conjunto de unidades em relação à estrutura da cidade. Hillier (2007) completa:

Lugares não são coisas locais. Eles são momentos em coisas de grande escala, artefatos de grande escala que chamamos de cidades. Lugares não fazem cidades. São as cidades que fazem os lugares. (HILLIER, 2007, p.112)

Segundo Holanda (2002), a Sintaxe Espacial compreende a articulação entre os elementos, tanto no “todo” (articulação dos elementos entre si e o papel que cada um representa no sistema inteiro), quanto localmente (características dos elementos entre si).

A Teoria trabalha principalmente com duas medidas para as propriedades da configuração dos espaços urbanos: a integração e a escolha. A principal delas é a integração, que é utilizada neste trabalho. Basicamente essa ferramenta expressa, em média, o quanto um determinado espaço está próximo de todos os outros. Esta medida indica o maior ou o menor nível de integração entre as várias partes do sistema em estudo, sendo caracterizada pela distância relativa de uma linha (axial), ou um conjunto de linhas perante as demais linhas de todo o sistema. Entende-se por integração, o número de mudanças de direção (consequentemente de linhas axiais) necessárias para se chegar de um lugar a outro. A integração média de um sistema urbano é calculada em função do número de passos necessários para se atingir determinado número de linhas a partir de cada uma delas.

Segundo Holanda, "a medida de integração é o carro-chefe da teoria da sintaxe espacial, indica o menor ou o maior nível de integração entre as várias partes de um sistema em estudo, aqui reduzido a linhas" (HOLANDA, 2002, p.102).

Pode-se interpretar a integração de um segmento de rua de diferentes formas. O segmento pode realçar sua identidade como origem e destino dentro dos deslocamentos ocorridos no sistema urbano. Pode também exprimir a relação entre moradores e pessoas estranhas. Segundo Holanda (2002), maiores níveis de integração, o que leva a pouca diferenciação entre suas partes, tendem a se relacionar com maior número de pessoas estranhas no espaço. Em todos os lugares deste sistema tendem a circular tanto pessoas que habitam esta localidade como pessoas que apenas atravessam-na. Já um sistema urbano segregado, bastante desarticulado do todo da cidade, desestimula o acesso e encontros dos estranhos, favorecendo apenas o fluxo de moradores locais. A integração pode ainda indicar o esforço cognitivo para acessar o determinado segmento. Peponis (1992), descreve o objetivo da Teoria, por meio da medida de integração:

O objetivo é descrever a maneira como o sistema como um todo se relaciona a cada uma de suas partes constituintes, e como a multiplicidade dessas relações produz uma estrutura subjacente. A propriedade fundamental envolvida é a integração. A integração de cada lugar mede o número de outros espaços que intermediam a transição para todas as outras partes do sistema (PEPONIS, 1992).

A medida de integração tem por objetivo demonstrar a relação entre a estrutura configuracional de uma malha urbana e o movimento urbano, revelando os estímulos e desestímulos da malha ao movimento. Um espaço mais integrado revelará uma maior diferenciação espacial, estimulando o "fluxo natural" de pessoas e induzindo o surgimento de diversas atividades, segundo a apropriação do solo. Nos espaços com menor integração, há pouca diferenciação espacial, provocando normalmente ausência de movimento.

Segundo Reis (1994) a Sintaxe Espacial postula que a intensidade potencial de ocupação dos espaços abertos de um assentamento corresponde à medida de sua integração no contexto da estrutura urbana. O conjunto de linhas mais integradas do sistema, chamado de “núcleo integrador”, permite a análise de atributos da forma urbana que gera consequências na apropriação social dos lugares, e nas experiências rotineiras do movimento e do encontro.

É a partir destes encadeamentos que Hillier (1984) considera a medida de integração uma das mais importantes categorias de análise do tecido urbano no tocante à apropriação social do espaço de uso público.

Segundo Tenório (2012) “a utilidade da medida de integração é imensa no que se refere a espaços públicos, pois trata de sua localização” (TENÓRIO, 2012, p.172). Portanto, Não é uma questão de local, mas sim de acessibilidade. O local de maior integração da cidade tende a ser o local de mais fácil acesso de qualquer outro ponto. O local de fácil acesso costuma ser destino de muitas pessoas. Assim, espaços públicos integrados de fácil acesso possuem grande potencial de desenvolver vida pública.

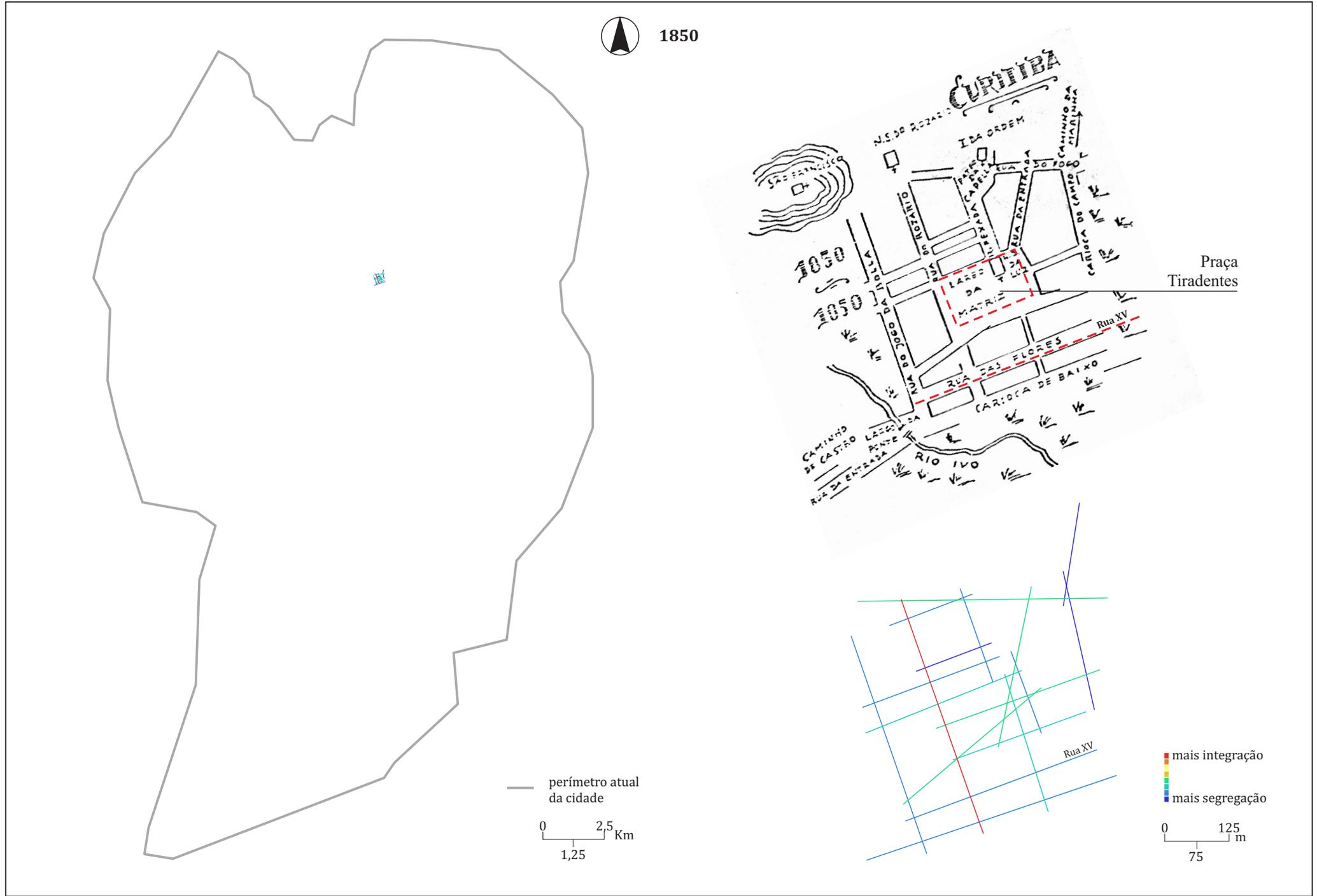
Determinada localização pode expressar potencial utilização do espaço público, mas a real apropriação pode não acontecer devido a diversas interferências de outros fatores não morfológicos. Trate-se, portanto, de “potencialidades”, “limitações”, “virtualidades” estabelecidas pela conformação urbana tendo em vista a efetiva apropriação dos espaços públicos (REIS, 1994). Os padrões de articulação e de diferenciação do tecido como um todo podem potencializar a vida pública nas diferentes localidades do espaço urbano.

Dentro deste panorama, nas figuras a seguir observa-se o papel da rua XV de Novembro, no contexto da cidade, desde o início da formação do núcleo urbano da cidade de Curitiba. Nos mapas de linhas axiais, as cores quentes, tendo o maior nível na cor vermelha, representam a parte do tecido urbano com maior integração, e as cores mais frias, representam as áreas mais segregadas da mancha urbana. Os valores altos de integração global significam que o padrão de configuração urbana resulta em um forte movimento, seja de veículos ou pedestres.

No primeiro registro espacial da cidade de Curitiba, datado em 1850, onde é apresentado o núcleo inicial da então vila, como visto na análise histórica, observou-se que a rua XV de Novembro já se manifestava como um das primeiras vias da época. No entanto, na avaliação da forma da cidade neste contexto urbano, a rua mais integrada e acessível do pequeno tecido, era a rua Do Rosário (a de cor vermelha no mapa axial). Neste período percebe-se a relação única e direta do espaço mais integrado do então povoado com o seu núcleo de fundação (Largo da Matriz). Era, portanto, a rua Do Rosário o espaço de mais fácil acesso do pequeno povoado.

Na segunda análise temporal, 1857, observa-se que a rua XV de Novembro continua a compor, de forma importante, o sistema urbano, ao sul do território. Porém, continua sem se apresentar como o espaço mais integrado. Mas comparado ao primeiro registro espacial, de 1850, a rua XV de Novembro passa a ter um caráter mais acessível e integrado ao sistema (Em 1850 aparece na coloração azul, em 1857 já adquiri uma coloração mais esverdeada). Ou seja, o pequeno crescimento da malha urbana deu maior integração à rua XV, no contexto do todo da cidade. O espaço de maior integração neste período continua a ser a rua do Rosário e a rua do Fogo, atual rua São Francisco, (linha vermelha horizontal no mapa), local de grande relevância urbana até os dias atuais.

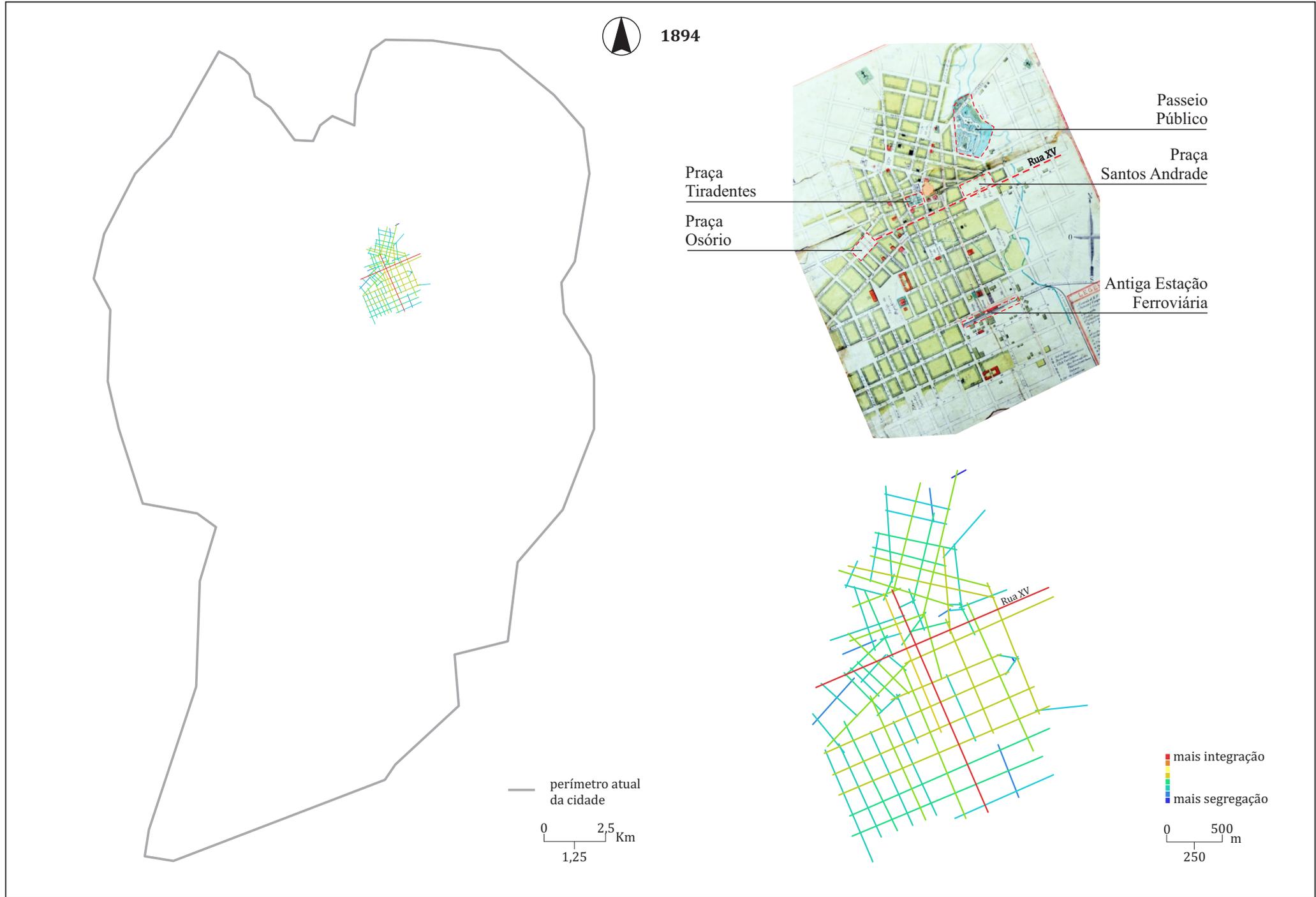
No final do século XIX, conforme nos revela o registro de 1894, o crescimento da cidade se voltou mais para a porção sul do território, em direção a então estação ferroviária (inaugurada em 1885). Neste período de maior expansão do traçado, a rua XV de Novembro se introduz como um dos eixos de caráter mais central do sistema urbano, adquirindo característica de maior acessibilidade e maior integração. Neste contexto somente duas ruas se apresentam com essas características (de integração e acessibilidade): no sentido leste/oeste da malha urbana, a rua XV de Novembro, e no sentido norte/sul a rua do Rosário (que já era um dos principais eixos nos períodos anteriores). Estes dois eixos revelam ainda o caráter ortogonal que o traçado começa a adquirir neste período de expansão.



Mapa axial de Curitiba em 1850 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.



Mapa axial de Curitiba em 1857 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.

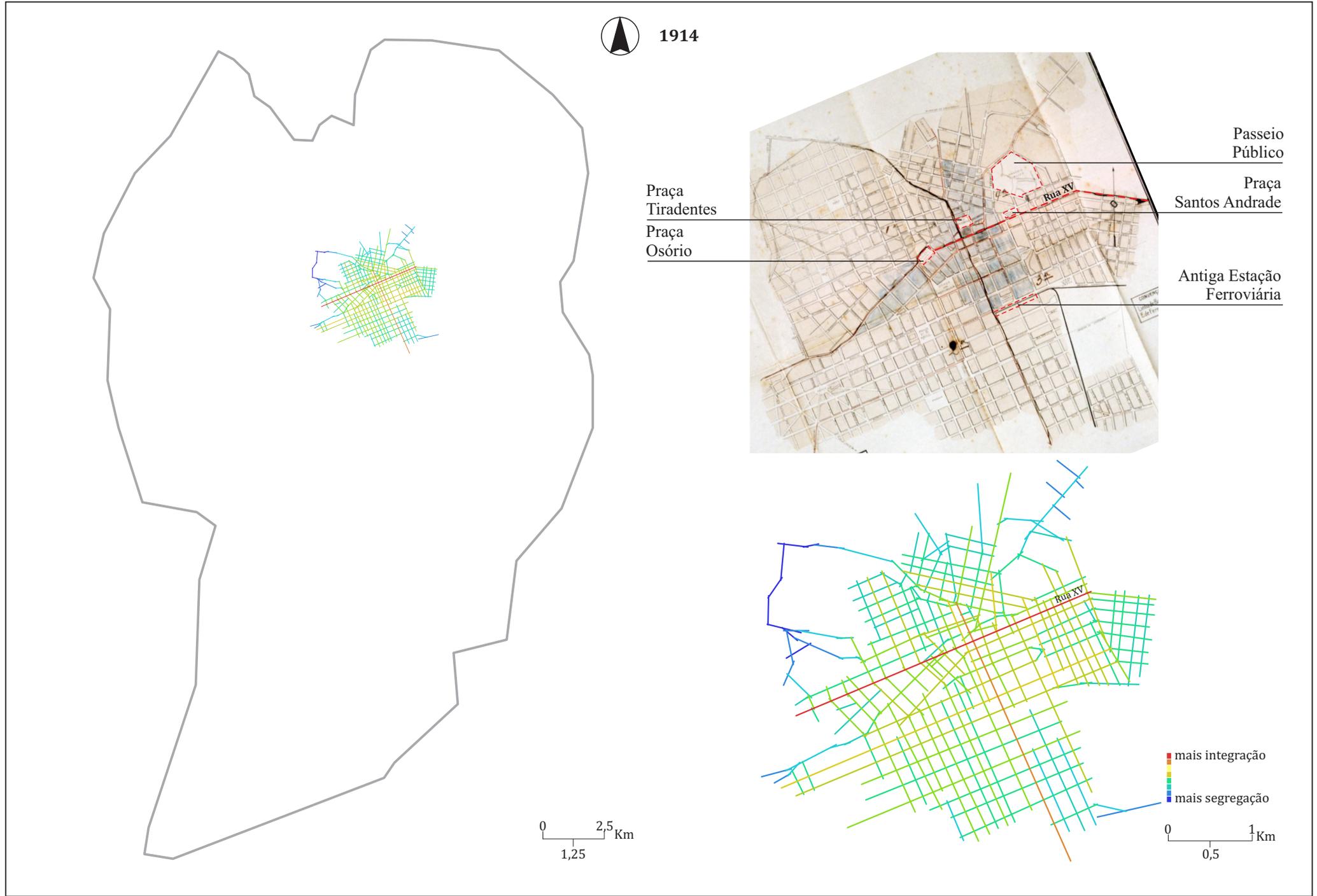


Mapa axial de Curitiba em 1894 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.

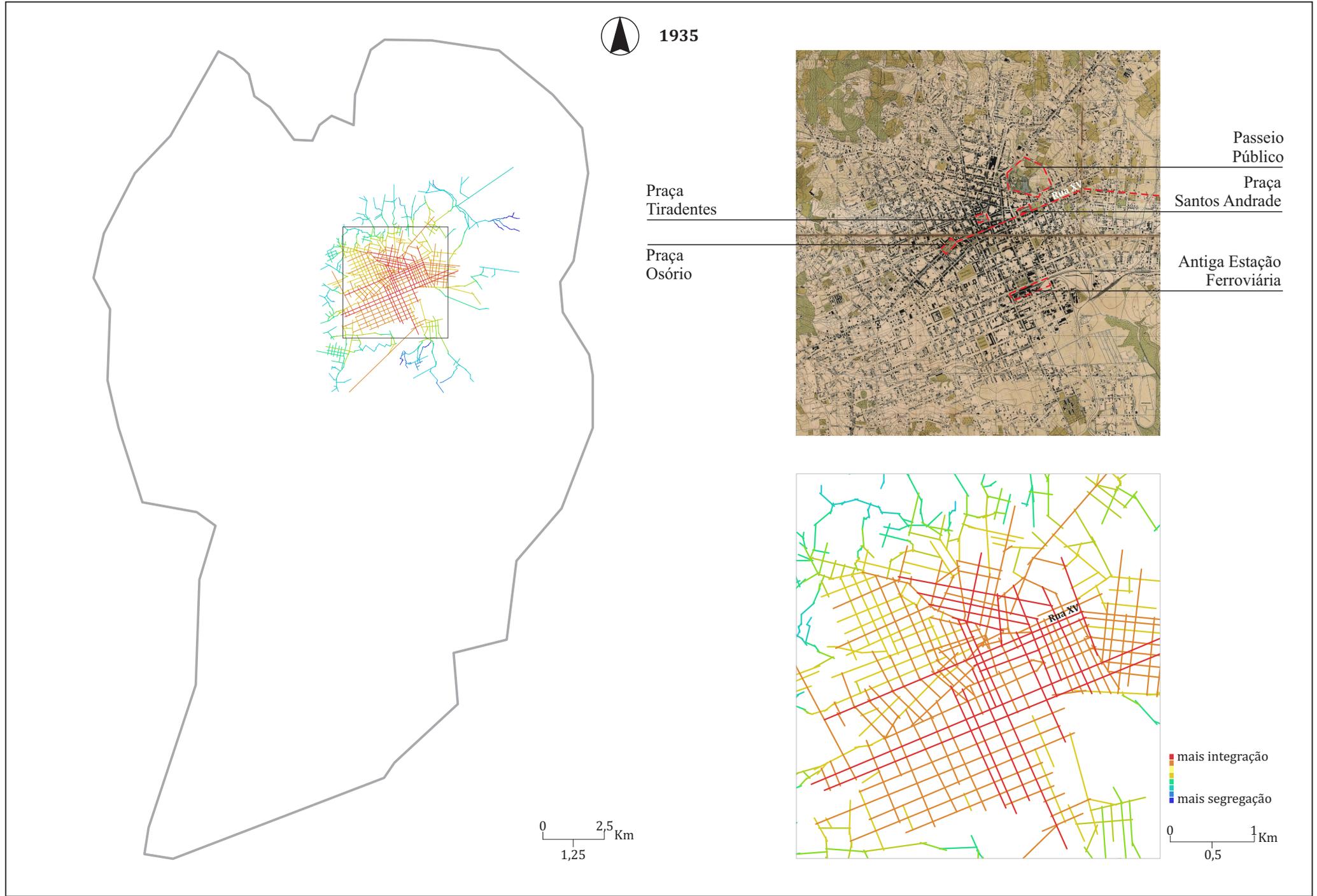
O início do século XX, como observado no relato histórico, se dá com a vinda de muito imigrantes para a cidade, conseqüentemente houve aumento populacional e crescimento considerável do tecido urbano. No registro espacial de 1914, observa-se que a expansão da macha urbana se deu no sentido leste - oeste, um pouco em direção sudoeste e timidamente a norte. A sudoeste nota-se o caráter ortogonal na malha acrescida. Com relação à rua XV de Novembro, nota-se que ela adquiri caráter mais acessível que a então rua do Rosário, que apresenta coloração mais fraca. É, portanto, no início do século XX que a rua XV, se desponta com o espaço mais integrado do meio urbano.

Para melhor visualização, os mapas históricos e axiais, a partir de 1914, são apresentados com um recorte na região onde se encontra a rua XV de Novembro, para melhor verificação do seu desempenho (coloração).

No período representado pelo mapa de 1935 é apontado o crescimento do tecido urbano de maneira proporcional para todos os sentidos do território. Este período permite identificar a formação de um “núcleo integrador” na região central da cidade, principalmente na região da rua XV de Novembro e marco inicial da cidade. É possível verificar que há uma distribuição espacial equilibrada dos níveis de conexão da malha urbana. O período de 1935 representa a configuração urbana da cidade antes do primeiro plano urbanístico, o “Plano Agache”, da década de 40. Apesar do crescimento considerável, desde os princípios da ocupação da cidade, a mancha urbana ainda concentra-se no entorno do núcleo inicial.



Mapa axial de Curitiba em 1914 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.



Mapa axial de Curitiba em 1935 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.

No registro de 1962, verifica-se o grande salto do crescimento urbano. O mapa axial revela que o núcleo integrador, com a configuração densa e compacta visto em 1935 perde força, as linhas mais integradas se dissolvem em um espaço maior o que faz com que haja uma maior hierarquia entre elas.

A área onde se encontra a rua XV de Novembro prossegue como um espaço de grande integração do sistema, porém, dividindo essa característica com diversas outras ruas. Pode-se identificar uma concorrência entre estes locais mais integrados. Mas, pela intensidade da cor, observa-se que a rua XV é um dos espaços mais integrados e acessíveis do sistema. De acordo com o contexto histórico, é neste período que se dá um dos principais momentos da história da rua XV, onde muitas atividades se desenvolveram e fomentaram a vida pública. Todo o cotidiano da população estava voltado ao espaço público da via, era o período que a população e a cidade estavam em conexão direta com a rua XV de Novembro.

No registro de 1971, tem-se o momento em que a cidade inicia sua mudança de perfil, principalmente por causa do plano diretor da cidade de 1966. Detecta-se um grande crescimento da malha em todas as direções do território. Confrontado com os períodos anteriores, foi o maior avanço da mancha urbana na cidade. Apesar disso, o núcleo mais integrado e acessível de todo o sistema urbano permanece na região central. Deste modo, a rua XV de Novembro, como elemento com grande importância dentro da região central, apresenta-se como um dos espaços de mais fácil acesso e integrados do sistema. Observa-se ainda um avanço do núcleo integrador para sudeste, se expandindo além do núcleo central, e tomando outra direção no território.



Mapa axial de Curitiba em 1962 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.



Mapa axial de Curitiba em 1971 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.

A malha urbana no final do século XX e início do século XXI, atinge quase que por completo a área do território municipal. Nota-se que o núcleo integrador não se desloca da região central e histórica da cidade, permanece no núcleo de origem de Curitiba. Observa-se também a consolidação de um eixo de ligação/integração entre Curitiba e São José dos Pinhais (maior município da Região Metropolitana de Curitiba), com a direção da mancha mais integrada (na coloração vermelha) do sistema urbano apresentado.

No mapa axial mais recente da cidade, datado em 2013¹⁴, observa-se que apesar de haver uma ligação entre Curitiba e São José dos Pinhais, a Sudeste, o centro morfológico, e núcleo integrador da cidade continua a permanecer no centro histórico da capital.

A rua XV de Novembro se apresentou como o espaço mais acessível e integrado de todo o sistema urbano, a partir de 1894, como se pode observar na cronologia dos mapas axiais. Ou seja, desde o início da ocupação até os dias atuais. Apesar de o tecido urbano ter se expandido em todas as direções, como se pode observar nos registros históricos, o centro tradicional da cidade permaneceu com suas características morfológicas de alta integração no contexto do todo da malha urbana. Isso demonstra que o centro da cidade, juntamente com a rua XV de Novembro apresenta grande potencial de conversão de fluxos e movimento de pessoas. Portanto, a região central da cidade de Curitiba sempre teve a tendência a convergir os movimentos da cidade, sendo o local mais acessível de todo o sistema urbano. Desta maneira, a vida pública na região central da cidade, pela avaliação de sua forma, sempre foi favorecida.

¹⁴ O mapa axial foi gerado com base no mapa CAD de arruamento, de 2013, última versão disponibilizada pelo IPPUC, no período em que deu-se o início da pesquisa.



Mapa axial de Curitiba em 2013 (à direita). À esquerda, mapa axial inserido no perímetro atual da cidade. Elaborado pelo autor com auxílio de Anabelli Simões Peichó.

Na seqüência, as figuras exibem a evolução da estrutura sintática da cidade de Curitiba. No primeiro quadro observam-se os quatro primeiros períodos avaliados sintaticamente. Os anos de 1850/1857/1894 e 1914, segunda metade do século XIX e início do século XX. Dentro deste recorte temporal, nota-se a tímida expansão da malha urbana da cidade. Sintaticamente constata-se que é a partir do final do século XIX, mais precisamente no registro de 1894 que a rua XV de Novembro passa a despontar como um dos eixos de maior integração da cidade.

No segundo quadro observam-se os períodos de 1935, 1962, 1971 e 2013, século XX e início do século XXI. Neste recorte, observa-se o grande avanço da mancha urbana nas décadas de 1960 e 1970. Apesar disso, a rua XV de Novembro sempre esteve destacada como um espaço de integração no contexto da cidade. Nestes períodos, além da constatação do nível de integração da rua XV de Novembro, há o estabelecimento de um núcleo integrador na região central da cidade, configurado a partir de várias ruas adjacentes a rua XV. No fim do século XX e início do século XXI, esse núcleo integrador se estendeu e tomou também uma nova direção, no sentido de São José dos Pinhais, município limítrofe a Curitiba, e parte de sua região metropolitana.

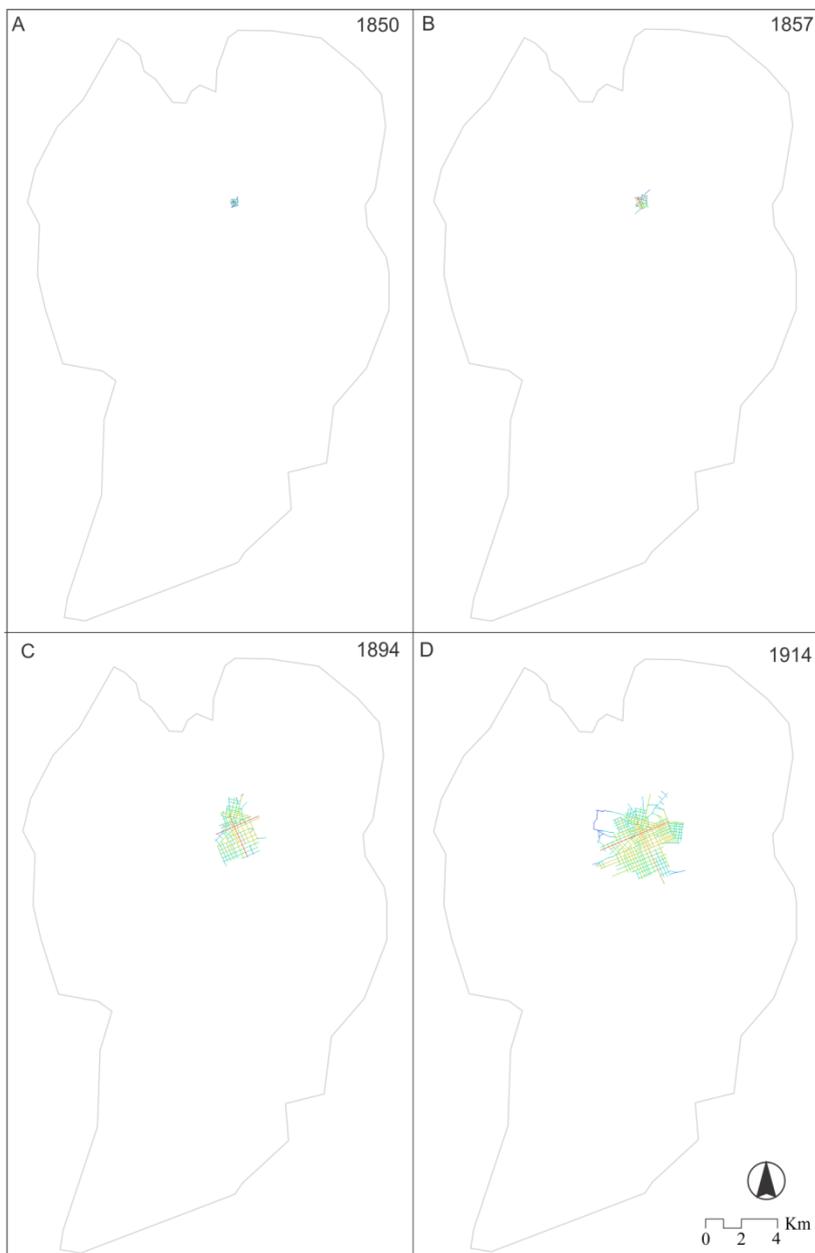


Figura 52 - Evolução sintática de Curitiba. De 1850 a 1914. Elaboração própria do Autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC.

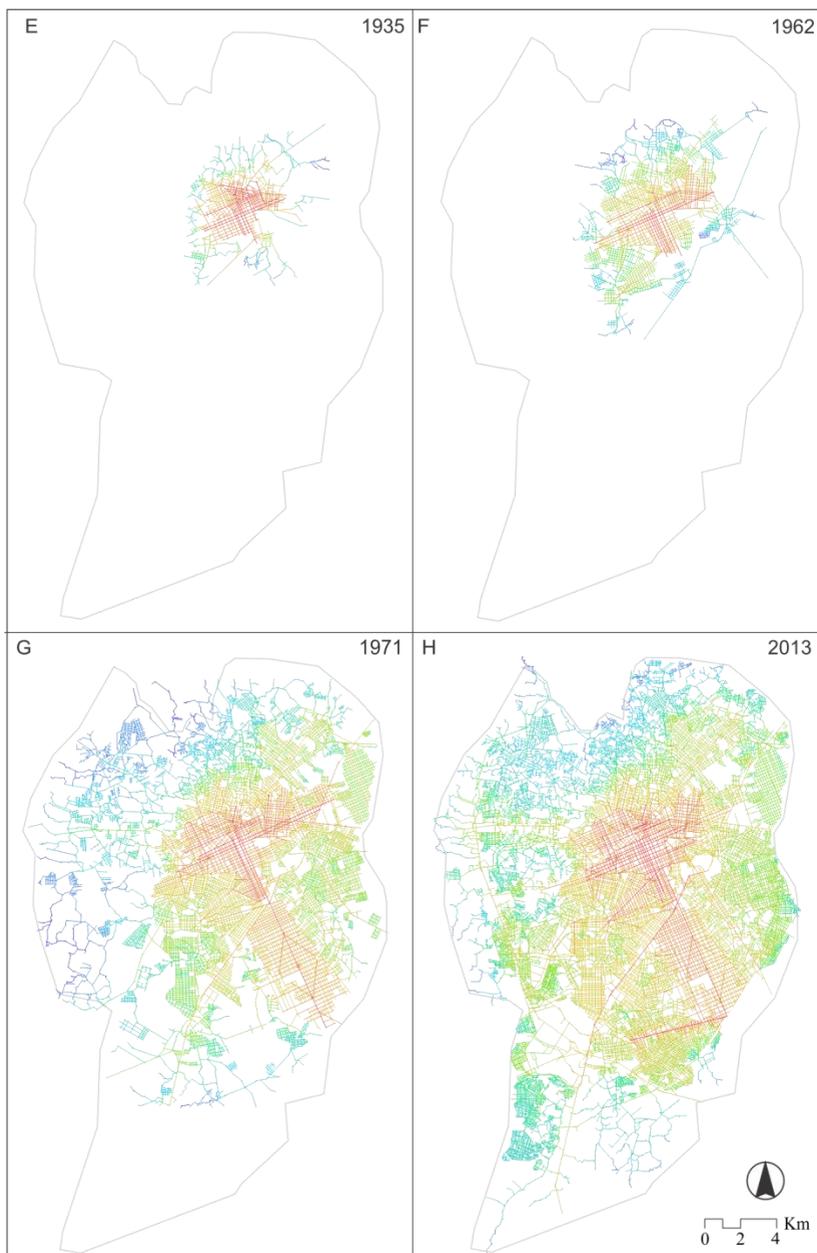


Figura 53 - Evolução sintática de Curitiba. De 1935 a 2013. Elaboração própria do Autor, com auxílio de Anabelli Simões Peichó. Fonte dos dados: IPPUC.

3.1.2 Análise da estrutura local

O sistema potencial de presença/ausência de pessoas revelado pela forma da cidade de Curitiba, nesta etapa é complementado pela análise de categorias locais da rua XV de Novembro. É realizada a análise da forma dos vazios e as constituições entre o espaço público e massa edificada.

3.1.2.1 Cheios e vazios

O mapa de permeabilidades e barreiras ou mapa de ilhas espaciais, ou ainda a relação de cheios e vazios é a primeira forma de análise dos padrões espaciais trazidos por Holanda (2002). Representa todos os obstáculos ao movimento de pedestres no nível do solo – edifícios, taludes, cercas, muros, densas massas de vegetação, grandes diferenças de nível, corpos d'água.

A relação, cheios e vazios, permite visualizar a proporção entre o espaço aberto, de uso público, em relação ao espaço total de uma determinada área urbana. De modo geral, no predomínio dos cheios (espaços fechados), os espaços públicos passam a configurar-se como figuras que ressaltam da massa construída; o modo contrário, com o predomínio dos vazios, destaca as edificações como volumes. A bibliográfica pesquisada reafirma que cidades conformadas pelo predomínio dos cheios reforçam atributos globais do tecido urbano, tendendo a concentrar fluxos de circulação e a promover uma apropriação intensa dos espaços de uso público. O predomínio dos vazios tende a aumentar distâncias interurbanas, separar práticas sociais, dispersar fluxos.

No mapa de cheios e vazios do recorte espacial analisado, observa-se uma das principais características da rua XV de Novembro e da região central da cidade: os espaços de uso público são visivelmente configurados a partir do predomínio da massa construída, da hegemonia dos cheios. Percebe-se, portanto, o espaço público se estruturando como uma paisagem de lugares e resgatando atributos de urbanidade e uma adequada escala humana. Esta configuração permite que o espaço público seja saudavelmente alimentado, por inúmeras transições (interface) entre espaço público e privado, como se pode verificar adiante.

O predomínio dos cheios da rua XV de Novembro também atende às características identificadas por ALEXANDER *et al* (1977), onde espaços exteriores positivos (onde os edifícios são figuras e o espaço externo é fundo, mas também pode ver os espaços exteriores como figuras contra o fundo dos edifícios) devem possuir certo grau de delimitação para favorecer sua definição e identificação como lugar.



N LEGENDA: ■ CHEIOS
 □ VAZIOS
 — ARRUAMENTO

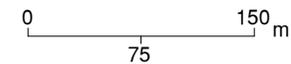


FIGURA 54 - CHEIOS E VAZIOS. ELABORADO PELO AUTOR COM AUXÍLIO DE ANABELLI SIMÕES PEICHÓ
 ESCALA: 1/2.500

SÓ FORAM LEVANTADOS OS LOTES DO ENTORNO IMEDIATO DA RUA XV E PRAÇAS OSÓRIO E SANTOS ANDRADE
 AS QUADRAS SEM DIVISÃO DOS LOTES NÃO FORAM LEVANTADAS

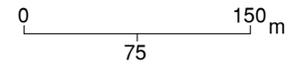
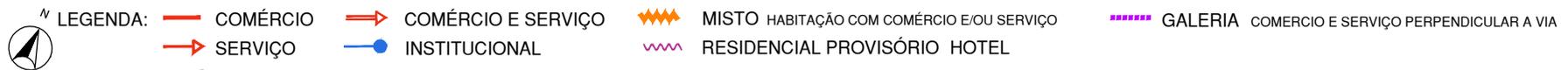
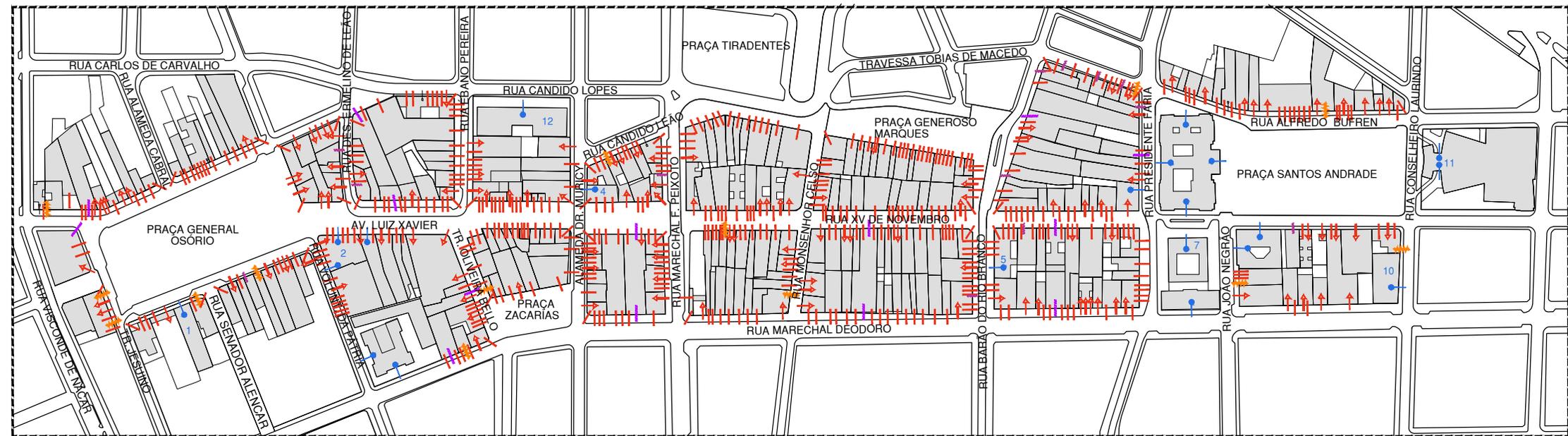
3.1.2.2 Constituições

As constituições entre os espaços públicos e privados, aqui denominadas de aberturas, entre a massa construída e os espaços abertos, relacionam as pessoas e as atividades envolvidas entre estes espaços, funcionam como uma transição entre o interior e o exterior. Jacobs (2009), chama a atenção para essas interações entre moradores locais e passantes, que garantiriam vigilância informal dos espaços públicos, tendo reflexos tanto na vitalidade dos lugares públicos quanto em sua segurança cotidiana. A expressão “olhos da rua” de Jacobs (2009) relacionando-se ao controle local do espaço público sintetiza esta situação. A interface entre os espaços, o “entra e sai”, alimenta o espaço público de pessoas dentro de um contexto local. Elas podem acontecer com grande frequência, ou ocasionalmente.

Na figura a seguir, são identificadas as constituições da rua XV de Novembro e entorno, ou seja, as portas que permitem essa interface entre o pedestre e os usos internos das edificações.

Observa-se que o número de constituições, principalmente os de frente à rua XV de Novembro, é bastante alto, o que favorece a alimentação do espaço público de pessoas. Pela grande quantidade de constituições de comércio e serviço, durante o horário de funcionamento destas atividades, o espaço público apresenta grande quantidade de pedestres. Observa-se ainda a quase nula interface entre uso residencial e espaço público na rua XV de Novembro. Ou seja, os “olhos da rua”, de Jacobs (2009) funcionam somente entre o comerciante e o passante dos horários comerciais. Quando não há o comerciante, não há olhos, só há interfaces cegas, sem integração alguma entre o espaço público e o espaço privado.

Identifica-se, portanto, características distintas da rua XV de Novembro, no contexto do seu dia-a-dia, considerando os diferentes horários analisados.



- LEGENDA EDIFICAÇÕES INSTITUCIONAIS:**
- | | | | |
|-----------------------------------|----------------------------------|-------------------|-------------------------|
| 1. UNIVERSIDADE POSITIVO | 4. UNIANDRADE | 7. CORREIOS | 10. CAIXA CULTURAL |
| 2. UNINTER | 5. SECRETARIA PREFEITURA | . RECEITA FEDERAL | 11. TEATRO GUAÍRA |
| . INSTITUTO DE EDUCAÇÃO DO PARANÁ | . UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ | . INSS | 12. BIBLIOTECA P. BLICA |

FIGURA 55 - CONSTITUIÇÕES. ELABORADO PELO AUTOR COM AUXÍLIO DE ANABELLI SIMÕES PEICHÓ
 ESCALA: 1/2.500

SÓ FORAM LEVANTADOS OS LOTES DO ENTORNO IMEDIATO DA RUA XV E PRAÇAS OSÓRIO E SANTOS ANDRADE
 AS QUADRAS SEM DIVISÃO DOS LOTES NÃO FORAM LEVANTADAS

A relação de pessoas no espaço público com as edificações é ilustrada nas imagens a seguir. Percebe-se, no horário comercial (figura A), que há grande quantidade de pessoas no espaço público, já em horários não comerciais (período noturno/domingo), o fluxo de pessoas muda consideravelmente. Pode ser considerado nulo a movimentação de pessoas, fora de horário comercial. Ou seja, a interface entre as edificações (espaço privado) e o espaço de uso público (o calçadão), na rua XV de Novembro, é elemento relevante no que diz respeito à apropriação e vida pública do espaço.

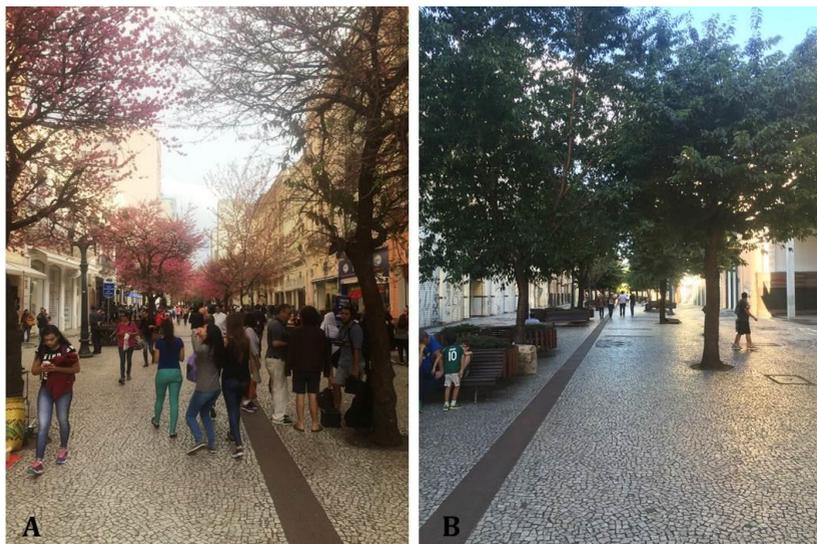


Figura 56 – Relação entre espaço público e as edificações em diferentes períodos. Figura A, período da tarde durante a semana, figura B, período da tarde em um domingo. Foto de Novembro de 2016. Fonte: Fotos do autor.

3.2 A distribuição de atividades

O sistema potencial de presença / ausência de pessoas, organizado pela forma da cidade de Curitiba é aqui complementado pela análise da categoria das atividades que estão impressas nos arranjos espaciais. Analisa-se os distintos “rótulos”¹⁵ presentes na rua XV de Novembro e no seu entorno imediato e conseqüentemente os efeitos potenciais que exercem na alimentação do espaço de uso público. Desperta interesse a repercussão dos efeitos das atividades em termos de presença e ausência de pessoas no espaço público, relacionando-os aos atributos identificados na análise anterior. Este nível de análise complementa a análise do todo, como expõe Holanda (2002).

A co-presença no espaço aberto varia não apenas de acordo com a natureza de tais rótulos, que podem “alimentar” mais ou menos intensamente o espaço aberto, mas também de acordo com as medidas de integração das linhas axiais da malha urbana. (HOLANDA, 2002, p.107)

Diversos autores, na segunda metade do século XX, enfatizaram a necessidade da aplicação de usos e atividades urbanas diversificadas como condição essencial na formação de espaços públicos bem qualificados.

Esta discussão é apresentada principalmente nos trabalhos de Jacobs (2009) e Alexander (1965), os quais ressaltam que os usos devem estar bem distribuídos, relacionando-se e complementando-se, para favorecer o equilíbrio da cidade. A variedade e a distribuição adequada dos usos do solo garantem que não haja esvaziamento em função do ciclo trabalho/ moradia/ lazer. A adequada distribuição das atividades urbanas contíguas aos espaços públicos (comércio, serviço, habitação) favorece a vitalidade urbana nos diferentes horários do dia.

¹⁵ Entende-se por “Rótulos”, as atividades de uso do solo que caracterizam as edificações em residenciais, comerciais, de serviços, habitacional, institucional ou de uso misto (que une uso residencial com comércio e/ou serviço).

Acredita-se, portanto, que as atividades podem reforçar os atributos de centralidade identificados na técnica da axialidade, ferramenta da Sintaxe Espacial. Este reforço na centralidade decorre dos efeitos potenciais que os distintos usos exercem na sustentação dos espaços públicos.

Para realizar a análise foram identificadas todas as atividades distribuídas na rua XV de Novembro e entorno imediato, com leitura direta junto à fachada de cada edificação por meio de levantamento de campo. Para tal análise, as atividades levantadas foram divididas da seguinte forma: residencial, comércio e serviço, institucional, uso misto (uso residencial com comércio e/ou serviço) uso residencial provisório (hotel) e hotel com comércio e/ou serviço.

Nas figuras a seguir (mapa da distribuição de atividades e usos do solo e “Skyline” das edificações com seus usos e atividade impressos) verifica-se esta distribuição de usos na rua XV de Novembro e seu entorno imediato. A concentração de apenas um tipo de uso em quase sua total extensão é muito clara. A atividade de comércio e serviço instalados na rua XV de Novembro é praticamente única. Nesta esfera, o principal uso que se encontra hoje na rua XV, é o varejista de vestuário e de tecidos. Já na oferta de serviços a gama é maior, com serviços de saúde, profissionais liberais, hospedagem e alimentação. Com relação ao serviço público, a oferta é mais baixa. Somente junto às praças General Osório e Santos Andrade é que há outros usos, como por exemplo, uso residencial, identificados como misto por estarem localizados em edificações que também comportam comércio e serviços, ou seja, térreo de comércio e serviço e a torre de uso residencial.

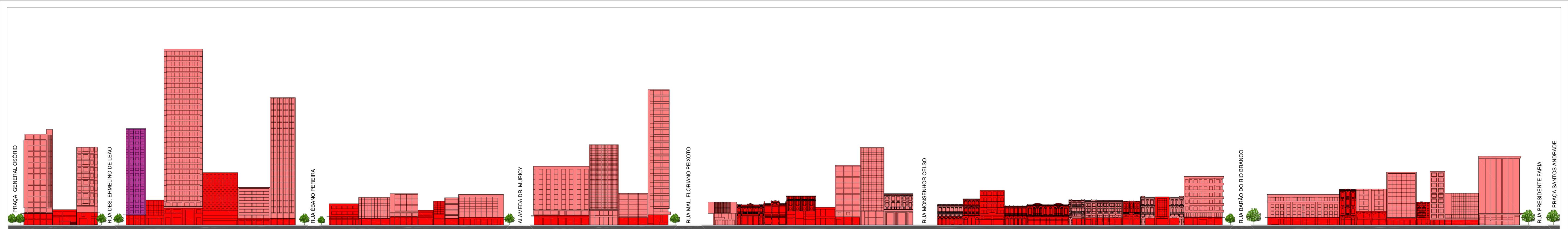
Este fenômeno pode ser explicado pela análise da estrutura da cidade como um todo (leitura axial). A rua XV de Novembro e seu entorno apresentam-se para a cidade como um dos espaços mais acessíveis a partir de qualquer outro ponto da cidade. O espaço da rua XV é um dos espaços mais integrados do sistema urbano de Curitiba. O uso comercial e de serviços procura exatamente estes espaços, onde há possibilidade de maior concentração e movimento de pessoas. Assim, o uso residencial que sempre existiu na rua, como visto no relato histórico, perdeu espaço pela característica central do logradouro.

O uso residencial merece uma abordagem especial, pois “favorece o vínculo e a identidade dos moradores com a área da cidade onde se encontram, da qual tendem a cuidar informalmente.” (TENÓRIO, 2012 p.190). A autora destaca que áreas urbanas qualificadas precisam oferecer diferentes tipos de moradia, que devem estar bem distribuídas e possuir certa densidade, propiciando alternativas habitacionais diferenciadas tanto em termos socioeconômicos, como em termos de gênero, faixa etária e estado civil. Somente desta maneira atingir-se-ia a diversidade social procurada.

A situação da rua XV de Novembro é peculiar pela falta de usos variados, principalmente a falta deste uso residencial como elencado por Tenório (2012). Pode-se observar que em horários não comerciais essa região tende a perder a característica de centralidade, pode-se dizer que tende a se desertificar no período noturno pela quase nula presença do uso residencial. As atividades distribuídas no espaço não oferecem uma diversificação de pessoas em horários variados.

Nada vale a forma urbana potencializar o uso deste espaço, como pode ser visto na leitura da forma da cidade como um todo, se suas atividades, distribuídas nas edificações só favorecem a presença de pessoas e a consequente apropriação do espaço em determinados horários do dia (no caso, os horários em que os usos comerciais e de serviços estão em funcionamento).

A excessiva concentração de usos comerciais e de serviços, além da expulsão dos usos residenciais de vias principais nos centros urbanos não é uma característica somente da rua XV de Novembro em Curitiba, e sim da maioria das cidades brasileiras, que continuamente, apresentam uma diversidade de usos cada vez menores.



SKYLINE RUA XV DE NOVEMBRO/ ATIVIDADES DAS EDIFICAÇÕES
LADO ESQUERDO DA RUA - DA PRAÇA OSÓRIO SENTIDO PRAÇA SANTOS ANDRADE
ELABORADO PELO AUTOR COM AUXÍLIO DE ANABELLI SIMÕES PEIÇHO
ESCALA: 1/750

LEGENDA:
■ COMÉRCIO
■ SERVIÇO
■ HOTEL (HABITAÇÃO PROVISÓRIA)

Nas figuras a seguir, ao nível do observador, são apresentados o fluxo e o movimento de pessoas na rua XV de Novembro em dois períodos do dia, o primeiro com os usos comerciais e de serviços abertos, e o segundo com estas atividades fechadas. A mudança brusca na forma de uso do espaço público está relacionada diretamente aos efeitos que as atividades alocadas nas edificações causam no ambiente urbano.



Figura 59 - Fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro em horário comercial (a e b). Foto a: na esquina da Rua Ébano Pereira com rua XV, sentido rua Praça Santos Andrade. Foto b: quadra entre as ruas Marechal F. Peixoto e Monsenhor Celso, também sentido praça Santos Andrade. Fotos do autor, fevereiro de 2016.



Figura 60 - Fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro. (a) Sábado à tarde, (b) período da noite. Foto a: quadra entre as ruas Monsenhor Celso e Barão do Rio Branco (sentido Praça Santos Andrade), foto b: quadra entre as ruas Dr. Muricy e Ébano Pereira (sentido praça Osório). Fotos do autor, fevereiro de 2016.

Já nas figuras abaixo são apresentados os mesmos fluxos e movimentos observados de um dos edifícios localizados na rua XV de novembro, na quadra entre as ruas Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto. Confirma-se novamente a mudança extrema na forma de apropriação do espaço público nos diferentes períodos do dia numa relação direta com os usos e atividades distribuídas das edificações do entorno da rua XV.

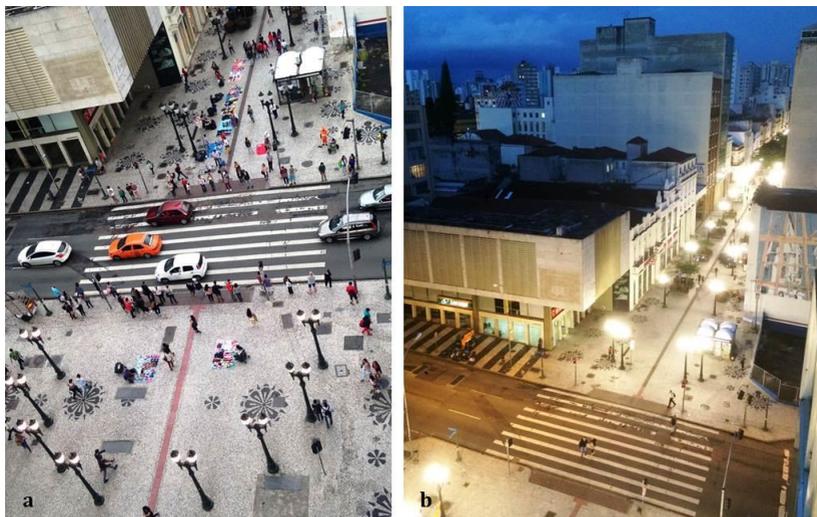


Figura 61 - Fluxo de pedestres da rua XV de Novembro, esquina com rua Marechal Floriano Peixoto. Foto a: durante o horário comercial, dia de semana, foto b: fora do horário comercial, dia de semana. Novembro, 2016. Fonte: Foto do autor.

3.2.1 Atividades Remanescentes da Rua XV de Novembro

A cidade é um todo formado a partir de vários períodos, e que está a todo o momento, mudando, sobrevivendo, se transformando, em um contínuo processo de mutação. Observa-se isso na própria rua XV de Novembro, que desde o contexto inicial da cidade de Curitiba, até os dias atuais, vem se transformando, e se regenerando com a evolução da cidade. Ainda que, hoje em dia, o grau de mudanças seja cada vez mais rápido, há elementos que sobrevivem ao tempo e continuam fazendo parte da história da cidade. Por considerar a importância das atividades alocadas no espaço público, verificam-se os usos existentes hoje em dia, que perduram às mudanças.

Na proximidade da praça Osório, na quadra entre as Ruas Ébano Pereira e Alameda do Dr. Muricy, junto ao famoso “Bondinho” da rua XV de Novembro, é possível visualizar os bares: Triângulo, de 1939 e Mignon, de 1946 (inauguração em 1925), ilustrados nas figuras a seguir.

O Bar Mignon foi inaugurado em 1925, mas passou para o atual endereço, rua XV de Novembro nº 42 a partir de 1946. Sempre foi conhecido como reduto da boemia, ponto de encontro tradicional da noite curitibana, chegou a ter 50 empregados e a funcionar 24 horas por dia. Não fechava nem mesmo em noite como a de Natal e de Ano Novo. O Bar Triângulo fica bem ao lado do bar do Mignon, e foi também ponto da antiga boemia curitibana. Ambos são concorrentes um do outro e atendem o mesmo público. São lembrados sempre pelas mesas espalhadas sobre o calçadão e pela cobertura de acrílico roxo sobre as mesas. É o único ponto da rua XV hoje em que há mesas na rua, e onde há essa interação entre os consumidores e o público passante da rua.

Estes dois bares são fundamentais para a rua XV. Além de serem pontos históricos da cidade, por existirem há mais de 70 anos, atualmente são elementos de grande importância para a vida pública da rua XV de Novembro. Os dois pontos são o único espaço que permite que as pessoas “permaneçam” na rua XV, e não apenas “passem” por ela. Funcionam como o “*street cafe*” e “*night life*”, recomendações de Alexander *et al* (1977) para a existência de cidades mais vivas.



Figura 62 – Os Bares Mignon e Triângulo na rua XV de Novembro. Fonte Imagem: Site Babilonia.net



Figura 63 - Mesas e cobertura acrílico roxo, espaço atemporal da rua XV de Novembro. Fonte: Site Circulando por Curitiba, foto de Washington Cesar Takeuchi, 2014.



Figura 64 - Bares Triângulo e Mignon. Novembro de 2016. Importante uso comercial nos mais diversos períodos do dia na rua XV de Novembro. Fonte: Foto do autor.

Seguindo pela rua XV com sentido a Praça Santos Andrade, entre as ruas Alameda Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto encontra-se a Casa das Canetas, de 1948¹⁶. Segundo a própria marca, a primeira loja especializada em canetas do Brasil. Até os dias atuais é referência para presentes e compra de canetas para uso pessoal, atua com determinada importância por ser uma das únicas atividades deste segmento na cidade.

Por fim, na quadra entre as ruas Monsenhor Celso e Riachuelo, encontra-se a Confeitaria das Famílias, de 1945. É um dos espaços mais tradicionais da cidade e completou em 2015, 70 anos de funcionamento ininterruptos. A principal característica do espaço é a produção artesanal na própria edificação da loja.

¹⁶ O ano de 1948 data a inauguração da loja. Em 1952 abre sua primeira filial na própria rua XV. É o ponto da primeira filial que permanece em funcionamento até os dias atuais.



Figura 65 - Confeitaria das Famílias, desde 1945 na rua XV de Novembro. Fonte: Foto do autor, novembro de 2016.

Estes usos que perduram o tempo contribuem ainda mais para a qualificação do espaço público, pois alimentam o espaço com um público diferenciado, tanto de pessoas que sempre conviveram com essas atividades durante sua vida, como um público que quer conhecer esses tradicionais espaços da cidade. A existência destas atividades na rua XV de Novembro dá a ideia de identidade e pertencimento aos cidadãos, diferente das novas atividades que não criam vínculo com o espaço, pois frequentemente mudam suas atividades de lugar ou de segmento.

Estas são as únicas atividades de uso do solo que permanecem na rua XV de Novembro, as demais sofrem alterações frequentemente.

3.3 O cotidiano da rua XV de Novembro: a vida social

Esta análise tem como objetivo principal relacionar as categorias anteriormente analisadas, a forma urbana e a distribuição de atividades no contexto da apropriação cotidiana. Como verificado, a rua XV de Novembro possui potencial para captar os movimentos naturais das pessoas no espaço público, pois está bem integrada no sistema urbano. Apesar disso, encontra-se homogênea e pouco diversificada com relação às atividades de usos do solo situados em suas margens. Os efeitos dessa homogeneidade sobre a apropriação do espaço público podem ser vistos na pesquisa de campo aqui elaborada.

A análise se deu a partir dos dados recolhidos em pesquisa de campo referentes à apropriação do espaço público da rua XV de Novembro pelas pessoas. Em dois diferentes pontos e em dois períodos do dia, foi levantada a quantidade de pedestres que cruzavam o local, através de contagem, durante um período de 5 minutos.

Os dados foram retirados de dois pontos específicos da rua XV. Foram determinados a fim de que a coleta alcançasse toda a extensão do calçadão, desta maneira foram escolhidos pontos em cada uma das extremidades da rua XV de Novembro, denominados de pontos 1 e 2, conforme pode ser observado no mapa. O ponto 1 está na quadra mais próxima à praça Santos Andrade, e o ponto 2 está na quadra mais próxima à praça Osório. Além dos dois pontos fixos para a contagem, foram eleitos dois diferentes horários durante dias da semana (neste caso a coleta foi feita em uma quinta-feira) e os mesmos dois horários (14h00m e 20h00m) no final de semana (neste caso a coleta foi feita em um sábado)¹⁷. Abaixo, tabela com os dados colhidos:

Ponto de medição	PONTO 01		PONTO 02	
	14:00-14:05	20:00-20:05	14:00-14:05	20:00-20:05
Horário				
Dia de semana	357	66	362	82
Fim de semana	110	38	136	65

Quadro 1- Registro número de pedestres

Elaboração própria a partir do levantamento de campo, maio de 2016.

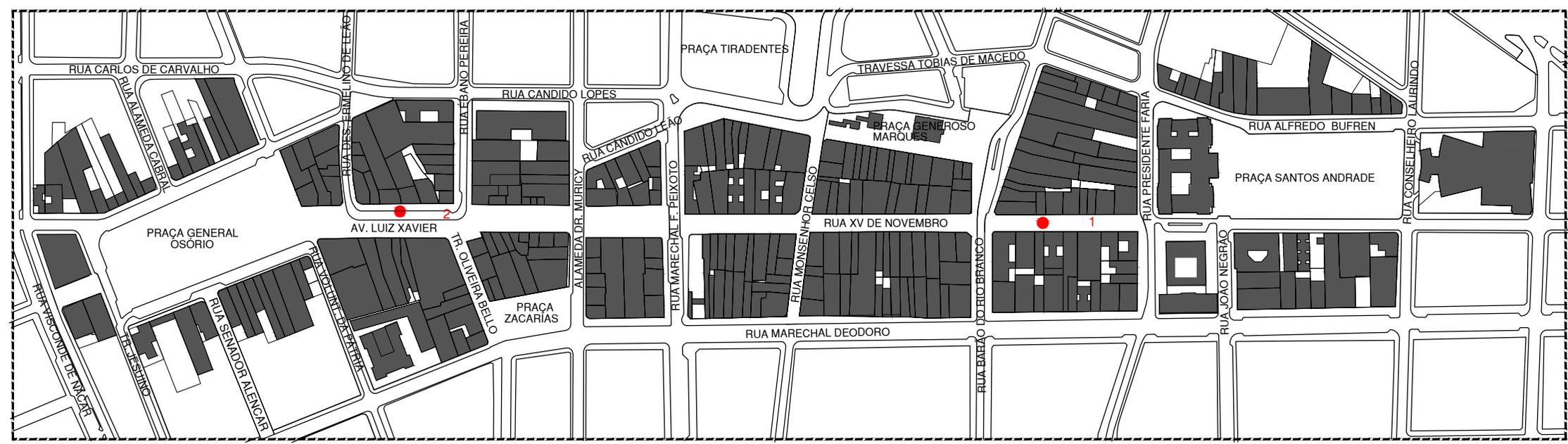
¹⁷ O período da quinta-feira e do sábado, em que foram feitas as coletas dos dados, não coincidiu com nenhum evento específico na região central da cidade, portanto a coleta ocorreu em dias normais da rua XV de Novembro.

Durante os dias de semana, foi levantada a maior quantidade de pedestres que passaram pelos pontos referenciais. Uma média de 360 pessoas em ambos os pontos de contagem no horário comercial, às 14h00m horas. No mesmo dia, após o horário comercial, em nova contagem, este número caiu 80%, passando para uma média de 74 pessoas em cada ponto.

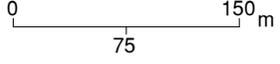
No fim de semana, dentro dos mesmos horários, o número de pedestres no horário das 14h00m também foi menor. Isto se deu pela inércia da maioria dos espaços de serviços, os quais não estavam funcionando no período pesquisado. Já o número de pessoas no fim de semana, e fora do horário comercial, as 20h00m foi muito menor, provando que as atividades locais no espaço influenciam e muito a apropriação. No caso, o não-fechamento das atividades faz com que não haja apropriação nos horários não comerciais.



Figura 66 - Rua XV de Novembro aos fins de semana, fora de horário comercial. Novembro de 2016. Fonte: Foto do Autor.




LEGENDA: ● LOCAL DE MEDIÇÃO
 FIGURA 7 - PONTOS DE MEDIÇÃO - CONTAGEM DE PEDESTRES. ELABORADO PELO AUTOR.
 ESCALA: 1/2.500



Além da contagem do número de pessoas realizada, fez-se a análise do fluxo e movimento de pedestres na rua XV de Novembro por meio da repetição de fotos, em diferentes horários do dia. Na série de imagens a seguir apresenta-se um quadro do movimento de pedestres na via, em diferentes horários do dia. Na sequência apresentada estão registrados os momentos das 10h00m, 13h00m, 15h00m, 18h00m e 20h00m.

É possível identificar maiores fluxos nos horários de 13h00m/15h00m e 18h00ms. Às 10h00m, observa-se uma tímida movimentação fluxo, e as 20h00m, já no período noturno, confirma-se a desertificação causada pela falta de atividade nas edificações contíguas à rua XV.

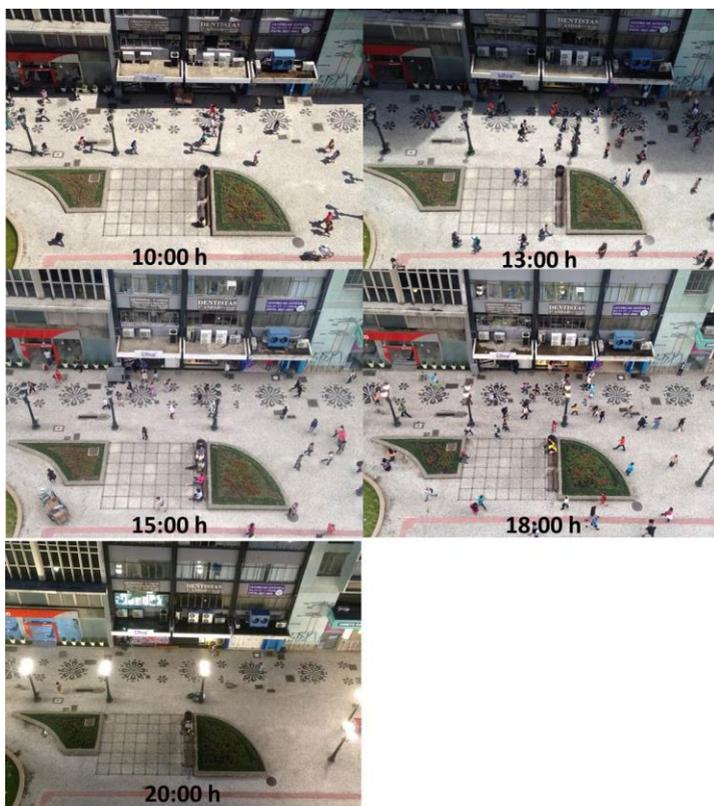


Figura 68 - Movimentação diária na rua XV de Novembro. Fotos realizadas do 8º pavimento de um edifício comercial, localizado na quadra entre as ruas Dr. Muricy e Marechal Floriano Peixoto. Fotos próprias do autor.

Apesar dos horários não comerciais apresentar elevada desertificação, sem apropriação do seu espaço, no dia-a-dia, nos horários em que suas atividades já atraem as pessoas, a rua XV de Novembro possui também diversas outras formas de atração e manifestação de interações sociais. O seu cotidiano é emoldurado por diversas atividades desenvolvidas sobre o espaço público, além das atividades desenvolvidas dentro das edificações.

Junto à grande quantidade de lojas e espaços de serviços, muitas são as formas de manifestação cultural na rua XV. Artistas de todas as áreas apresentam seus trabalhos e auxiliam na diversificação do espaço, contribuindo para vida pública urbana da região central da cidade. Pintores, escultores, palhaços, malabaristas e cantores, são algumas das pessoas que se apropriam diariamente do espaço para interagir com os demais.



**Figura 69 - Artista debruçado sobre seu trabalho na rua XV de Novembro.
Fonte: Washington Cesar Takeuchi, 2016.**



Figura 70 - Artista faz apresentação musical na rua XV de Novembro. Novembro de 2016. Fonte: Foto do autor.

Além das manifestações culturais, a rua XV de Novembro, no seu cotidiano é palco também, de muitas formas de ações voltadas a atender a população de maneira geral. Sejam ações educativas, ações de atendimento necessário ao público, ou ainda ações para conhecimento de determinados temas para a população. Nas figuras a seguir, observa-se ação da prefeitura municipal relacionado à promoção e prevenção da saúde pública, e também ação promovendo evento esportivo na capital paranaense. Estas ações na rua XV revelam o papel que ela desempenha para população em geral, sua importância perante o cidadão. Muitas das ações que pretendem atingir o máximo possível de pessoas da cidade são realizadas na rua XV. A vida do cidadão curitibano está alinhada com a rua XV. Hoje em dia, para muitos, não há uma relação cotidiana com a rua, mas é nela que todos tem a referência de espaço público.



Figura 71 - Posto de vacinação na rua XV de Novembro. Fonte: Gazeta do Povo, 2014.



Figura 72 - Promoção de evento esportivo na rua XV de Novembro. Fonte: Gazeta do Povo, 2016.

Fora as ações efêmeras e a participação popular no contexto cotidiano da rua XV de Novembro, há outro elemento que simboliza também o espaço para curitibanos e turistas. O “Bondinho” está na rua XV desde a década de 70 quando o “calçadão” foi construído. Sua função era constituir um elemento de animação no calçadão e no centro da cidade. A proposta era ser local privilegiado para o atendimento de crianças, enquanto os pais ou responsáveis iam às compras ou realizavam outras atividades na área do calçadão. Na segunda metade da década de 1980, funcionou como Serviço de Informações e Turismo de Curitiba. Em 1989, foi recuperado e retomou sua função como espaço cultural. Hoje é um dos espaços da Fundação Cultural de Curitiba, voltados à leitura, e símbolo da rua XV para todos que a conhecem.



Figura 73 - "Bondinho" da Rua XV de Novembro. Fonte: Foto do autor, 2016.

3.3.1 Os eventos da rua XV de Novembro

Como a mais simbólica e tradicional rua da cidade de Curitiba, a rua XV de novembro apresenta uma importância não só no dia-a-dia da cidade, mas também em eventos e grandes acontecimentos que acontecem ocasionalmente na cidade. Estes eventos podem ter caráter cultural, político ou festivo.

Criado no ano de 2009, a Corrente Cultural de Curitiba promove a diversidade cultural na cidade. Diversos bairros e principalmente a região central da cidade são tomados por uma intensa programação artística. Normalmente, a rua XV de Novembro é um dos palcos destes eventos. Nas imagens a seguir observa-se o espaço da rua XV tomado pela população em duas edições da Corrente Cultural, em 2013 e em 2015.



Figura 74 - Corrente Cultural de 2013, show na Rua XV de Novembro. Fonte: Washington Cesar Takauchi, 2013.



Figura 75 - Corrente Cultural de 2015, show na Rua XV de Novembro. Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2015.

O espaço da rua XV de Novembro é palco também das atividades e festas temáticas. A rua é palco do carnaval de rua da cidade, atraindo e aglomerando diversos “foliões” que festejam a data. Na imagem que se segue nota-se a grande concentração de pessoas, no “Zombie Walk 2016”, último carnaval ocorrido na rua XV de Novembro.



Figura 76 - Aglomeração popular no período do carnaval 2016. Fonte: Fundação Cultural de Curitiba, 2016.

Tradicional evento na cidade, o Natal em Curitiba é conhecido pelas apresentações natalinas na rua XV de Novembro. Nos períodos que antecedem o natal, normalmente nos meses de novembro e dezembro, as ruas no entorno da “Boca Maldita” são tomadas em noites específicas, para as pessoas prestigiarem os cantos de natal das crianças da cidade. Estas noites de apresentações, trazem grande público para a região central. Observa-se as apresentações ocorridas no ano de 2015.



Figura 77 - Concerto de Natal 2015 no Palácio Avenida. Rua XV de Novembro com Travessa Oliveira Belo. Fonte: Washington Cesar Takauchi, 2015.

Nas imagens que se seguem pode-se observar a grande quantidade de pessoas que se aglomeram na frente ao edifício das apresentações para assistir ao espetáculo. Neste dia, o tempo estava chuvoso, mesmo assim o espaço da rua XV de Novembro estava tomado pelos populares.



Figura 78 - Evento de Natal na rua XV de Novembro. Público assistindo à apresentação. Dezembro de 2015. Foto do autor.



Figura 79 - Evento de Natal na rua XV de Novembro. Público assistindo à apresentação. Dezembro de 2015. Foto do autor.

Além das apresentações no Palácio Avenida, como vimos nas imagens, a prefeitura municipal, durante alguns anos recentes, promoveu também, como forma de complementar as apresentações do coral, o evento “Galeria de luz”, também na rua XV de Novembro.

A Galeria de Luz teve suas instalações, durante alguns anos, no trecho entre as ruas Barão do Rio Branco e Marechal Floriano Peixoto. O evento é um projeto de arcos iluminados, juntamente com apresentações públicas abertas a população. A galeria conta com mais de milhares de lâmpadas. O evento não ocorreu nos últimos três anos, por conta de falta de verba e patrocínio.

Tanto na apresentação do coral das crianças no Palácio Avenida, que ocorre há 25 anos ininterruptamente, como na Galeria de Luz que ocorreu algumas edições na rua XV de Novembro, a participação da população é muito grande. A aglomeração popular toma todo o espaço público, dando vida à rua XV de Novembro no período noturno, que normalmente acaba desertificada, como visto nas análises anteriores.



Figura 80 - Galeria de Luz, Rua XV de Novembro, 2012. Fonte: Site Matraqueando.

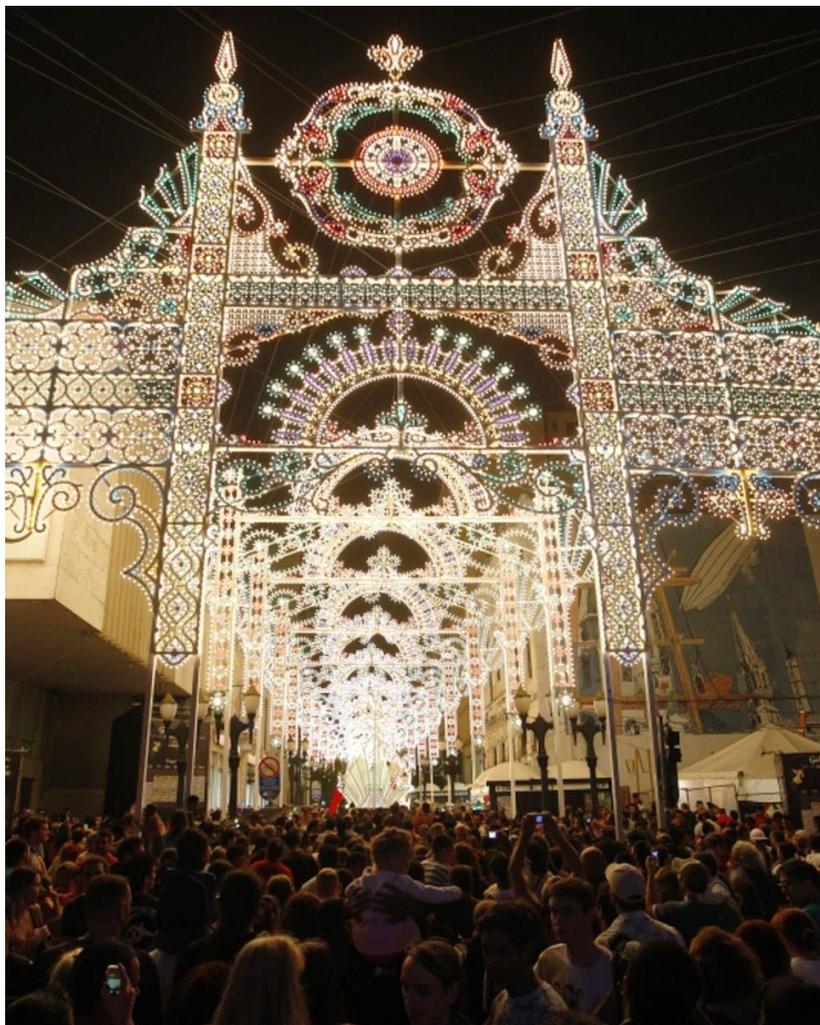


Figura 81 - Galeria de Luz, rua XV de Novembro, 2012. Fonte: Gazeta do Povo, 2013.

As manifestações políticas também não ficam de fora do contexto da rua XV de Novembro. Expressões democráticas como aquelas que acontecem na “Boca Maldita” a transforma-na numa verdadeira Ágora curitibana. É no espaço da rua XV de Novembro que os cidadãos encontram o lugar perfeito para reivindicar ou apenas manifestar suas opiniões.

Nas figuras a seguir, observam-se as manifestações mais recentes ocorridas na rua XV. Salienta-se estas mesmas situações políticas aconteceram em diversos momentos na história da cidade. A rua XV é o palco onde a cada dia a cidade se encontra consigo própria, refletindo sua imagem no próprio espelho.



Figura 82 - Manifestação política na rua XV de Novembro. Gazeta do Povo, 2016.



Figura 83 - Manifestação política na rua XV de Novembro. Gazeta do Povo, 2016.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho realizou uma análise morfológica da cidade de Curitiba, com olhar específico para a rua XV de Novembro. Buscou-se entender o papel da rua XV de Novembro como elemento estruturador da rede de espaços públicos da capital paranaense, compreendendo as características que permitem a criação de espaços públicos com apropriação intensa e diversificada no cotidiano.

A pesquisa englobou fundamentos teóricos e análises empíricas. Dentro do campo teórico buscaram-se autores que abordam o espaço público e a vida urbana. O principal referencial teórico e metodológico foi a Teoria da Sintaxe Espacial (TSE), tendo-se utilizado também categorias de análise desenvolvidas por Frederico de Holanda, embasado nas proposições metodológicas de diversos outros autores. Dentro do campo empírico foram feitas análises em diferentes escalas, tendo sido realizado estudos da estruturação do todo da cidade e detalhadas configurações locais da rua XV de Novembro e entorno imediato.

Curitiba, hoje com aproximadamente 1,8 milhões de habitantes se apresenta como a 8º maior capital brasileira. Com mais de três séculos de ocupação urbana, a cidade apresenta um território 100% urbanizado, com a mancha urbana em praticamente toda a extensão territorial. O crescimento da cidade consolidou uma estrutura espacial contínua, formada, em boa parte, a partir de um somatório de fragmentos que se uniram.

O uso da Sintaxe Espacial no estudo da evolução da ocupação urbana permitiu conhecer e interpretar o espaço da cidade de uma maneira não convencional. Foi possível visualizar os diversos arranjos de acessibilidade e suas articulações nos diferentes períodos da história de Curitiba, principalmente, o comportamento da rua XV de Novembro, dentro do processo de crescimento da cidade, identificando o modo em que se insere junto ao todo do tecido urbano em cada uma de suas etapas de evolução e estruturação espacial.

As análises realizadas dentro do contexto histórico mostram que a rua XV de Novembro sempre esteve presente na vida da cidade. Desde os primórdios da ocupação urbana até os dias atuais, o espaço ocupado pela rua XV de Novembro, sempre teve um papel fundamental para Curitiba. Apesar da relação do cidadão com a rua XV ter mudado em mais de 150 anos de história, devido a diversos fatores, a rua continua a

apresentar-se como principal espaço da cidade, lugar de especial significado para seus habitantes.

Já as análises no contexto configuracional da cidade como um todo, permitiram observar que durante toda a ocupação da cidade, a região do centro da cidade (onde se localiza a rua XV de Novembro) sempre se apresentou como um dos espaços mais acessíveis e integrados do contexto urbano. A partir do final do século XIX, a rua XV desponta como um dos eixos com maior integração dentre os demais eixos existentes. A partir da década de 1930 se constatou o estabelecimento de um núcleo integrador no tecido urbano, tendo a rua XV de Novembro como parte deste núcleo. No decorrer do século XX e início do século XXI, percebe-se que junto à consolidação deste núcleo integrador no centro da cidade, há uma extensão deste núcleo em direção à São José dos Pinhais, sudeste de Curitiba, município da região metropolitana. Verifica-se, portanto, que o centro histórico da cidade de Curitiba, mesmo com o passar do tempo e mesmo com o crescimento da malha urbana atua ainda como o centro morfológico da estrutura urbana, favorecendo desta maneira um potencial uso do seu espaço. Destaca-se desta maneira a permanência do núcleo histórico e morfológico na capital paranaense. É no centro, identificado através da estrutura sintática, que estão os espaços públicos mais integrados no contexto da cidade.

A estrutura configuracional nos permitiu, ainda, no nível local, identificar o espaço da rua XV de Novembro, como vazio escavado na massa edificada, um espaço que se configura como paisagem de lugares, onde é possível ver o edifício como figura e o espaço exterior como fundo, mas também é possível ver o espaço exterior como figura contra o fundo dos edifícios, há a reversão figura-fundo, conforme aponta Alexander *et al* (1977) e Holanda (2002), dentro da sua definição do paradigma espacial da urbanidade. Nesse contexto ainda, a massa edificada junto ao espaço público permite a alimentação deste espaço por meio de inúmeras transições (portas) entre interior e exterior das edificações. Estas características propiciam o desenvolvimento de uma vida urbana intensa a partir de uma apropriação cotidiana dos espaços abertos de uso público.

Na avaliação da distribuição das atividades de uso do solo percebe-se a concentração excessiva de comércio e serviço. Em toda a extensão da rua XV e no seu entorno imediato, quase a totalidade das edificações são voltadas a estas atividades. Atualmente, poucas são as edificações que apresentam o uso residencial.

Na análise de como se dá a apropriação da rua XV de Novembro, percebe-se que o fluxo de pessoas é muito alto em períodos comerciais, nos dias de semana, das 08h00m às 19h00m e aos sábados no período da manhã. Em períodos não comerciais (noites e finais de semana) o espaço fica praticamente desertificado, com exceção daqueles períodos em que a via seja utilizada para algum evento específico, programado e organizado para atrair determinado público.

A rua XV de Novembro, juntamente com o centro da cidade, estabelece, em termos funcionais, um ambiente urbano que pressupõe tanto um abastecimento dos seus espaços públicos quanto uma grande diversidade de usuários. Porém o efeito da rua em termos de alimentação do espaço público concentra-se somente nos horários comerciais. A relação entre a distribuição das atividades de uso do solo e o desenho da estrutura viária, identificado na estrutura axial, aponta a coerência entre a locação de atividades e a configuração do tecido urbano. O caráter integrado ao restante da cidade da rua XV de Novembro favorece a localização de atividades de uso do solo relacionadas ao comércio e serviço, pois essas atividades dependem de uma maior acessibilidade e maior movimento de pessoas. Portanto, por ter exatamente esse caráter central e integrador, é que muitas dessas atividades se localizam na rua XV de Novembro. Pode-se concluir, portanto, que o estabelecimento das atividades de uso do solo sofreu as maiores transformações na via. Pelo caráter cada vez mais central e integrador os antigos espaços residenciais deram lugar a espaços de comércio e serviço.

No crescimento das cidades, a continuidade e a integração da malha têm um papel fundamental, gerando, através da diferenciação das vias e, conseqüente hierarquia de funções, o caráter das dispares localidades. Assim, os eixos mais segregados tendem a concentrar usos residenciais e os eixos mais integrados, que conectam as diferentes partes da cidade, tendem a concentrar maior quantidade de veículos e de pessoas, destacando seu caráter de centralidade.

A excessiva especialização do comércio e da atividade terciária na rua XV de Novembro, e em todo o centro da cidade, não favorece a apropriação dos espaços públicos em todos os horários do dia. A falta do uso residencial destaca uma das principais características do logradouro: há muita gente, gente diversificada, mas não gente o tempo todo.

O método de trabalho utilizado nesta pesquisa, incluindo a leitura histórica e a leitura configuracional, permitiu ter uma compreensão total das transformações do território e da rua XV de Novembro. A análise do espaço público resultante possibilitou a compreensão das características formais e da distribuição das atividades como integrantes fundamentais do cotidiano urbano que se estabelece neste local.

Esta pesquisa traz contribuições a respeito da leitura do desenho da cidade, além de incentivos a novas pesquisas de maneira a dar continuidade na metodologia aqui aplicada, ressaltando-se incentivos no desenvolvimento de outras formas de compreensão do comportamento da forma urbana. Vale, como sugestão, a possibilidade de aplicação da metodologia aqui desenvolvida em outras cidades brasileiras de forma a conhecer e comparar as diferentes realidades da forma urbana das nossas cidades, bem como possibilitar o avanço deste método, de forma a identificar novas condições de atração e de limites à apropriação pública e, conseqüentemente, à vida urbana.

Identificadas as permanências e as transformações sofridas no meio urbano da cidade de Curitiba, em especial no tocante a rua XV de Novembro, sua principal via urbana, pode-se concluir que o objeto principal deste estudo continua a ser um dos espaços mais simbólicos e tradicionais da capital. Seja na relação frequente do dia a dia ou na relação esporádica e eventual, é na rua XV de Novembro, palco das atividades culturais, políticas e festivas, que os fluxos e movimentos de Curitiba se encontram. É na rua XV de Novembro, rua das Flores, rua XV, calçadão da XV, na XV, que os curitibanos têm ainda uma de suas principais referências de espaço público como moradores de uma cidade complexa e singular.

REFERENCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALEXANDER, Christopher. Uma Cidade não é uma árvore. Publicada originalmente em Architectural Forum, vol 122, nº 1, abril de 1965, pp. 58-62 (parte I) e vol. 122, nº 2, maio de 1965, pp. 58-62 (parte II). Tradução Mauro Almada.

ALEXANDER, C.; ISHIKAWA, S.; SILVERSTEIN, M. A Pattern Language. New York: Oxford University Press, 1977.

AGUIAR, Douglas. Urbanidades. Em AGUIAR, Douglas, NETTO, Vinicius M. (org.), Urbanidade e a qualidade da cidade (61-79). Rio de Janeiro: Folio Digital, 2012

BOSCHILIA, Roseli T. Rua XV e o comércio no início do século. . Boletim Informativo da Casa Romário Martins. Curitiba, v.23, n.113, nov.1996.

CURITIBA. Prefeito. Relatório do Secretário de obras da Prefeitura, Adriano Goulin, na mensagem do prefeito Joaquim Pereira de Macedo à Câmara Municipal, em 21/12/1912.

DUARTE, Ótávio. Imagens da evolução de Curitiba. Luiz Antonio Guinski. Curitiba, 2002.

DUDEQUE, Irã Taborda. Nenhum dia sem uma linha: uma história do urbanismo em Curitiba. Studio Nobel, São Paulo, 2010.

FENIANOS, Eduardo Emílio. Almanaque Kúr'ýt'ýba. Univer Cidade. Curitiba, 2012.

FENIANOS, Eduardo Emílio. Centro, aqui nasceu Kúr'ýt'ýba. Univer Cidade. Curitiba, 2006.

GARCEZ, Luis Armando. Curitiba: evolução urbana. Curitiba: Imprensa Universitária da UFPR, 2006.

GEHL, J. Life between buildings: using public space. Copenhagen: The Danish Architectural Press, 2006.

- HILLIER, Bill e HANSON, Julienne. *The Social Logic of Space*. Cambridge University Press, 1984.
- HILLIER, Bill. *Morfologia urbana e las leyes del objecto* (mimeo), 1986.
- HOLANDA, Frederico & GOBBI, Cristina. *Forma e uso do espaço urbano – estudos de caso assistidos por computador*. Brasília, Editora UnB, 1988.
- HOLANDA, Frederico. *O Espaço da exceção*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2002.
- HOLANDA, Frederico (org.) *Arquitetura & Urbanidade*. São Paulo: Pro-editores, 2003.
- HOLANDA, F. D. *Brasília cidade moderna, Cidade eterna*. Brasília: FAUUnB, 2010.
- HOERNER Junior, Valério. *Ruas e histórias de Curitiba*. Ed. 2. Artes e textos, 2002.
- JACOBS, Jane. *Morte e Vida de Grandes Cidades - São Paulo/SP*. Editora Martins Fontes, 2009.
- LERNER, Jaime. *Acupuntura urbana*. Rio de Janeiro: Record, 2005.
- LOBATO CORRÊA, Roberto. *O espaço urbano*. São Paulo: Ática, 1989.
- PANERAI, P. *Análise urbana*. Brasília: Editora Universidade de Brasília, 2006
- PEPONIS, J. *Espaço, cultura e desenho urbano no modernismo tardio e além dele*. Revista AU, n. 41, 1992.
- PILOTTO, A.S. *Área metropolitana de Curitiba – um estudo a partir do espaço intra-urbano*. 200f. Dissertação (Mestrado em planejamento urbano e regional) – Universidade de São Paulo, São Paulo, 2010.

REIS, Almir Francisco. Forma e apropriação dos lugares públicos: Um estudo sintático do Centro de Florianópolis. Brasília, 1994. Dissertação (Mestrado em Desenho Urbano), Instituto de Arquitetura e Urbanismo – UNB.

ROSSI, Aldo. A arquitetura da cidade. 2ª edição, São Paulo, WMF Martins Fontes, 2001.

SANTOS, Milton. Por uma Geografia Nova. São Paulo: Hucitec, 1980.

SCHUSSEL, Zulma das Graças Lucena. A aglomeração metropolitana de Curitiba e as tendências contemporâneas do planejamento urbano. 348f. Tese (Doutorado em meio ambiente e Desenvolvimento) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2006.

SENNET, Richard. O declínio do homem público: as Tirantias da intimidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.

SITTE, Camillo. A construção de cidades segundo seus princípios artísticos. São Paulo: Editora Ática, 1992.

SOLÁ-MORALES. Manuel de. Las formas de crecimiento urbano. Barcelona: Edicions UPC, Barcelona, 1993.

STOCCHERO, Synval. Curitiba na mira do fotógrafo. Fundação cultural de Curitiba, Curitiba, 2010.

TENORIO, Gabriela de Souza. Ao desocupado encima da ponte. Brasília, arquitetura e vida pública. Brasília: Universidade de Brasília, 2012. (tese de doutorado)

WACHOWICZ, Ruy. História das histórias da Rua XV. Nicolau, Curitiba, v.8, n55, Secretaria de Estado do Paraná, 1994.